

MARINA MENEZES

PROJETOS E PRÁTICAS FAMILIARES
Expectativas de pais sobre o futuro dos filhos

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação do Departamento de Psicologia da Universidade Federal de Santa Catarina, como requisito à obtenção do Título de Mestre em Psicologia.

Orientadora: Dr^a. Nadir Zago

Florianópolis
Universidade Federal de Santa Catarina
Ano 2000.

MARINA MENEZES

PROJETOS E PRÁTICAS FAMILIARES
Expectativas de pais sobre o futuro dos filhos

Universidade Federal de Santa Catarina
Programa de Pós-Graduação em Psicologia
Área de Concentração
Psicologia e Sociedade

Florianópolis

Ano 2000.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA

Centro de Filosofia e Ciências Humanas

Programa de Pós-Graduação em Psicologia – Mestrado

***PROJETOS E PRÁTICAS FAMILIARES. EXPECTATIVAS DOS PAIS
SOBRE O FUTURO DOS FILHOS***

Marina Menezes

Dissertação defendida como requisito básico para obtenção de Grau de Mestre no Programa de Pós-Graduação em Psicologia – Mestrado, Área de Concentração: Psicologia e Sociedade e aprovada pela Banca Examinadora composta pelos seguintes professores:

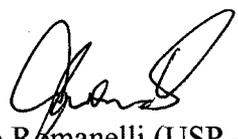


Prof. Dr. José Carlos Zanelli
Coordenador do Curso

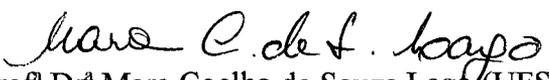
Banca Examinadora:



Prof.ª Dr.ª Nadir Zago (UFSC)
Orientadora



Prof. Dr. Geraldo Romanelli (USP – Ribeirão Preto)



Prof.ª Dr.ª Mara Coelho de Souza Lago (UFSC)

APROVADA PELA BANCA EXAMINADORA EM, 06/10/2000.

Dedico esse trabalho aos meus pais, Gilson e Aldacy, por possibilitarem a concretização desse e de outros projetos, que me permitiram vislumbrar um futuro repleto de perspectivas; e a César, com quem os projetos de futuro estão sendo construídos.

AGRADECIMENTOS

às famílias participantes dessa pesquisa, pela oportunidade de conhecer e compreender os processos pelos quais os projetos de futuro para seus filhos são construídos;

à equipe de profissionais da Escola Estadual Professor Henrique Stodieck, que viabilizou o início desse estudo;

à Nadir Zago, pelas orientações cercadas de profissionalismo e dedicação, que possibilitaram realizar um projeto chamado *Mestrado*;

à Emeli, cujo apoio e companheirismo tornaram esse projeto menos árduo;

à Maria José Viana, pelas valiosas contribuições a respeito do tema tratado nesse estudo;

à Marcia Battiston, essencial com sua ajuda, estímulos e amizade;

enfim, à todas as pessoas que contribuíram para a transformação dessa pesquisa, em realidade concreta.

RESUMO

A presente pesquisa objetivou descrever e analisar a natureza dos projetos de futuro pessoal, escolar e profissional e das práticas educativas familiares que visam a concretização de expectativas de pais de alunos das 8^{as} séries do ensino fundamental de uma escola pública da Grande Florianópolis. Para tanto, o objeto de estudo configurou-se em três dimensões básicas, referentes à noção de projeto; à definição e construção dos projetos familiares; e à existência de práticas educativas familiares articuladas aos projetos de futuro para os filhos, procurando verificar se esses projetos e práticas seriam generalizados para todos os filhos ou se haveriam variações segundo os resultados escolares. Na construção dessa dissertação, contou-se com o referencial teórico de vários autores como Velho (1997) e Schutz (1979) sobre a noção de projeto; assim como Romanelli (1986); Nogueira (1998); Lahire (1997); Viana (1998), entre outros, que relacionam a formulação de projetos com a unidade familiar. Os procedimentos de coleta de informações, assim como a metodologia que caracteriza essa pesquisa de cunho qualitativo e fenomenológico, foram estabelecidos a partir de um questionário que caracterizou a população das 8^{as} séries e de critérios que possibilitaram selecionar as seis famílias entrevistadas. A seleção dos discursos das famílias, submetidos a um conjunto de categorias temáticas, baseadas no método de análise de conteúdo, permitiu compreender e interpretar, a partir da fala dos entrevistados, suas percepções sobre a construção de projetos de futuro e a utilização de práticas educativas; considerando o contexto e a história particular de cada família. Os dados permitiram concluir que o capital cultural e as categorias sócio-profissionais dessas famílias, servem como indicadores que as caracterizam num segmento intermediário entre os meios populares e as camadas médias da sociedade. A análise das entrevistas das seis famílias, revelam a existência de projetos de futuro, centralizados em na escolaridade prolongada e em escolhas profissionais que permitam aos filhos, superar a condição dos pais, apontando para uma ideologia familiar que considera a universidade um meio de alcançar profissões mais reconhecidas socialmente e melhores remuneradas. Evidenciou-se um constante acordo entre os pais sobre os projetos de futuro para os filhos, fruto talvez, da união conjugal estável de todas as famílias, embora, haja uma participação mais efetiva das mães. Poucas foram as variações referentes à questão de gênero e à questão do desempenho escolar diferenciado, o que demonstra que os pais desses alunos projetam o futuro de todos os seus filhos, fundamentados numa lógica de renovação e superação de suas próprias condições econômicas, sociais e culturais.

ABSTRACT

The present research sought to describe and analyze the nature of the personal, educational and professional prospects and the family educative practices which aim at the realization of parents' expectations of 8th grade students of a state-run school located in the region of Florianópolis. For such, the study object has three basic dimensions - one concerning the notion of prospect; one the definition and accomplishment of family prospects; one the existence of educative practices articulated to the prospects for the children - seeking to verify whether these prospects and practices would be generalized to all of the other children, or there would be variations based on the school evaluation results. This thesis relied on the theoretical framework proposed by such authors as Velho (1997) and Schutz (1979) as to the notion of prospect; as well as on Romanelli (1986), Nogueira (1998), Lahire (1997), Viana (1998), among others, who relate the formulation of prospects to the family unit. The procedures for data collection of the information, as well as the qualitative method which characterizes this research, were established based on a questionnaire whose results characterized the 8th graders, and on criteria which allow for the selection of the six families interviewed. The selection of the families' speeches, classified as thematic categories, based on the content analysis method, allowed the understanding and interpretation, based on the interviewee's speeches, of their perceptions of the accomplishment of the prospects and the use of educative practices, considering the context and the history of each family. The data allowed the conclusion that the cultural capital and the socio-professional categories of these families are indicators to characterize them in an intermediate segment between the working class and the middle class. The analysis of the interview with the six families reveals the existence of prospects, centered on the continued education and of the professional choices which allow the children to surpass the conditions of their parents, pointing to an family ideology which considers the university a means to achieve more socially recognized and better paid professions. A constant agreement of the parents on the prospects for their children was verified, perhaps a result of the stable condition of all the families, though there is a greater participation of the mothers. Few were the variations concerning the issue of gender and distinct school performance, which show that these students' parents see their children's prospects grounded on the logic of the surpassing of their own economical, social and cultural conditions.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....	09
INTRODUÇÃO.....	13
CAPÍTULO I	
A NOÇÃO DE PROJETO.....	21
1. Projetos Familiares.....	30
CAPÍTULO II	
PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	39
1. Objetivo da Pesquisa.....	39
2. Objeto de Estudo e Procedimentos de Coleta de Informações.....	40
2.1. Os Alunos das 8 ^{as} séries.....	44
2.2. As Famílias Estudadas.....	48
2.3. Condução das Entrevistas.....	49
3. Seleção e Análise das Entrevistas.....	51
CAPÍTULO III	
ANÁLISES E RESULTADOS.....	53
Parte I	
1. Algumas Considerações Sobre as Famílias Entrevistadas.....	53
1.1. Família Raul.....	53
1.2. Família Julian.....	54
1.3. Família Plínio.....	56
1.4. Família Roberto.....	57
1.5. Família Luana.....	59
1.6. Família Suzana.....	61
Parte II	
2. Análise das Categorias Temáticas.....	71
2.1. Categoria 1: Projetos para os Filhos.....	75
2.2. Categoria 2: Práticas Educativas e sua Relação com os Projetos Familiares.....	93
CONCLUSÕES.....	107
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	112
ANEXOS.....	117

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: História da Escolaridade Familiar.....	62
Quadro 2: Ocupação Profissional Familiar.....	64
Quadro 3: Renda Mensal Familiar.....	65
Quadro 4: Adequação Idade/série dos Filhos e Reprovações.....	68
Quadro 5: Depoimentos dos Pais Sobre o Desempenho Escolar de Cada Filho.....	70
Quadro 6: Projetos Profissionais e Escolares dos Pais.....	86

APRESENTAÇÃO

As origens do tema desta dissertação de mestrado, encontram-se inicialmente estruturadas na prática docente realizada em uma universidade em Santa Catarina¹, mais precisamente nas atividades de supervisão de estágio em Psicologia Clínica Infantil, em que famílias oriundas de meios sócio-econômicos mais desfavorecidos recebem atendimento clínico e orientações sobre desenvolvimento, comportamento e escolaridade de seus filhos, entre outros.

Esta experiência permitiu observar a crescente busca de auxílio profissional por parte dos pais, como uma tentativa de encontrar respostas e soluções para as dificuldades que encontravam frente aos “comportamentos indesejados” que seus filhos apresentavam, no meio social, familiar e, principalmente, escolar.

Através dos contatos com essas famílias, verificou-se que a grande maioria atribuía o rótulo de “comportamentos indesejados” às atitudes manifestadas por seus filhos que, de alguma maneira, chocavam-se com o que era esperado ou idealizado para eles. Eram comuns os relatos de pais que alegavam “não compreender” por que seus filhos não respondiam aos seus desejos e esperanças.

Essas observações possibilitaram constatar que os pais estavam insatisfeitos e buscavam formas de solucionar e amenizar suas dúvidas quanto à educação dos filhos. Tais observações também conduziram a questionamentos sobre quais as atitudes idealizadas por esses pais para que seus filhos correspondessem às suas expectativas.

Ao iniciar o mestrado, esta era a inquietação que se transformou no objeto de estudo da presente pesquisa: compreender quais são os projetos de futuro pessoal,

¹ Universidade do Vale do Itajaí - UNIVALI, localizada em Itajaí-SC.

escolar e profissional que os pais, têm para seus filhos e quais são as práticas utilizadas pela família a fim de viabilizar esses projetos.

No caso da pesquisa aqui apresentada, pretendia-se ouvir os pais pertencentes a meios menos favorecidos sobre as projeções de futuro para seus filhos. Para tal fim, selecionou-se uma escola pública, pois é nela que se encontra a população que possui maiores dificuldades econômicas, nível de escolaridade mais reduzido e atividade profissional mais centralizada em ocupações manuais.

Outro procedimento adotado, foi selecionar alunos das 8^{as} séries, pois esse nível de escolaridade, encontrava-se mais próximo da passagem para o ensino médio e favoreceria a conversação com suas famílias, a respeito das expectativas quanto ao futuro escolar, pessoal e profissional de seus filhos. Objetivou-se selecionar alunos que não fossem filhos únicos e que apresentassem notas acima da média da escola nas disciplinas de Matemática e Português, a fim de verificar se em uma mesma família haveriam desempenhos escolares diferenciados e se esse fator traria influências na construção de projetos de futuro.

Diante de tal delimitação, observou-se que os filhos das famílias selecionadas (matriculados no final do ensino fundamental da escola pública) apresentavam variações em decorrência do nível de escolaridade dos pais e, principalmente da renda mensal familiar. Assim, estudar em escola pública não representou um indicador suficiente para caracterizar a população pesquisada como pertencente a meios populares.

As famílias participantes da pesquisa, caracterizaram-se então, como uma população heterogênea, tanto em relação ao nível de escolaridade dos pais, quanto em termos de renda mensal, embora a maior parte dos pais e das mães, tenham ocupações manuais. Assim, seria demasiadamente arriscado tentar enquadrar a população pesquisada em uma classificação estanque. Por exemplo, Viana (1998), ao pesquisar a longevidade escolar em meios populares, propõe uma conceituação a partir da análise da *complexidade da realidade de classe* e suas diferentes dimensões como as etnias, as culturas, os espaços, o estilo de vida e o processo de escolarização. Considera características que configuram uma certa homogeneidade e uma grande heterogeneidade *interna* presentes nas camadas populares. Porém, a

autora ressalta que em detrimento das transformações recentes dos modos de vida e da economia, que de alguma forma amenizam as diferenças entre as classes sociais, ainda há uma tendência em identificar as camadas populares, segundo os critérios clássicos: renda, ocupação, escolaridade, etc. A heterogeneidade, encontrada no interior das camadas populares, representa um fenômeno observado também em outros segmentos sociais.

As informações, coletadas junto às seis famílias participantes da pesquisa, permitiram concluir que parte delas, pertencem a uma população cuja categoria sócio-profissional (três pais e seis mães têm ocupações manuais) e o capital cultural familiar (oito pais tem escolaridade em torno do ensino fundamental e quatro em torno do ensino médio), encontram-se próximos aos padrões observados nos meios populares, porém, a renda mensal familiar geral e algumas ocupações técnicas de nível médio, (desempenhadas por três, dos seis pais), demonstram proximidade maior com as camadas média e média baixa². Assim, as famílias poderiam, a despeito deste difícil enquadramento, situar-se em termos sócio-econômicos, no espaço *intermediário* entre os meios populares e as camadas médias da sociedade.

Na construção dessa dissertação, também contou-se com a literatura desenvolvida através de investigações de autores como Velho (1997) e Schutz (1979) sobre a noção de projeto; Romanelli (1986); Zago (1995 e 2000); Nogueira (1998); Lahire (1997); Viana (1998), entre outros, que relacionam a formulação de projetos à instituição familiar, assinalando que é no interior da mesma que se criam e organizam-se os projetos de futuro. Projetos pensados a partir de capitais culturais e sociais existentes nas próprias famílias. E nesse sentido é a escolaridade dos filhos um dos fatores mais citados na construção de tais projetos. Essas disposições teóricas formam o Capítulo I deste estudo.

Os procedimentos de coleta de informações, assim como a metodologia que caracteriza essa pesquisa de cunho qualitativo e fenomenológico, encontram-se presentes no Capítulo II, que propõe esclarecer a seleção e a condução dos instrumentos utilizados à obtenção, disposição e interpretação dos dados, em dois

² Utilizou-se as noções de Quadros (apud Nogueira, 1995) para a classificação dos segmentos sociais, denominados *classes médias*, delimitadas através do critério "ocupação profissional" de níveis médio e superior de escolaridade.

momentos distintos. O primeiro visa caracterizar a população das 8^{as} séries; o segundo, relaciona-se às famílias entrevistadas.

O Capítulo III, referente à análise e compreensão do conteúdo presente nas entrevistas, também encontra-se subdividido. Na primeira parte, estão desenvolvidas algumas considerações sobre as famílias entrevistadas, a partir das trajetórias escolares e profissionais que compõem a história familiar. A segunda compreende o tratamento dessas informações submetidas a um conjunto de categorias que objetivam demonstrar a interpretação e a compreensão do fenômeno estudado a partir da fala dos entrevistados.

As conclusões, a respeito da construção dos projetos de futuro para os filhos, bem como a utilização de práticas educativas – com as peculiaridades que envolvem o universo destas famílias – estão formuladas na parte das conclusões desse trabalho. E por último, encontram-se a bibliografia consultada e os anexos correspondentes aos procedimentos utilizados para a seleção das famílias pesquisadas, e que finalizam a presente dissertação.

INTRODUÇÃO

A aproximação de autores que teorizam a respeito da organização, composição e articulação das famílias representa um ponto central neste estudo. Porém, o objetivo não será o de apresentar um debate exaustivo sobre o assunto, mas contextualizar a família e relacioná-la (mais especificamente a relação entre pais e filhos em termos educacionais) às projeções de futuro dos filhos, configuradas em projetos pessoais, escolares e profissionais.

A família representa um espaço em que estariam presentificadas algumas das noções mais importantes na formação dos filhos, apresentando-se como uma mediadora entre indivíduo e sociedade; proporcionando a formação da primeira identidade social.

Historicamente, a compreensão do que representa a família, como é construída e organizada, pode ser apreciada a partir de variados autores. Poster (1979), descreveu quatro modelos de família, com base em dados da história da família européia, em que realiza uma teoria crítica da família. O primeiro modelo, da família aristocrática (séculos XVI e XVII), caracterizava-se pela pouca valorização dos cuidados maternos com os filhos e da pouca privacidade com a vida doméstica. O segundo modelo, da família camponesa (séculos XVI e XVII), apresentava características semelhantes ao primeiro, no que diz respeito à privacidade e a pouca intimidade nas relações emocionais entre pais e filhos. A unidade central da família baseava-se na aldeia e não na vida conjugal. A lei familiar era imposta pela força física (castigos) e não pela ameaça de retirada de afeto. O terceiro modelo, da família burguesa (meados do século XIX), era demarcado pela intensa afetividade entre pais e filhos, substituindo a punição do castigo físico pelas ameaças de retirada de amor. Isso porque a autoridade restrita aos pais representava o padrão emocional desse modelo. O quarto modelo, da família trabalhadora (início da

revolução industrial), tinha o trabalho como garantia da sobrevivência, pois as condições de vida eram precárias. A independência e a socialização dos filhos ocorria através do trabalho nas fábricas. Com as conquistas trabalhistas, esse modelo de família foi integrando-se ao modelo burguês, surgindo aliados como o Estado e a Medicina que contribuíram para a valorização da criança, da privacidade do lar e da vida conjugal. “Os quatro modelos acima descritos sugerem que a história da família consiste em padrões familiares distintos, cada um deles com sua própria história, cada um deles requerendo o seu próprio conjunto de explicações de origem e mudança” (Poster, 1979, p.215-216).

Essa análise histórica, sobre as mudanças processadas na família, não poderia ignorar as contribuições de Ariès (1981), que define e explicita duas teses a respeito da família e as relações afetivas com os filhos, tomando como base as mudanças sociais e históricas vividas pela sociedade.

Para Ariès, num primeiro momento, a “sociedade tradicional” (séc.XVIII) tratava a infância como um período frágil e reduzido, em que a criança era integrada ao mundo dos adultos, compartilhando de seus trabalhos e jogos ainda em tenra idade. A transmissão de conhecimentos e valores não era assegurada e acompanhada pela família. Entretanto a educação das crianças, era obtida através do convívio dessas com os adultos nas atividades diárias do cotidiano.

Num segundo momento, na “sociedade industrial” (séc. XIX), a aprendizagem familiar, como meio de educação, foi substituída pela escola. Assim, a criança foi separada dos adultos e mantinham-se nas escolas ou colégios, cujos valores morais eram regidos pela Igreja ou pelo Estado. Essas concepções levaram a família a transformar-se num lugar de afeição entre os pais, e destes com os filhos. A manifestação dessa afeição era expressa principalmente na educação e no interesse dos pais pelos estudos de suas crianças .

Ariès, através de sua análise, observou uma mudança essencial na estrutura da família, quando esta passou da sociabilidade aldeã à privacidade isolada. O surgimento da família nuclear burguesa, composta por pai, mãe e filhos, cujas relações estavam combinadas pela autoridade e pelo amor , constituiu as bases fundamentais para a família moderna. Esse modelo de família, apresentava:

(...) um novo conjunto de atitudes em relação às crianças. Ao descrever as formas de intimidade entre pais e filhos – e principalmente a supervalorização do amor materno – na família emergente, Ariès indica que a análise da família deve se preocupar não apenas com as dimensões dessa instituição, mas também com as qualidades emocionais das relações familiares (...) (Bruschini, 1990, p.38-39).

Lovisoló (1987), tomando por base a obra de Ariès, ressalta que na modernidade, a família urbana passa a viver de forma mais intensa a “família nuclear”, e vivencia transformações relativas à queda da natalidade, do investimento afetivo e econômico crescente em cada filho, e da educação como uma das formas de exercitar a afetividade.

Surge, então, o modelo ideal de família, formado pelos pais e os filhos (poucos), vivendo num clima afetivo protegido das “intromissões externas; com uma preocupação centrada na vida escolar e no futuro profissional das crianças. Esse é o padrão que passa a vigorar sobretudo nas camadas médias da sociedade, a partir das quais se expandirá em todas as direções. E, então, entre a família e o mundo dos adultos, emerge a mediação da escola enquanto instância que partilha características e padrões de ambos (Lovisoló, 1987, p.54).

Historicamente, observa-se que as transformações no mundo do trabalho e da urbanização trazidas pela industrialização tornou reduzido o espaço social das famílias nas sociedades, diminuindo, por consequência, a capacidade de controle sobre os membros familiares. Diante dessas transformações, a escola acabou assumindo funções que anteriormente pertenciam aos pais. As famílias tradicionais detinham o controle sobre seus filhos em relação a quase tudo: conduta, hábitos, linguagem, pensamento, crenças, relações de vida privada e futuro profissional. Com a evolução social e a evolução dos costumes, a escola passou a representar um “espaço socializador” para funções desempenhadas outrora pelas famílias, em especial no que diz respeito à preparação para o trabalho. Sendo outorgadas essas funções à escola, a família ampliou o espaço para as relações afetivas com os filhos (Sacristán, 1999).

Na sociedade ocidental moderna, o modelo de família predominante - família nuclear - composto pelo grupo formado por marido, esposa e filhos, tem na relação

conjugal o elo mais importante, em que há a predominância do parentesco bilateral. “O papel do pai, via de regra, identifica-se com o de pai biológico. O controle da sexualidade feminina apoia-se na necessidade de determinar e garantir a paternidade biológica. Nesse sistema, os indivíduos adultos pertencem a duas famílias distintas, de origem e procriação” (Bruschini, 1990, p.37). Porém, é necessário ressaltar que existem muitas exceções a esse modelo, o que confere uma elasticidade que permite transformações no padrão, caracterizando a família como uma instituição passível de mudanças.

Para Bruschini, segundo as formulações teóricas de Lévi-Strauss, a família que é concebida dentro do modelo nuclear, estaria apoiada no matrimônio monogâmico, no estabelecimento independente do casal e nas relações afetivas entre pais e filhos. A vida familiar mostra-se presente em quase todas as sociedades humanas, sendo definida como um grupo social com características específicas, que tem sua origem com o casamento. É composta pelo marido, esposa e filhos (frutos do casamento); os membros encontram-se unidos por laços legais, por direitos e obrigações econômicas e religiosas; por vínculos afetivos (amor, respeito, temor) e por proibições sexuais (como o tabu do incesto). Segundo Sarti (1995), também a partir de Lévi-Strauss, a família entrou para os domínios da cultura, pois o fundamento da família não estaria na natureza biológica do homem, mas em sua natureza social.

Em relação ao contexto brasileiro, a família historicamente passou por inúmeras alterações em sua estrutura, decorrentes das mudanças políticas e sociais a que esteve exposta. O modelo da família, na sociedade colonial do Brasil, caracterizava-se por delegar aos filhos, importância e valorização enquanto elementos postos a serviço do poder paterno. “A família funcionava como um epicentro do direito do pai que monopolizava o interesse da prole e da mulher” (Costa, 1983, p.153). Dos padrões culturais importados de Portugal e impostos à Colônia, foram surgindo, por volta dos séculos XVI e XVII, o modelo de família patriarcal, caracterizado pela importância central do núcleo conjugal e autoridade masculina (patriarca). Esse modelo baseava-se numa distribuição hierárquica de papéis; no controle da sexualidade feminina; nos casamentos de conveniência com objetivo de estabelecer alianças e na permissividade dos homens em buscar

satisfação sexual e emocional fora do matrimônio, estendendo-se dessa forma sua prole (bastardia). A partir do século XIX, com as mudanças provocadas pela abolição da escravatura e pela industrialização, a família perde sua função econômica e política dos tempos coloniais. Passa então, a deter-se nas atribuições de procriação e disciplina no impulso sexual. Os filhos libertam-se da tutela patriarcal devido às oportunidades de trabalho e a valorização da capacidade intelectual e à instrução. Há um rompimento da tradicional divisão de trabalho, com o ingresso da mulher nesse campo. Os casamentos começam a ser realizados por interesses individuais, porém, o predomínio da dupla moral sexual do modelo de família patriarcal permanece (Cândido apud Bruschini, 1990).

As mudanças ocorridas no século XIX conduziram a mulher a novos papéis. O trabalho assalariado feminino bem como a instrução e as oportunidades educacionais ampliaram-se. A maternidade, baseada em habilidades especializadas, assume valor central para as mulheres de famílias de classe média e alta. Ao final dos anos trinta, "(...) família havia se tornado talvez menos rígida hierarquicamente, mas não menos importante como uma instituição para controlar a sexualidade das mulheres e preservar as relações de classe" (Ibid, 1990, p.67).

Décadas depois, com o aumento do número de mulheres trabalhadoras e os meios de contracepção eficazes - amplamente disponíveis - surgiram o desejo de oportunidades iguais de trabalho e a emancipação sexual. O feminismo e os estudos sobre a condição feminina dos anos 70 em diante possibilitaram maiores questionamentos e críticas sobre a estrutura opressiva da família (Bruschini, 1990).

Sarti (1995) assinala que atualmente a família, a sexualidade e o trabalho passaram a ser concebidos como parte de um projeto no qual a individualidade tem um valor expressivo e adquire cada vez mais, importância social. A afirmação dessa individualidade relaciona-se com as mudanças sociais e traz consigo influências na organização das relações familiares baseadas nos princípios da reciprocidade e hierarquia. "Há, portanto, duas áreas em que as mudanças incidiram de forma significativa, alterando a ordem familiar tradicional: a autoridade patriarcal e a divisão de papéis familiares, modificando substancialmente as relações entre o homem e a

mulher e aquelas entre os pais e os filhos, no interior da família” (Sarti, 1995, p.43-44).

Algumas concepções atuais definem que a família organiza-se sob o prisma de um “grupo doméstico” ou de uma “unidade residencial” que é restrita aos membros de uma família ou ampliada pela entrada de pessoas que se relacionam ou não por algum parentesco, mas que mantêm vínculos criados a partir de um arranjo familiar comum. Assim, a família representaria “(...) um grupo social concreto, que existe como tal na representação dos seus membros, que é organizado em função da reprodução (biológica e social) pela manipulação, de um lado, dos princípios formais de aliança, da descendência e da consangüinidade e de outro, das práticas substantivas da divisão social do trabalho” (Durham apud Bruschini, 1990, p.33-34). Durham propõe ainda que uma análise da estrutura familiar requer a dissolução da sua aparência de naturalidade, para que essa possa ser percebida como “criação humana mutável”, considerando que as organizações entre as relações conjugais, a rede de parentesco e a unidade doméstica podem mostrar-se de formas distintas em momentos históricos e sociedades diferenciadas.

Na pesquisa aqui apresentada, partilha-se deste conceito de família, tomando-o como referencial teórico a fim de compreender os sujeitos participantes e suas articulações na construção de projetos familiares de futuro. Esse conceito (somado às idéias de Reis (1987) que considera necessário entender o grupo familiar dentro do contexto social e histórico a que está exposto) compreende a família como uma instituição criada por homens em relação entre si, constituída em formas, tempos e situações diferentes e que possui representações socialmente elaboradas para orientar a conduta de seus membros.

Porém, a família organiza-se e constitui-se, também, a partir de uma condição básica para sua existência: a reprodução. Essa função biológica estende-se e alcança o campo da função ideológica que, por sua vez, permite a reprodução social, pois na família, os indivíduos serão educados para continuar biológica e socialmente a estrutura familiar. Por conta disso, a família irá ensinar a seus membros como se conduzirem fora das relações familiares e nas mais diferentes situações, definindo-se como uma instituição formadora do cidadão. (Reis, 1987).

Outros autores abordam o significado da instituição familiar, como Gomes (1988), que ao entrevistar famílias no ano de 1987, em São Paulo, buscava compreender o *significado de família*. As conclusões apontam para a construção de um “discurso oficial”, apoiado nas concepções da *família pensada* e na concepção da *família vivida*.

O discurso da *família pensada* caracterizou-se por:

Uma união exclusiva de um homem e uma mulher; que se inicia por amor, com a esperança de que o destino lhes seja favorável e que ela seja definitiva. Um compromisso de acolhimento e cuidado para com as pessoas envolvidas e expectativa de dar e receber afeto, principalmente em relação aos filhos. Isto, dentro de uma ordem e hierarquia estabelecida num contexto patriarcal de autoridade máxima que deve ser obedecida, a partir do modelo pai-mãe-filhos estável (Gomes apud Szymanski, 1995, p. 25).

Para a autora, cada família estabelece uma “cultura” própria, com formas de comunicação e interpretação, regras, ritos e jogos, bem como um universo particular de significados. Esses significados revelam-se como ações “(...) interpretadas num contexto de emoções entrelaçadas com o crivo dos códigos pessoais, familiares e culturais mais amplos” (Ibid, p.25).

As emoções e suas interpretações criam ações que compõem o universo do mundo familiar, revelando o que Gomes descreve como a *família vivida*, compreendida como “(...) um grupo de pessoas, vivendo numa estrutura hierarquizada, que convive com a proposta de uma ligação duradoura, incluindo uma relação de cuidado entre os adultos e deles para com as crianças e idosos, que aparecerem nesse contexto” (Gomes Ibid, 1995, p. 26).

Romanelli (1995) assinala que as relações familiares estão condicionadas às trajetórias individuais de cada um de seus membros e ao modo como essas articulam-se entre si, criando novas situações. Assim, como grupo de convivência, a unidade doméstica é um mediador fundamental de disciplina e orientação das possibilidades de realizar concretamente as aspirações e interesses particulares das famílias, dentro ou fora do seu contexto. Conciliar projetos individuais de cada um, com o que é estabelecido como projeto coletivo, representa uma das maiores

necessidades da vida doméstica. "Por tudo isso, a vivência familiar nunca é apenas a reposição de formas de conduta ou de modelos já estabelecidos, nem a família é instituição dedicada a assegurar a continuidade inalterada do processo de reprodução social" (Romanelli, 1995, p.76). O autor propõe ainda, a compreensão das ações familiares, como sendo ações de um grupo de convivência, cuja dinâmica exige de seus membros um constante "repensar o presente e o futuro", reorganizando constantemente suas estratégias.

Com referência às idéias desses autores, a respeito da unidade familiar como um espaço fundamental à compreensão da construção de projetos, centralizou-se a discussão dessa pesquisa em torno dos "projetos familiares" e dos "projetos escolares e profissionais", visivelmente presentes nos discursos das famílias entrevistadas e nos quais buscou-se o apoio teórico necessário para melhor defini-los e contextualizá-los.

CAPÍTULO I

A NOÇÃO DE PROJETO

Etimologicamente, a palavra **projeto** derivada do latim *projectus*, refere-se a algo como um jato lançado para frente, relacionando-se a outras palavras como **sujeito, objeto e trajeto**. No sentido de sujeito, a palavra projeto relaciona-se tanto com o que é submetido à ação, como com o que a realiza; em relação à palavra objeto, pode nomear o objetivo de uma ação transformadora do real, como também, a porção de realidade na qual essa ação efetua-se; e no sentido da palavra trajeto, a relação é de caminho já percorrido ou a percorrer. Em todos esses sentidos, projeto pode designar "(...) tanto aquilo que é proposto realizar-se, como o que será feito para atingir tal meta (...)" (Machado, 1997, p.64).

Projeto representa sempre uma referência ao futuro, diferente porém, de uma previsão, prospectiva ou conjectura, que representam genericamente o caráter antecipador sem muitas vezes relacioná-lo a um futuro a realizar-se, e sim apenas anunciando acontecimentos suscetíveis de ocorrer. Esses podem representar uma simples previsão de estratégias possíveis, mas que não se constituem em realização das mesmas por parte dos atores. Para Barbier (apud Machado, 1997, p.64): "O projeto não é uma simples representação do futuro, do amanhã, do possível, de uma idéia, é o futuro a fazer, um amanhã a concretizar, um possível a transformar em real, uma idéia a transformar em ato".

Comumente, o emprego mais corrente desse termo apresenta-se sob formas variadas: desde as que se referem a projeto no sentido de plano, esboço, criação, ou desenho, como as que se referem a projeto como sonho, ilusão ou utopia de caráter "pessoal e social".

Essa noção do caráter humano e pessoal de projeto, cujas implicações remetem a aspectos sociais e fenomenológicos motivou o interesse em investigar, além desta pluralidade, o sentido de projeto a partir de uma revisão bibliográfica de estudos sistematizados de autores como Schutz (1979), Velho (1986, 1994 e 1997), Bourdieu (1989, 1992 e 1998), entre outros que de alguma forma abordam o tema dentro do aspecto social e humano.

A perspectiva de projeto, na concepção de Gilberto Velho (1997), encontra-se respaldada sob o prisma de projeto e individualidade, tendo seu ponto de partida na noção de que os indivíduos escolhem ou podem realizar suas escolhas pois, em toda a sociedade, a possibilidade de individualização é viável, mesmo nas culturas organizadas de forma hierárquica. Porém, sendo o indivíduo exposto constantemente às interações com o meio social, Velho propõe uma “*relativização*” da noção de projeto individual, problematizando-o em relação aos círculos sociais. Dessa forma, não existe um projeto individual “*puro*” sem referência ao contexto social, pois: “Os projetos são elaborados e construídos em função de experiências sócio-culturais, de um código, de vivências e interações interpretadas” (Velho, 1997, p. 26). Sob esse prisma é que será discutida a noção de projeto na presente pesquisa. O entendimento defendido por Velho, a respeito de projeto, encontra-se apoiado nas formulações de Schutz.

Para Schutz (1979), a noção de projeto compreende os conceitos de *ação*, *motivação* e *racionalidade* que regem a conduta humana. Para o autor, projeto representa a antecipação de uma conduta futura, possível por meio da fantasia, em que o agente se vê imaginando a ação futura que realizará. Entre o presente que é antecipado e o ato propriamente dito, existe o caminho que leva ao ato, formando assim um elo temporal entre os dois (Capalpo, 1979). Para Schutz, a conduta prevista, baseada num projeto preconcebido é denominada como *ação*, podendo aparecer sob as formas abertas ou encobertas, levando-se em conta se no projeto há a intenção de realizá-lo. Essa intenção é que proporcionará a transformação da previsão em objetivo e o projeto em propósito. Quando não existe a intenção de realização no projeto, a ação encoberta mantém-se no plano da fantasia; ao contrário, a ação que possui a intenção de realização pode constituir-se em desempenho. Quanto às ações abertas, que implicam impacto no mundo exterior

através de movimentos corporais, serão sempre desempenho. O desempenho do mero pensar (encoberto) difere do desempenho que requer movimentos corporais (abertos), que pode ser denominado como *trabalho*.

O trabalho, então, é a ação no mundo exterior, baseada num projeto e caracterizada pela intenção de realizar o estado de coisas projetado, por meio de movimentos do corpo. Dentre todas as formas descritas de espontaneidade, a do trabalho é a mais importante para a construção da realidade do mundo da vida diária... (Schutz, 1979, p. 124).

Sobre o aspecto *motivação*, Schutz o define a partir do conceito de ação, compreendida como um comportamento motivado. O motivo pode pressupor significados subjetivos e objetivos. O significado subjetivo refere-se à experiência do ator ou do agente que vivencia a ação em curso, como um “motivo a fim de”, incluindo a intenção de realizar o projetado, atingir objetivos (perspectiva de tempo do futuro). Os “motivos por que” apresentam uma característica mais explicativa, envolvendo uma categoria objetiva, ocorrem somente depois da realização da ação, porque após tornada em ato, o agente volta-se à sua ação passada como observador de si próprio, analisando e questionando as peculiaridades que o levaram a agir (perspectiva de tempo do passado).

A ação consciente é para Schutz a contemplação de uma ação já terminada, realizada, tornada ato. Essa concepção aplica-se também a projeto, pois cria-se a ação intencionada como um ato no tempo futuro.

A conduta *racional* implica ações que visam ao domínio da situação de forma “razoável”. Pode ser comparada à ação deliberada (que motiva o iniciar da ação); pode representar uma ação planejada, ou uma ação previsível, ou uma ação de caráter lógico; e, ainda, uma escolha entre dois ou mais meios que levem ao mesmo fim. Dessa forma, resultando em um sistema de atos racionais e não simplesmente de atos racionais isolados (Schutz, 1979).

O autor remete-se, às experiências presentes não somente pela referência às passadas - através das lembranças - mas também pela referência ao futuro, pois todas as experiências trariam consigo pretensões de ocorrência que se espera que

se efetuem imediatamente. A isso, chama de *antecipações* ou expectativas, baseadas no estoque de conhecimentos de que dispõe o indivíduo e que sofrem contínuas mudanças a partir das experiências posteriores. Dessa forma, as antecipações originadas da ação humana designam a conduta como um processo em curso que, por sua vez, é projetado pelo ator, antecipadamente, baseado num projeto preconcebido. Então:

Noutras palavras, projetar, como qualquer outra antecipação de eventos futuros, traz consigo horizontes em aberto, que somente serão preenchidos através da materialização do evento antecipado; em consequência, para o ator, o significado do ato projetado tem, necessariamente, de diferir do significado do ato realizado. Assim, o projetar (e, além disso, desenvolver o projeto) fundamenta-se no estoque de conhecimento à mão, com sua estrutura particular, na ocasião do projetar (Schutz, 1979, p.139).

Referenciar projeto a conhecimentos armazenados e disponíveis diferencia o projetar do *mero fantasiar* que está pautado no ponto em que o desejo define as possibilidades. Ao contrário, projetar ações em aberto representa um *fantasiar motivado* pela intenção antecipada de realizar o projeto. A possibilidade de execução do projeto exige que somente os meios e os fins que o ator julga estar ao seu alcance real ou potencial tenham relevância na imaginação do projeto, ignorando os elementos da situação que estão fora de controle, e que todos os riscos e chances sejam avaliados conforme o conhecimento atual sobre esse tipo de ocorrência no mundo real (referente a ações similares no passado).

A partir de Schutz, a presente pesquisa buscará elementos que possam servir de indicativos à análise das relações entre a construção de projetos e as possibilidades de realizá-los, com pais de alunos das 8^{as} séries de uma escola pública. Com isso, pretende-se investigar como estes constroem projetos de futuro para os filhos e se os viabilizam de acordo com suas condições de vida.

Existe, para Schutz, uma relação entre projeto e interesse (no sentido de um objetivo a ser alcançado), um ato que será realizado e um problema a ser resolvido, levando em conta o que é relevante. Portanto, interesse, e projeto derivado desse interesse, não tratam de coisas isoladas e sim de elementos de *sistemas* de projetos, interesses e objetivos a serem alcançados e problemas passíveis de se

resolver conforme a organização hierárquica de preferências. Esses sistemas são denominados de “planos” tanto na linguagem comum como para o autor:

(...) ao projetar nossas ações no futuro, não somos meros historiadores no sentido contrário. Somos historiadores se olharmos qualquer Agora para trás, para nossas experiências passadas, e as interpretarmos de acordo com o nosso estoque de conhecimento agora à mão. Mas não existe nada em aberto e vazio em nossas experiências passadas. O que foi ali anteriormente antecipado foi ou não foi preenchido. No projeto, por outro lado, sabemos que o que antecipamos carrega horizontes em aberto. Uma vez materializado, o estado de coisas realizado através de nossas ações vai, necessariamente, ter outros aspectos bem diferentes dos projetados (Schutz, 1979, p.142).

Qualquer projeto é pensado dentro de um sistema mais amplo e, dessa forma, as escolhas entre projetos referem-se a um sistema eleito ou escolhido anteriormente de projetos interligados e de ordem superior. Pode-se entender que os fins projetados são os meios, inseridos num determinado plano preconcebido, e estes planos determinados estão sujeitos a um plano de vida mais universal.

Retornando às idéias de Velho (1994), que em boa parte sustentam-se na perspectiva de Schutz (1979), torna-se fundamental pontuar que toda noção de projeto está estreitamente enraizada à idéia de *indivíduo-sujeito*. Através da consciência e valorização de uma individualidade ímpar, única, com base em uma memória que possibilita consistência à biografia, é que se torna possível a formulação e a realização de projetos. Projeto e memória unem-se e relacionam-se ao fornecer significados à vida e às ações dos indivíduos, ou seja, sua própria identidade. O autor chama atenção para as muitas experiências contraditórias e fragmentadoras a que os indivíduos estão expostos na sociedade moderno-contemporânea. Essas experiências, por vezes caóticas, têm através da memória e do projeto a possibilidade de serem ordenadas, e de receberem um significado enquanto trajetória do indivíduo. Sendo a memória fragmentada, o sentido de identidade dependerá da organização desses fragmentos e fatos separados, o que configura a idéia de descontinuidade. Os projetos elaborados, a partir da consistência e significado do passado e da memória, permitem estabelecer a continuidade nesses diferentes momentos e situações.

O projeto, por mais íntimo e velado que seja, é expresso em conceitos, palavras e categorias que pressupõem um Outro³. Representa um instrumento básico de *negociação da realidade* com outros (de forma individual e coletiva). Sua existência justifica-se como uma forma de comunicação de objetivos, aspirações, sentimentos e interesses para o mundo. Assim, não apresenta um caráter puramente racional ou subjetivo, mas resulta de deliberações conscientes do *campo de possibilidades* em que o indivíduo esteja inserido (Velho, 1994). Esse campo de possibilidades está sujeito às influências históricas e culturais, que representam a base para a elaboração do projeto, cuja condição para existir dá-se através da comunicação composta de uma linguagem que objetive o Outro.

Velho (1997) assinala outra idéia importante a respeito de projeto, quando se refere a ele como algo dinâmico, sujeito a mudanças, transformações e substituições, pois os atores vivem num tempo e sociedade, que responde constantemente às influências sócio-históricas. As histórias relatadas pelos pais entrevistados na presente investigação mostram claramente que muitos de seus projetos pessoais e familiares sofreram alterações de acordo com os acontecimentos ao longo de suas trajetórias: uma gravidez não planejada, a escolaridade interrompida pela necessidade de trabalhar, a falta de incentivo para atingir objetivos pessoais. Esses fatos, de alguma forma redesenharam o caminho a ser percorrido por essas pessoas. Dessa forma, percebe-se que a construção e orientação para a vida social dos indivíduos em sociedade podem apresentar-se de formas variadas, ambíguas e contraditórias. Portanto:

A construção da identidade e a elaboração de projetos individuais são feitas dentro de um contexto em que diferentes "mundos" ou esferas da vida social se interpenetram, se misturam e muitas vezes entram em conflito. A possibilidade da formação de grupos de indivíduos com um *projeto social* que englobe, sintetize ou incorpore os diferentes projetos individuais, depende de uma percepção e vivência de *interesses comuns* que podem ser os mais variados (...) (Velho, 1997, p.33).

Assim, para que esses projetos tenham continuidade e permaneçam estáveis dentro de uma sociedade complexa, faz-se necessário que os mesmos sejam

³ Termo utilizado por Velho (1994).

política e simbolicamente eficazes, ou melhor, que tenham capacidade de estabelecer definições de realidade coerente, gratificante e convincente. Dentro de uma sociedade complexa moderna, vários projetos habitam o mesmo espaço, embora possam encontrar-se em etapas diferentes de desenvolvimento ou estrutura, e serem explícitos ou imperceptíveis.

Os projetos representam uma dimensão da cultura quando se tornam expressão simbólica. *Conscientes e potencialmente públicos* incidem e relacionam-se estreitamente com a organização social, bem como com processos de mudanças sociais. “Sua eficácia dependerá do instrumental simbólico que puderem manipular, dos paradigmas a que estiverem associados, da capacidade de contaminação e difusão da linguagem que for utilizada, mais ou menos restrita, mais ou menos universalizante” (Velho, 1997, p.34). Alguns grupos, dentro de uma sociedade complexa, podem ser identificados pela possibilidade maior de divulgação de seus projetos, justificada talvez pela trajetória desses grupos ou do lugar que ocupam socialmente.

Para Velho, a noção de projeto tenta dar conta da *margem relativa de escolha* que os indivíduos e grupos têm em momentos históricos específicos na sociedade (Ibid,1997). A *escolha individual* não apresenta apenas um caráter de explicação sociológica, mas um fator decisivo na compreensão de processos globais de transformação da sociedade. Dessa forma, atinge uma dimensão maior, pois focaliza a *produção cultural* como forma de expressão e atualização de *códigos* em constante transformação, em símbolos que não são apenas repetidos e usados, mas são *reinventados e transformados* em significados novos.

Compreendendo projeto à luz das idéias de Schutz, em que a conduta é organizada visando atingir um fim específico, Velho define que o sujeito dessa ação (indivíduo, grupo ou categoria social) deve apresentar uma *dimensão consciente da ação* que o permita organizar-se a fim de realizar os objetivos definidos. A isso chama de possibilidades sócio-culturais determinadas. Esse *campo de possibilidades* deve ser delimitado para que os projetos tornem-se viáveis (Velho,1997).

O autor ainda pontua a utilidade que a noção de projeto pode oferecer para a compreensão das *trajetórias* dos indivíduos em sociedade, pois são as trajetórias e não somente as *posições* ocupadas por indivíduos e grupos que explicam os comportamentos, preferências, aspirações do indivíduo, família ou grupo. Nesse sentido, poder-se-ia compreender então a trajetória como a expressão de um projeto formulado com base em diferentes *ethos*, que são definidos como "(...) aspectos morais (e estéticos) e valorativos de uma cultura determinada" e em *visão de mundo* referentes à "aspectos cognitivos, existenciais" (Geertz apud Velho, 1997, p.105). Para tanto, é preciso entender a cultura como um código ou um sistema de comunicação e não simplesmente como um conjunto estático de costumes, hábitos e tradições. A vida social organiza-se e demarca-se a partir de um sistema de símbolos. Bourdieu (1989), afirma que os sistemas simbólicos, como instrumentos de conhecimento e comunicação, exercem um poder estruturante porque são estruturados. Nesse sentido, o poder simbólico institui-se como um poder de construção da realidade que visa estabelecer uma ordem referente ao sentido imediato do mundo, mais especificamente do mundo social, supondo uma concepção homogênea do tempo, do espaço, do número, da causa, possibilitando a concordância entre as inteligências.

Portanto, conforme Velho (1997), o projeto é uma forma de direcionar conjuntos de símbolos em uma cultura, implicando uma constante seleção, feita a partir de experiências, necessidades e estratégias particulares. As estratégias necessitam de um espaço de tempo para se construírem e essa temporalidade implica a compreensão do horizonte temporal em que estão inseridas, dentro da vida dos indivíduos. Tomando o trabalho de Mercure (apud Viana, 1998) sobre temporalidades sociais - entendidas como a realidade dos tempos vivida pelos grupos, ressalte-se que os tempos são construídos socialmente - chega-se às noções básicas destas temporalidades, como *multiplicidade dos tempos sociais*, *ritmo social* e *horizonte temporal*. Em particular, a noção de *horizonte temporal* demonstra uma grande afinidade com a idéia de projeção de futuro, pois é definida como:

(...) o domínio aberto no interior dos grupos e sociedades às duas grandes perspectivas temporais, que são a reconstrução do

passado e a antecipação do futuro (...) O horizonte temporal pode ser considerado, ao mesmo tempo, como o campo de certas práticas temporais e o lugar do exercício de diferentes representações do tempo; o campo dos projetos, de planificações, de previsões e de visões antecipadas, de expectativas e esperanças, de uma parte; o campo *embrassé* pelas lembranças, a memória coletiva, a história ou o mito, de outra parte (Mercure apud Viana, 1998, p. 61-62).

Destacam-se, também, no trabalho de Mercure, duas grandes dimensões de representações de futuro, identificadas em sua pesquisa empírica como as dimensões das *perspectivas dominantes de futuro* e as dos *planos de vida*. O autor chega a essas duas dimensões a partir dos seguintes tipos descritivos de representações de futuro a longo prazo: o fatalista, o previdente, o continuista, o etapista e o possibilista, submetidos posteriormente a um trabalho de “subestruturação” compreendido como “(...)identificação da natureza das diferenças entre esses tipos e das dimensões e categorias subjacentes a essa tipologia” (Ibid, 1998, p.62). As *perspectivas dominantes de futuro* foram identificadas como da *conservação e da conquista*. Esta, caracterizada por traços referentes à: superação das condições do presente ou à construção de um outro presente orientado por um sistema de fins; concepção de futuro como produto das próprias ações; extensão dos horizontes temporais de futuro e um certo controle do presente. Os traços referentes à *perspectiva de conservação* remontam a uma tendência em manter e assegurar as condições de existência atual, a despeito do presente mostrar-se frágil ou incerto, ou seja, uma relativa ausência de controle do tempo presente em nível de representações; a concepção do futuro do qual é preciso proteger-se, incluindo uma atitude de passividade em relação a esse futuro que está por vir e curtos horizontes temporais de futuro, pois no centro do futuro encontra-se o atual (Mercure apud Viana, 1998).

A dimensão referente aos *planos de vida* pode ser compreendida como uma visão do futuro, que se compõe de intenções a serem realizadas num futuro mais distante, e uma sequência ordenada de projetos coordenados e destinados a alcançar objetivos a longo prazo. Desta forma, para o autor, o plano de vida seria concebido como uma “linha diretriz de projetos”, que orientariam de forma geral, como deveria ser o futuro, sendo ligado diretamente à noção de temporalidade a

longo prazo, pois planos a curto prazo, que não ultrapassem o ciclo anual, não são identificados como plano de vida. Assim, os *projetos-meios* que se orientam para objetivos a longo prazo representariam o ponto fundamental no conceito de plano de vida para Mercure em seu trabalho (Ibid, 1998).

Para a análise dos dados obtidos na pesquisa e objeto desta dissertação, pareceu essencial que as representações de futuro e a noção de projeto não fossem desvinculadas do contexto sócio-cultural a que pertencem os indivíduos entrevistados, estejam eles dispostos em grupos sociais diferentes ou não. Mesmo os projetos particulares podem alcançar uma dimensão que ultrapassa as diferenças sociais. Dessa forma, um dos contextos, em que esses elementos estão dispostos, é o familiar. Fonte na qual esta investigação buscou as informações referentes à existência e à qualidade de projetos de futuro para os filhos.

1. PROJETOS FAMILIARES

Romanelli (1986), analisando os arranjos familiares na sociedade brasileira contemporânea, constata, como outros autores, o predomínio do modelo da família nuclear, composto por mãe, pai e filhos. Porém, conforme vêm assinalando diversos pesquisadores (Zago, 2000; Velho, 1997; Bruschini, 1990, entre outros), este modelo não contempla as diversas formas de organizações existentes na sociedade. Há diferentes formas de arranjos familiares, como a que leva a família a incluir outros parentes no mesmo núcleo de residência, resultando um tipo de arranjo caracterizado como o da família ampliada.

As famílias, independente de suas formas e estruturas, organizam-se através de regras, condutas e valores, segundo suas experiências no contexto sócio-cultural do qual fazem parte. Essa organização, diz respeito aos modos que os membros dessas famílias desenvolvem para viver socialmente e construir seus projetos. Romanelli (1986), a esse respeito, faz a seguinte definição de projeto familiar:

(...) um conjunto de orientações e formulações, produzidas através da experiência e da ação da família, direcionadas para objetivos determinados, a serem alcançados em diferentes etapas do ciclo de desenvolvimento da unidade doméstica. Como tal, o projeto

resulta da discussão, da negociação, da barganha, e é fruto das condições sociais vividas pela família, envolvendo as representações que a mesma elabora sobre si própria, sobre cada um de seus membros, sobre a sociedade e sobre a relação entre ela e a sociedade (Romanelli, 1986, p.37-38).

O projeto familiar é construído e tem sua gênese em representações variadas, o que remete à família um plano ideológico que permite a seus membros absorver representações que são a ela incorporadas e reestruturadas. Assim, o projeto não se determina como algo fixo ou estático, conforme visto em Velho (1997). Seu caráter flexível está diretamente relacionado aos objetivos a que se propõe, sejam individuais sejam coletivos, bem como às modificações a que a vida familiar está sujeita (Romanelli, 1986).

O autor ressalta que nas relações dos membros da família com a sociedade, organizam-se projetos resultantes das relações de poder. Isso compreende a construção do projeto dentro do espaço da divisão e da união. Deste modo, importantes aspectos são articulados através do projeto na vida da família, "(...) colocando-a em função como grupo e instituição (Durham, 1983), e, ao mesmo tempo, como unidade de cooperação econômica e de consumo, e unidade de reprodução social, que, em seu sentido lato, envolve e condiciona a reprodução biológica" (Romanelli, 1986, p.38).

A noção de projeto, como ponto de partida para a análise da família, sugere situá-la em uma dimensão temporal, quando os laços com a família de origem possam ser apreciados, assim como a sua continuidade através dos filhos. O autor menciona a possibilidade de um desdobramento em três núcleos de relação: *aliança*, *dependência* e *consangüinidade*. Os vínculos entre os membros do núcleo doméstico e as famílias de origem (parentes) possibilitam vislumbrar um passado recente, permitindo a avaliação da percepção que os filhos possuem dos projetos que os pais construíram para eles, dentro de uma perspectiva social e cultural. A análise também pode percorrer a área da constituição da família de procriação, em que é possível estabelecer uma discussão da relação entre os cônjuges; do poder; da construção de projetos referentes aos pais e aos filhos; e da posição que ocupam no mercado de trabalho. No sentido econômico, a vida familiar pode ser entendida dentro da concepção de esforço conjunto, que envolve a cooperação dos membros familiares

ou parte deles. Assim, a administração de “rendimentos individualizados com consumo coletivo” (Romanelli, 1986), possibilita a discussão sobre as decisões, a divisão e os interesses individuais de cada membro da família. Essa discussão traz à tona aspectos relacionados à questão da relação com os filhos e à divisão sexual do trabalho no que diz respeito à administração das atividades profissionais e cuidados dispensados aos filhos, por parte da mãe. Todavia, essa análise permite compreender o funcionamento da dinâmica da família e de seus aspectos grupais e individuais, pois:

De certo, a família age grupalmente em várias circunstâncias, como na elaboração e realização de projetos, na formação da renda familiar, na deliberação sobre o consumo, na tarefa socializadora e no controle de seus membros. Entretanto, a atuação coletiva que permite superar a divisão é organizada através de situações de confronto, às vezes penosas, que exigem um constante processo de ajustamento para conciliar interesses individuais e coletivos (Romanelli, 1986, p. 41).

As aspirações, quanto ao futuro dos filhos, parecem evidentes, e a despeito das dificuldades encontradas nos diferentes segmentos sócio-econômicos, as relações familiares, mais exclusivamente as relações entre pais e filhos, podem ser apreciadas também por um ponto de vista que contempla a concepção que os pais podem construir de seus filhos. Essa concepção está vinculada à imagem real e à imagem idealizada que os pais criam com base nas expectativas de futuro. Mas estariam essas esperanças considerando a inserção dos indivíduos segundo sua condição social e econômica? Poder-se-ia falar de expectativas no sentido genérico, desconsiderando o lugar que os sujeitos ocupam na sociedade?

No campo da Psicologia, estudos como o de Bowlby (1989), apontam para essa ausência. Segundo ele, a maioria dos seres humanos têm desejos de que seus filhos sejam saudáveis, felizes e confiantes, e, para tal, esforçam-se a fim de conseguir isso. Acrescenta ainda que os pais que não conseguem ajudar seus filhos a obter estas realizações, vivenciam sentimentos de ansiedade, frustração e vergonha. Mas como reagem os pais, quando os limites da realidade objetiva se apresentam? A não realização de um projeto teria o mesmo significado, independente da condição sócio-cultural?

Ainda segundo Bowlby, a transformação de expectativas em realidade concreta, muitas vezes, pode exigir dos pais a construção de uma base segura, que permita à criança experimentar o mundo externo, sabendo que, se houver alguma situação que provoque sofrimento, essa encontrará conforto, segurança e reciprocidade suficientes para o seu reabastecimento físico e emocional. Para esse autor, quanto mais confiantes as crianças e os adolescentes são de que suas bases são seguras, mais estão prontos para responder às necessidades de aventurar-se. Isso demanda dos pais estarem disponíveis para assistir seus filhos, quando realmente for necessário, desempenhando, assim, um papel fundamental junto à criança. Segundo ele, são vários os papéis que os pais desempenham nesse sentido:

Mas existem, é claro, muitos outros papéis que os pais têm que desempenhar. Um deles é o de influenciar o comportamento de seu filho em uma ou outra direção, o que envolve o uso de uma variedade de técnicas. Embora algumas dessas técnicas sejam necessariamente restritivas, e algumas tenham um intuito disciplinar, muitas são do tipo encorajador. O repertório de técnicas usadas varia enormemente de pais para pais – de grande ajuda e encorajamento até muitas restrições e punições (Bowlby, 1989, p.26).

Para Bettelheim (1989) - cujas contribuições no campo da Psicologia, referentes à educação dos filhos, também se fazem presentes - mesmo antes da criança nascer, os pais têm expectativas (esperanças e preocupações) sobre o seu futuro filho e sobre o que o nascimento de uma criança virá a significar em suas vidas. O autor aponta para o fato de que quando existe o objetivo de se criar um filho, é necessário que esse objetivo permita, em primeiro lugar, que o filho possa descobrir quem pretende ser e, depois torne-se uma pessoa capaz de satisfazer-se com sua maneira de viver. Dessa forma, os pais mostram aos filhos "(...) *quem ser e como ser* - o último sempre decorrendo do primeiro" (Bettelheim, 1989, p.40).

Outros autores vêm igualmente mostrando a importância dos desejos e expectativas dos pais em relação ao futuro dos filhos. Soares-Lucchiarri (1996) ressalta que os pais constroem projetos para o futuro por desejarem que os filhos correspondam à imagem projetada sobre eles. Para a autora, esses projetos, que tratam de um conjunto de expectativas, variam segundo a ordem de nascimento dos

filhos, o momento que o casal vivencia em cada nascimento e a história da família. Assim, há uma série de elementos familiares que intervêm na materialização de um projeto, conforme também assinala De Gaulejac (apud Soares-Lucchiari, 1993).

De Gaulejac, refere-se ao projeto dos pais como sendo nem sempre único, apresentando contradições de caráter antagônico, relacionado a duas lógicas: uma que leva à reprodução e outra que leva à diferenciação. A primeira (a lógica da reprodução) baseia-se na crença de que os filhos sejam uma continuidade dos pais e conduz à imitação, à repetição e ao conformismo. A segunda (a lógica da diferenciação) baseia-se na crença de que os filhos sejam diferentes dos pais, encorajando-os à singularidade e à oposição (Ibid, 1993).

Os valores materiais, morais, familiares, culturais e sociais transmitidos pelos pais a seus filhos representam um capital simbólico capaz de fornecer possibilidades de ultrapassar a condição vivida pelos pais. Vale retomar aqui a noção de capital simbólico em Bourdieu (1989), entendido como o tipo de capital que institui nas pessoas um hábitus, entendido como dispositivos duráveis, disponíveis, geradores de todas as práticas e que estão associados a uma classe particular (Ibid, 1992).

O autor ainda se refere a esse capital como passível de ser transmitido pelos pais aos filhos, como uma “herança” que representa a possibilidade de perseverança e perpetuação da posição social que o habita, implicando uma distinção, e, até mesmo, uma superação do filho em relação ao pai. Isso pode representar a realização de um projeto do pai que não foi efetivado e que por sua vez o seria através do filho e “(...) assim, é possível encontrar muitos exemplos de pais ou mães que, projetando no filho certos desejos e projetos compensatórios, exigem-lhe o impossível” (Bourdieu, 1998, p.232).

Considerando-se os aspectos objetivos e subjetivos, a compreensão da família e de seus processos internos, articulados com a noção de projeto, permite ampliar e entender sua dimensão dentro de um contexto mais amplo. E esse entendimento, não poderia deixar de contemplar que a organização e as modificações nas relações familiares, ocorrem de acordo com os interesses, as condições sociais, o momento histórico e as necessidades de cada grupo.

Nesse sentido, torna-se indispensável pensar a educação como uma das vias pelas quais os projetos familiares encontram possibilidade de concretização, pois a escola representa um espaço onde acontece a educação dos filhos.

A educação de crianças pode então ser compreendida a partir da relação Família e Escola, principalmente no que diz respeito ao desempenho escolar dos filhos e a existência de práticas educativas familiares. As famílias brasileiras, independente da origem e posição social, atribuem grande valor à educação e a escola representa uma forma de efetivar suas aspirações (Marzola, 1994; Portes, 1993; Viana, 1998 e Zago, 2000).

Para Nogueira (1998), as famílias das camadas médias, mais particularmente os pais, apresentam uma preocupação que os mobiliza em relação à instalação do filho na sociedade. A autora assinala que, atualmente, a posição, as possibilidades de ascender socialmente e o futuro profissional, estão cada vez mais conjugados ao sucesso escolar concretizado pela obtenção do diploma. “ Assim, a escola – com seus julgamentos e classificações – tornou-se a principal instância de legitimação individual e de distribuição dos atributos que determinam o valor dos indivíduos” (Godard, apud Nogueira, 1998 p.99). O filho, nessa perspectiva, passou a ter o seu valor medido a partir do seu valor escolar, e os processos escolares passaram a ocupar na vida familiar, um lugar de destaque. Dessa forma, os investimentos e a mobilização em torno da escolaridade representariam um consenso social em termos de valores morais. O autor citado afirma que o sucesso dos filhos constituir-se-ia para os pais uma “espécie de símbolo do êxito pessoal”, dos valores, de suas concepções de educação e até mesmo como um critério norteador para sua autoestima. Em contrapartida, o fracasso dos filhos seria vivenciado como uma responsabilidade atribuída aos pais. “Em suma, todos esses elementos combinados levaram a uma centralidade da educação na vida da família contemporânea. É nesse sentido que se pode entender seu papel ativo face à escolaridade e a implementação de estratégias diversas visando o êxito escolar dos filhos” (Ibid, 1998, p. 99).

Lahire (1997), em seu trabalho de pesquisa sobre o sucesso escolar em meios populares na França, concluiu que as crianças que obtiveram sucesso na escola,

não o tiveram devido a práticas de “superescolarização”. Essas práticas são utilizadas por famílias que buscam de forma explícita e intencional um objetivo, e para tal, desenvolvem estratégias educativas (palavras e atos) em torno de um “projeto ou intenção familiar” de sucesso escolar. Segundo o autor, isso ocorre devido a um modelo singular de sucesso por mérito, associado à tensão e à atenção familiares voltados à escola, sendo que:

(...) alguns pais podem fazer da escolaridade a finalidade essencial, e até exclusiva, da vida dos filhos, ou mesmo de sua própria: pais que aceitam viver no desconforto para permitir que os filhos tenham tudo o que necessitam para “trabalharem” bem na escola, pais que sacrificam o tempo livre para ajudar os filhos nas tarefas escolares (...) (Lahire, 1997, p.28-29).

Segundo o mesmo autor, a escolaridade pode, em alguns casos, transformar-se em obsessão familiar, representando um “hiperinvestimento escolar”, caracterizado por um grande número de práticas que garantam a segurança do sucesso escolar dos filhos. Isto representa um “sacrifício” dos pais, para que seus filhos possam atingir uma condição que os próprios pais gostariam de ter atingido, ou ainda, para que possam sair do meio sócio-familiar em que se encontram. Tais atitudes parentais ultrapassam o investimento pedagógico, marcando a organização na moral doméstica e na gerência da situação econômica familiar. Assim:

(...) o investimento pedagógico pode tomar formas mais ou menos rigorosas e sistemáticas, mas pode, sobretudo, operar-se segundo modalidades mais ou menos adequadas, para atingir o objetivo visado. Os efeitos sobre a escolaridade da criança podem variar segundo as formas para incitar a criança a ter “sucesso” ou a estudar para ter “sucesso”, segundo a capacidade familiar de ajudar a criança a realizar os objetivos que lhe são fixados (Lahire, 1997, p.29).

O investimento familiar em favor da escolaridade dos filhos é apresentado também por Connell et al (1995), em pesquisa com famílias de classe trabalhadora e de classe dominante, na Austrália em 1979. Os autores concluíram que a maioria dos pais queria que seus filhos prosseguissem o maior tempo possível na escola, sendo que, para isso, muitos deles relataram que estavam preparados para suportar o esforço financeiro, conseguindo um segundo emprego. Esses pais, viam o ensino

como “economicamente proveitoso” para seus filhos, diferentemente da instrução que tiveram. Nessa perspectiva, os autores assinalam que para haver uma compreensão do contexto social do ensino, é preciso entender como essas famílias se organizaram. Para tal, alguns aspectos da estrutura social apresentaram efeitos claros: 1) a organização do trabalho (horas de trabalho, remuneração, diferenças de classes); 2) os espaços e as cidades (casas com condições variadas, situadas em bairros diferentes: centro ou periferia); 3) a relação entre gêneros (divisão do trabalho em casa, com as crianças, no emprego e na organização da vida doméstica); 4) a família produzindo pessoas (modelo de família nuclear; a idade e as características de cada filho definiriam as relações familiares em termos de educação). Segundo os autores, essas informações demonstraram as diferenças não só na organização de grupos familiares pertencentes a classes sócio-econômicas diferentes, mas dentro de seus próprios meios sociais em decorrência do arranjo dos efeitos citados. A pesquisa objetivou ainda, entender a vida das pessoas como projetos e não como “destino predestinado”. As pessoas construiriam ativamente aquilo em que se tornaram ou se tornar-se-ão, pois “não há qualquer incoerência em reconhecer que o projeto pode ser lançado e as escolhas feitas sob terríveis constrangimentos” (Connell et all, 1995, p.73).

Nogueira (1995), em seus estudos sobre a relação das famílias de camadas médias com a escola, conclui que neste segmento sócio-econômico, haveria um consenso de que a escolaridade dos filhos é o elemento central dos projetos dessas famílias. A autora justifica as razões para este investimento familiar tendo em vista as possibilidades de êxito social que a escola oferece a estes grupos. O êxito escolar representaria o princípio para a obtenção do êxito social, o que demanda grande energia por parte dos pais que manifestam a vontade de fazer “frutificar todos os bens de que dispõem” (Establet apud Nogueira, 1995). Esses “bens” referem-se ao capital cultural da família, que é transmitido e representa um dos investimentos educativos mais socialmente determinantes, pois sua aplicação no mercado escolar é altamente rentável.

As mudanças históricas na estrutura e nos modos de vida das famílias tornam visível a valorização crescente da educação na vida familiar contemporânea; assim é possível entender a utilização de estratégias familiares que visam cada vez mais a

que os filhos obtenham êxito escolar e social, respondendo favoravelmente às projeções criadas por seus pais. A definição de estratégia pode ser compreendida como uma busca “racional” de objetivos através da adoção de um conjunto de práticas e atitudes ideológicas ou morais que têm efeitos materiais ou não, que visam o sucesso escolar dos filhos. Essas condutas sociais são chamadas também de “mobilização” (Zéroulou apud Viana, 1998).

Tomando-se, como referencial teórico, os diversos autores citados e relacionados ao interesse da presente investigação, buscou-se enfim, junto a pais de alunos das 8^a séries do ensino fundamental, de uma escola pública da Grande Florianópolis, obter informações a respeito da existência de projetos de futuro para seus filhos, bem como a utilização e a natureza das práticas que permitem a efetivação maior ou menor desses projetos.

CAPÍTULO II

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

1. OBJETIVO DA PESQUISA

A presente pesquisa objetivou conhecer e compreender os projetos de futuro pessoal, escolar e profissional que os pais têm para seus filhos, bem como as práticas por eles adotadas para que os projetos de futuro tornem-se viáveis. Esse problema central foi norteado mediante um conjunto de questões:

- Existiriam projetos de futuro pessoal, profissional e escolar para filhos? Quais seriam esses projetos?
- As famílias articulam práticas educativas aos projetos de futuro para os filhos? Quais seriam essas práticas?
- As práticas educativas, assim como os projetos de futuro seriam diferenciados segundo os resultados escolares dos filhos?
- Existiriam projetos de futuro específicos para cada filho, ou o mesmo projeto seria construído para todos os filhos?

Essas questões permitiram configurar o objeto de estudo em três dimensões básicas:

- 1) referente à noção de projeto;
- 2) relativa à definição dos projetos familiares (pessoais, escolares e profissionais) e a sua construção;
- 3) representativa da existência e utilização de práticas educativas visando a concretização desses projetos.

2. OBJETO DE ESTUDO E PROCEDIMENTOS DE COLETA DE INFORMAÇÕES

Como explicitado na Apresentação, inicialmente, foi estabelecido que a população a ser estudada seria composta por pais de alunos pertencentes a meios populares, pois objetivava-se compreender como as populações, com dificuldades para garantir o sustento, idealizam ou projetam o futuro para seus filhos. Para atingir esse objetivo, partiu-se da escola pública, pois o acesso à escolaridade nos meios populares ocorre principalmente através da rede pública de ensino. Torna-se pertinente esclarecer que a presente pesquisa não estava voltada para o estudo do estabelecimento de ensino, mas através da escola ter acesso aos pais de alunos pertencentes a meios populares. Dessa forma, ela serviria como uma “ponte” para se chegar aos pais.

A escolha da escola ocorreu através dos seguintes critérios: em primeiro lugar e pelas razões já citadas, deveria ser uma escola pública; em segundo, deveria estar localizada na região Central da Grande Florianópolis, pois acreditava-se que, desta forma, seria possível reunir uma clientela proveniente de várias localidades, não se restringindo à nenhuma região específica. Para esse fim, selecionou-se a Escola Estadual Professor Henrique Stodieck, localizada na região Central da Grande Florianópolis. Essa escola oferece ensino da pré-escola ao ensino médio e atualmente conta com 795 alunos, assim distribuídos:

- 37 alunos na pré-escola;
- 219 alunos de 1^a a 4^a séries do ensino fundamental;
- 243 alunos de 5^a a 8^a séries do ensino fundamental;
- 72 alunos da 1^a a 3^a séries do ensino médio diurno;
- 224 alunos do 1^a a 3^a séries do ensino médio noturno.

Para iniciar o processo de coleta das informações, procedeu-se, inicialmente, a uma série de contatos com a Direção e o Serviço de Orientação Educacional, a fim de realizar os esclarecimentos sobre os objetivos da pesquisa. Desde os

primeiros contatos, os responsáveis pela escola mostraram-se dispostos a colaborar na pesquisa, iniciada em agosto de 1999.

Muitos são os caminhos do pesquisador para buscar a proximidade com seus informantes. Nesse processo, surgem dificuldades e facilidades que implicam em mudanças de rumo, de técnicas e despendem, sem dúvida, muito tempo.

Uma das facilidades encontradas na execução dessa pesquisa refere-se ao apoio que a Escola Estadual Professor Henrique Stodieck, mais particularmente o Serviço de Orientação Educacional proporcionou, viabilizando a coleta de informações com os alunos das 8^{as} séries. Considerando que a escola carecia de maiores informações sobre as famílias, realizou-se, então, um questionário visando caracterizar a população a ser pesquisada e a posterior seleção daquelas que seriam entrevistadas.

O fato da escola ter servido de mediadora ou intermediária desse processo facilitou muito o contato e a credibilidade dos pais em relação à pesquisa, porém foram tomados os devidos cuidados para esclarecer aos mesmos que o presente trabalho não estava vinculado à escola.

Optou-se em centralizar a pesquisa nos pais cujos filhos cursavam a 8^a série do ensino fundamental, pois estes alunos já teriam atingido um nível de escolaridade mais próximo da profissionalização e/ou preparação para ingressarem no ensino superior, o que poderia estar relacionado aos projetos de futuro idealizados por seus pais, já que tais alunos estariam prestes a concluir o ensino fundamental e a iniciarem uma nova fase de escolarização.

A coleta de informações foi dividida então em dois momentos:

a) Com os alunos das 8^{as} séries

Aplicou-se um questionário (anexo 2) com o objetivo de estabelecer um perfil dos alunos quanto à: **família** (renda familiar; escolaridade e ocupação dos pais e

número de pessoas que compõem a família); e quanto à **escolaridade** (relação que os alunos apresentavam com os estudos e as aspirações quanto ao futuro). Esse questionário foi aplicado junto aos alunos das duas turmas de 8^{as} série da escola, em horário de aula cedida pelos professores. Responderam ao questionário 47 alunos, os quais foram informados previamente sobre a pesquisa. Eles estavam cientes de que apenas alguns alunos seriam selecionados para a efetivação das entrevistas com seus pais.

b) Com os pais dos alunos das 8^{as} séries

Os critérios para a realização das entrevistas com os pais foram estabelecidos na seguinte ordem: **primeiro**, considerando que o objetivo da pesquisa era estudar os projetos, tanto dos pais quanto das mães, selecionou-se famílias que reunissem o casal, ou seja, o aluno deveria morar com ambos os pais e não ser filho único, pois objetivava-se estudar a natureza de projetos em famílias com mais de um filho; **segundo**, o aluno deveria apresentar frequência escolar em torno de 75%; e **terceiro**, o aluno não deveria ser repetente e apresentar notas acima da média da escola nas disciplinas de Matemática e Português.

Esses dois últimos procedimentos, visavam analisar a relação do desempenho escolar com a construção de projetos de futuro para os filhos. Dessa forma, optou-se pela seleção de alunos que apresentassem rendimentos acima da média da escola nas disciplinas citadas, supondo que a situação escolar dos filhos (irmãos dos alunos selecionados) não seria homogênea, ou seja, que em uma família poderiam haver desempenhos escolares diferenciados.

Para a seleção das famílias, contou-se com o auxílio da Orientadora Educacional das 8^{as} séries, que indicou, através do boletim bimestral, os alunos que apresentavam desempenho escolar acima da média da escola nas referidas disciplinas.

A população das 8^{as} séries, foi caracterizada, então, através das informações obtidas pelo questionário com 47 alunos, mediante os seguintes itens, dispostos em tabelas (anexos 4 a 12):

- 1) *sexo;*
- 2) *idade;*
- 3) *com quem moram;*
- 4) *número de irmãos;*
- 5) *posição dos filhos na família;*
- 6) *ocupação do pai;*
- 7) *ocupação da mãe;*
- 8) *alunos que trabalham;*
- 9) *idade em que começaram a trabalhar;*
- 10) *atividades em que trabalham ou trabalharam;*
- 11) *renda mensal familiar;*
- 12) *alunos repetentes;*
- 13) *número de reprovações e motivos atribuídos pelos alunos;*
- 14) *série em que os alunos reprovaram;*
- 15) *por que estudam nesta escola;*
- 16) *o que significa estudar;*
- 17) *como se consideram como alunos;*
- 18) *hábitos de estudo em casa;*
- 19) *de quem recebem auxílio para estudar;*
- 20) *até quando pretendem estudar;*
- 21) *profissão que gostariam de seguir;*

22) o que os pais pensam para o futuro dos filhos.

Esses indicadores, representam o conjunto organizado das informações obtidas junto aos alunos e que forneceram subsídios para a caracterização e a análise dessa população.

2.1. Os alunos das 8^{as} séries

Os itens de 1 a 5, que caracterizam a família dos alunos, mostram que as 8^{as} séries concentram uma população preponderantemente feminina, com idade entre 13 e 17 anos, embora a maior parte encontre-se na faixa etária dos 14 anos. Mais da metade dos alunos mora com ambos os pais e tem em média dois irmãos. Do total de alunos, 42,55% são primogênitos, 25,55% são os últimos filhos, enquanto 25,52% dos alunos, afirmam ocupar outras posições na constelação familiar. Os demais 6,38% desconhecem a posição que ocupam em decorrência de outros arranjos familiares (anexo 4).

Em relação aos itens 6 e 7, referentes à ocupação profissional dos pais e das mães, verificou-se que 48,93% das ocupações paternas concentram-se nas atividades⁴ de: **zelador, autônomo, pedreiro, policial militar, comerciante, funcionário público e vigilante**. Esses indicativos permitem concluir que, se forem consideradas as ocupações dos pais e das mães, predominam as ocupações manuais. Os 44,67% restantes, estão distribuídos nas demais ocupações, sendo que 6,40% dos alunos, não souberam informar a ocupação dos pais (anexo 5).

De acordo com os dados, 25,53% das mães são **do lar** e não desempenham nenhuma atividade profissional fora do ambiente doméstico. As ocupações mais frequentes, entre as mães que possuem uma atividade remunerada, correspondem aos chamados serviços domésticos e compreendem 25,57% da população. As demais ocupações, estão divididas nos 46,78% restantes, sendo que apenas 2,12% dos alunos desconhecem as ocupações de suas mães (anexo 5).

⁴ Segundo denominações empregadas pelos alunos.

Quanto aos itens 8, 9, e 10, relativos a atividades profissionais desempenhadas pelos alunos, 72,35% afirmaram que nunca trabalharam e os 27,65% que exerceram ou exercem algum tipo de trabalho, iniciaram entre 12, 14, 15 e 17 anos. Das ocupações mais citadas, 30,76% compreendem as de **auxiliar de escritório** e **auxiliar de lanchonete** e os 69,24% restantes, subdividem-se nas demais ocupações (anexo 6).

O item 11, referente à renda mensal familiar, demonstrou que 25,53% dessas famílias, possuem renda mensal acima de oito salários mínimos, ou seja, acima de R\$ 1.200,00 aproximadamente; 27,65% possuem renda familiar aproximada entre R\$ 900,00 e R\$ 1.000,00, referente a cinco e sete salários mínimos; 25,55% dos alunos afirmam possuir renda mensal de um a quatro salário mínimos e 21,27% dos alunos não souberam informar (anexo 7).

Esses dados indicam que os alunos que chegam às 8^{as} séries, são originários de famílias cuja renda mensal é superior à normalmente encontrada nos meios populares. Dessa forma, observa-se que a escola pública, abriga uma população heterogênea: parte dela com poder aquisitivo superior ao padrão das camadas populares e parte com renda familiar típica das camadas populares. Esse dado pode ainda, ser relacionado às informações referentes à ocupação dos pais, visto que a maior porcentagem dos pais dos alunos é autônomo, as mães são do lar e 72,35% dos alunos nunca trabalharam, o que caracteriza o pai como o principal provedor.

Os itens 12, 13 e 14, referentes ao histórico escolar, mostram que 59,58% dos alunos, não são repetentes e encontram-se adequados em relação ao padrão idade/série (a maior concentração de estudantes das 8^{as} séries possui 14 anos). Dos 40,42% repetentes, 68,24% foram reprovados uma vez; 15,78% duas vezes e 15,80% três vezes. As reprovações ocorreram com maior incidência na 5^a série com 31,57% e 6^a série com 42,10%. Os 26,33% restantes, apresentaram reprovações nas demais séries do ensino fundamental e as justificativas mais freqüentes para as reprovações foram: **falta de estudo**, com 15,88%; **falta de interesse**, com 10,52%; **mau comportamento**, com 10,52% e **dificuldades em matemática**, com 10,52% ; ou seja, os alunos atribuíram a si próprios o motivo para suas reprovações. Os

demais 52,56%, atribuíram, de forma menos freqüente, as reprovações a outras justificativas (anexo 8).

Em relação ao item 15, relativo à escolha do estabelecimento de ensino, os dados revelam que para 27,65% dos alunos tal escolha deve-se à avaliação da escola, considerada por eles e seus familiares, como de **bom nível** e 12,76% afirmam **gostar da escola**. Isso pôde ser relacionado às informações obtidas com profissionais da área da educação de outras instituições de ensino, através de encontros informais no decorrer da pesquisa. Tais profissionais referiram-se à escola, de forma positiva, conceituando-a como “modelo de escola pública da Grande Florianópolis”. Outros fatores que justificaram a escolha dessa escola, foram: oferecer **ensino gratuito**, com 14,89%, reforçando a hipótese da escolha ter ocorrido pelo conceito de “boa escola” e por estar **próxima à residência** dos alunos, com 12,76%. Os demais 27,69%, manifestam motivos cuja freqüência é menor e 4,25% afirmam não saber os motivos referentes à escolha dessa escola (anexo 9).

Nos itens 16, 17, 18 e 19 referentes à relação que os alunos possuem com os estudos, observou-se que para 36,17% dos alunos estudar significa: **garantir o futuro**; para 14,99% significa poder **ser alguém**, e para 12,76% representa uma forma de **aprimorar conhecimentos pessoais**, indicando que 63,92% dos alunos vinculam a escolaridade à possibilidade de um futuro mais promissor que permita adquirir conhecimentos com validade para suas próprias vidas. Os demais 29,70% dos alunos, atribuem de forma menos freqüente, outros significados ao estudo, e 6,38% não souberam informar (anexo 10).

Em média, 51,16% da população, consideraram-se **bons alunos**; 12,76% **regulares** e **esforçados**; 8,51% **dedicados**; os demais 21,19%, referiram-se a outros conceitos com menor freqüência, e 6,38% não souberam informar. Os hábitos de estudo, caracterizam-se em atitudes como: **ler e exercitar a matéria**, com 38,29%; **estudar nas vésperas das provas**, com 12,76%; **estudar sozinhos**, com 10,73%; contrapondo-se aos 12,76% dos alunos que alegam **não estudar**. Os 23,34% restantes, afirmam de forma menos freqüente, fazer uso de outros hábitos de estudo, sendo que 2,12% não responderam a este item (anexo 10).

As informações obtidas revelaram ainda que 59,57% dos alunos **não recebem ajuda para estudar**, o que poderia estar relacionado ao hábito de estudarem sozinhos. Dos 40,43% de alunos que recebem essa ajuda, 10,73% afirmou receber **ajuda da mãe** e 8,51% **do pai**. Os dados demonstram que a prática de reforço familiar -através da participação dos pais nas tarefas domiciliares - é menor para esses alunos que freqüentam as 8^{as} séries. Os demais 21,19% dos alunos afirmam de modo menos freqüente, que recebem outras formas de auxílio para estudar (anexo 10).

Os dados obtidos a partir dos itens 20 e 21 permitiram observar as estimativas de futuro dos alunos em relação à escolaridade e profissão. Do total de alunos, 53,20% afirmam a pretensão de estudar **até concluir o ensino superior**, número bastante superior aos 8,51% dos alunos cuja perspectiva de escolaridade futura caracterizou-se pela **conclusão do ensino médio**. Os 36,17% restantes, afirmam com menor freqüência, outras pretensões e 2,12%, não souberam responder (anexo 11).

O questionário revelou também que 19,14% dos alunos ainda **não sabem qual profissão gostariam de seguir**, porém 12,76% manifestam o desejo de seguir a carreira de **advogado**; 12,76% gostariam de seguir a profissão de **engenheiro** e 8,51% a de **psicólogo**. A indefinição quanto à profissão a ser escolhida, presente em quase 20% dos alunos, poderia estar relacionada ao desconhecimento das carreiras profissionais, segundo o relato verbal dos próprios alunos quando da aplicação do questionário. Os 46,83% restantes, manifestaram de forma menos freqüente, a opção por outras profissões (anexo 11).

O item 22, forneceu informações referentes às concepções dos alunos sobre as projeções dos pais em relação a seus futuros. Observou-se que do total dos alunos, 21,27% afirmam que os pais desejam **felicidade e realização** para o futuro dos filhos; para 14,89%, os pais esperam **o melhor para seus filhos**; 10,63% dos alunos citam que os pais desejam uma **profissão boa e trabalho** para os filhos; 8,60% dos alunos acreditam que os pais pensam que o futuro dos filhos está associado a **poder seguir a própria escolha** e 8,51% responderam que os pais desejam que futuramente os filhos **possam ter o que eles não tiveram**. Os dados

citados permitiram compreender que os alunos os quais souberam definir o que pensam os pais sobre seu futuro, o fazem, associando-o com maior frequência à realização pessoal e profissional, assim como à possibilidade de ascender e superar intelectual e socialmente os próprios genitores. 19,08%, manifestaram outras concepções paternas sobre o futuro dos filhos de modo menos freqüente e 17,02% **não souberam** definir as expectativas de futuro que os pais possuem (anexo 12).

As informações obtidas através do questionário, possibilitaram elaborar um perfil dos alunos que freqüentam as 8^{as} séries da escola em questão, revelando dados sobre a composição de suas famílias, a relação com o estudo e algumas aspirações sobre o futuro. Os dados relativos às aspirações profissionais e às projeções de seus pais sobre o futuro demonstram claramente que os projetos incluem a escolaridade prolongada, a superação da condição sócio-econômica dos pais e a expansão do capital cultural familiar. Sendo o objeto de estudo desta pesquisa, compreender a natureza dos projetos de futuro para os filhos e as práticas educativas familiares, buscou-se relacionar os dados do questionário com o discurso dos pais entrevistados. Dessa forma, algumas similaridades foram observadas, principalmente em relação à construção de projetos familiares referentes à escolaridade prolongada e à superação da condição escolar, profissional e social dos pais, demonstradas no Capítulo III da presente dissertação.

2.2. As Famílias estudadas

Após a realização do questionário e da organização das informações obtidas junto aos alunos, procedeu-se à seleção das famílias para um estudo mais aprofundado das questões referentes à presente pesquisa, partindo dos critérios mencionados anteriormente. Foram selecionados 13 alunos que respondiam aos critérios da pesquisa. Para esses alunos, foi enviada uma correspondência (anexo 1) endereçada a seu pais, solicitando o horário mais adequado às entrevistas e telefone para contato a fim de que fosse estabelecido dia, hora e local das mesmas. Apenas seis famílias responderam à correspondência concordando em realizá-las. Com essas famílias foram efetuados contatos telefônicos a fim de marcar os encontros em horário favorável para ambos os pais.

As seis famílias residem em locais variados, todas situadas na região da Grande Florianópolis – Santa Catarina, respondendo dessa forma a um dos critérios da pesquisa. A **Família Raul** reside no bairro Estreito¹; as **Famílias Julian e Plínio** no bairro Centro²; a **Família Roberto** no bairro Serraria, no município de São José¹; a **Família Luana** no bairro Monte Verde² e a **Família Suzana** no bairro São Luiz, no município de São José¹, também na região da Grande Florianópolis.

2.3. Condução das entrevistas

Objetivando ouvir os pais sobre a existência ou não de projetos de futuro para seus filhos e a natureza dos projetos, optou-se pela técnica de entrevistas abertas e semi-dirigidas, cujo roteiro (anexo 3) pautava-se em perguntas a respeito da própria trajetória dos pais (escolar e profissional), nos projetos idealizados para cada um, na constituição da família e nas expectativas a respeito do futuro de cada filho, incluindo a escolaridade e a profissionalização. Iniciou-se a pesquisa por duas entrevistas piloto com roteiros semelhantes, para que os mesmos fossem testados e sofressem as alterações que se fizessem necessárias.

A opção pela técnica de entrevista justifica-se pela forma de diálogo assimétrico, que oferece vantagens na obtenção de dados mais aprofundados no que concerne ao comportamento humano, além de representar uma forma de interação social (Gil, 1987).

Para Rubin & Rubin (1995), as entrevistas cuja abordagem é qualitativa, como no caso da presente investigação, representam ferramentas de pesquisa, modos intencionais de aprendizagem acerca de sentimentos, pensamentos e experiências das pessoas, já que os entrevistados fornecem informações que o pesquisador analisa e, posteriormente, partilha.

A fim de esclarecer aos leitores não familiarizados com os locais:

¹ Localizado no Continente.

² Localizado na Ilha.

As entrevistas com os casais ocorreram nos meses de setembro e outubro de 1999 e foram realizadas nas residências das famílias, com a presença de ambos os pais. Cada entrevista tinha a duração média de uma hora e meia e para registrá-la utilizou-se de gravador com o consentimento dos pais. Adotou-se ainda um diário de campo para as observações complementares. As entrevistas, depois de concluídas, foram imediatamente transcritas na íntegra para que nenhuma informação fosse excluída. No total, foram realizadas seis entrevistas, uma com cada casal, porém nas famílias **Raul**, **Plínio** e **Suzana**, além do casal, também estavam presentes alguns dos filhos, que insistiram em permanecer no local da entrevista, embora isso tenha ocorrido por momentos isolados.

Inicialmente, as entrevistas foram precedidas de uma conversa informal, esclarecendo ao casal os objetivos da pesquisa; em seguida, os pais relataram suas trajetórias escolares e profissionais. Percebeu-se que o procedimento facilitava a fala dos mesmos, pois cada um dispunha de tempo individual para relatar sua história, mantendo um clima amistoso entre entrevistador e entrevistados. Ficou evidente o interesse dos casais em participar da pesquisa, embora as entrevistas terem sido realizadas, em sua maioria, à noite, no período de descanso e após o trabalho. Cabe registrar como exemplo, o esforço da **Família Suzana**. Sua residência ficava muito afastada, em uma rua sem iluminação pública e de difícil acesso. O pai, então, utilizou-se de uma lanterna como sinalizador a fim de que sua casa pudesse ser encontrada pelo pesquisador. Convém assinalar também, que houve os casos que não responderam favoravelmente à solicitação. Mesmo após os contatos telefônicos, algumas famílias não se mostraram disponíveis alegando “falta de tempo”; “choque de horários” e “desinteresse” em realizar as entrevistas e participar da pesquisa.

Cada entrevista efetuada com os respectivos casais permitiu conhecer alguns valores e práticas familiares, porém uma única entrevista não tornou possível esgotar a multiplicidade de informações a respeito do funcionamento da dinâmica de cada uma destas famílias. A inviabilidade em realizar outras entrevistas com esses casais, devido ao prazo da realização da pesquisa, infelizmente, não permitiu novos contatos.

3. SELEÇÃO E ANÁLISE DAS ENTREVISTAS

Aproximar-se do mundo das pessoas, da compreensão que elas têm a respeito de suas experiências e do modo como regem suas vidas, mostrou-se fundamental à presente investigação. Porém, para que isso se tornasse viável, fez-se necessário estabelecer parâmetros que permitissem a análise e a interpretação das informações. Para tanto, recorreu-se à análise de conteúdo, que representa um tipo de análise definida como:

Um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter, por procedimentos, sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens (Bardin, 1991, p.42).

Através dessa metodologia, torna-se possível descrever e interpretar o conteúdo ou as mensagens dos entrevistados, atingindo uma compreensão de seus significados num nível que ultrapassa a leitura comum. A análise de conteúdo é um método de investigação que se utiliza de procedimentos especiais para o processamento de dados científicos. “É uma ferramenta, um guia prático para a ação, sempre renovada em função dos problemas cada vez mais diversificados que se propõe a investigar” (Moraes, 1999, p. 09). Em sua perspectiva qualitativa, esse tipo de análise parte de uma série de pressupostos que servem de suporte para captar os sentidos simbólicos de um texto. Desta forma, essa análise também é uma interpretação pessoal do pesquisador com relação à percepção que obtém das informações de seus entrevistados.

Para submeter os dados contidos nas entrevistas à análise de conteúdo, utilizou-se dos procedimentos sugeridos por Moraes (1999), concebidos em cinco etapas:

1- *preparação das informações* - identifica as informações a serem analisadas e codifica os materiais de forma a permitir que essas informações sejam localizadas nos depoimentos submetidos à análise;

2- *unitarização ou transformação do conteúdo em unidades* - permite a definição das unidades de análise (no caso dessa pesquisa, em temas) contextualizando-as;

3- *categorização ou classificação das unidades em categorias* - visa o agrupamento dos dados considerando a parte comum existente entre eles (nessa pesquisa, em categorias temáticas), devendo ser: válidas, exaustivas, homogêneas, consistentes, pertinentes, mutuamente exclusivas, objetivas e fidedignas ;

4- *descrição* - é o primeiro momento da comunicação dos resultados através de texto; síntese que expressa o conjunto de significados presentes nas diversas unidades de análise ;

5- *interpretação* - representa a compreensão mais aprofundada do conteúdo das mensagens, mediante inferência e interpretação.

Ao proceder à análise de conteúdo das informações fornecidas pelos entrevistados nessa pesquisa, utilizou-se a abordagem indutiva-constructiva, cuja caracterização, proposta por Getz e Le-Compte (apud Moraes, 1999), pode ser definida como uma abordagem que toma os dados como ponto de partida à construção das categorias ao longo do processo de análise e a partir dessas: a teoria. Sua finalidade não é generalizar ou testar hipóteses, mas construir uma compreensão dos fenômenos investigados pelo pesquisador. Para essa abordagem, Lincoln & Guba (apud Moraes, 1999) sugerem duas estratégias: a indução analítica e a comparação constante, em que as regras da categorização elaboram-se no decorrer da análise, e o conhecimento do pesquisador serve como fundamento à constituição das categorias, permitindo que a teoria possa emergir da análise, resultando em um produto desta.

Esses procedimentos utilizados, tanto para a seleção como para a análise do conteúdo das entrevistas, permitiram a compreensão da natureza dos projetos de futuro para os filhos, bem como a utilização das práticas educativas familiares.

CAPÍTULO III

ANÁLISES E RESULTADOS

Parte I

1. ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE AS FAMÍLIAS ENTREVISTADAS

Os participantes da pesquisa apresentaram características referentes à organização familiar, origens e padrões de vida social e econômica. A fim de evidenciá-las, cada família será descrita com suas particularidades.

1.1. Família Raul⁵

Essa família é composta pelo pai 36 anos, escolaridade correspondente à 4ª série do ensino fundamental, motorista da Polícia Militar; mãe 38 anos, do lar, cursou o ensino fundamental completo; e três filhos: Ricardo, 19 anos que está cursando o primeiro ano de Ciências Contábeis em uma universidade pública e trabalhando no setor de pedidos e encomendas em uma livraria da cidade; Raul, 14 anos, que está cursando a 8ª série e Rodrigo, 12 anos que está cursando a sexta série do ensino fundamental, os dois últimos estudam na escola pública - local da pesquisa.

Em relação à família paterna, o avô trabalhou como motorista de uma empresa de iluminação pública de Florianópolis e a avó era do lar. Possuíam um pequeno bar que complementava a renda familiar. Estudaram até a 4ª série do ensino fundamental. O pai, é o filho mais velho e tem quatro irmãos (três homens e uma mulher). Desses, dois são policiais militares e têm o ensino médio incompleto, a irmã

⁵ Os nomes das pessoas foram alterados por questão de sigilo.

é contadora e tem o curso técnico nessa área, o outro irmão, estudou até a 4ª série do ensino fundamental e trabalha como estofador.

Quanto à família materna, a avó era do lar e estudou até a 4ª série do ensino fundamental. O avô, era jornalista, abandonou a família quando a avó estava grávida da filha mais velha, e esta não conheceu seu genitor. A mãe é a filha mais velha e tem quatro irmãos (três mulheres e um homem). Desses, duas trabalham como professoras. Uma delas formou-se em Pedagogia; e a outra no curso Magistério; o irmão está terminando o ensino médio e ainda não trabalha, e a outra irmã completou o ensino médio e trabalha como secretária.

A trajetória profissional do pai começou aos 12 anos, como auxiliar em um supermercado, permanecendo lá até 18 anos, quando prestou concurso para a Polícia Militar, na função de motorista, na qual permanece até hoje.

A mãe começou a trabalhar com 17 anos, como representante de alimentos em um supermercado, permaneceu nesse emprego durante um ano, saindo por decisão pessoal, quando engravidou de seu primeiro filho. Desde então, permanece nas atividades do lar.

Os pais conheceram-se no mesmo supermercado onde ambos trabalhavam e estão casados há vinte anos. Ambos são naturais de Florianópolis. Possuem casa própria com dois pavimentos, de alvenaria, em fase de acabamento. A renda mensal familiar é constituída pelo salário do pai no valor de R\$ 800,00 e o salário de Ricardo, em torno de R\$ 270,00, contabilizando um total de R\$ 1.070,00 mensais.

1.2. Família Julian

A composição dessa família dá-se na seguinte ordem: o pai, 39 anos, representante comercial de medicamentos, cursou o ensino médio completo; a mãe, 44 anos, ensino médio completo e atualmente do lar; Cristiane, a filha mais velha,

19 anos estudante da 2ª série do ensino médio; Elton, 17 anos, estudante do terceiro ano do ensino médio e do curso o pré-vestibular e Julian, 14 anos, cursa a 8ª série do ensino fundamental. Todos estudam na escola local da pesquisa.

Quanto à família paterna, o avô trabalhou como auxiliar de limpeza em um hospital e aposentou-se como técnico em radiologia; a avó era do lar e ambos estudaram até a 8ª série do ensino fundamental. O pai, é o filho mais velho e tem quatro irmãos, (três mulheres e um homem). Todos concluíram o ensino médio. O irmão trabalha como ourives; uma das irmãs possui um mercado; outra irmã é dona de um local de lanches e a mais nova é do lar.

Em relação à família materna, o avô trabalhou como motorista e auxiliar de gabinete da Câmara Municipal de uma cidade de São Paulo; a avó era do lar. Ambos estudaram até a 4ª série do ensino fundamental. A mãe é a filha mais velha e tem um irmão que é professor, formado em Letras com licenciatura em Literatura.

A trajetória profissional do pai começou aos 12 anos, como auxiliar em uma mercearia; depois, como auxiliar em um supermercado. Trabalhou como auxiliar de escritório em um hospital até os 17 anos. Serviu o Exército durante dois anos, e em seguida, foi trabalhar como bancário durante três anos. Após esse período, iniciou o trabalho de representante comercial de um laboratório farmacêutico, no qual permanece até hoje. A mãe começou a trabalhar aos 11 anos, na função de auxiliar em uma loja até os 15 anos; depois como bancária. Manteve-se neste emprego durante 10 anos, abandonando-o pelo nascimento da primeira filha. Permanece sem trabalhar até o momento da pesquisa.

Os pais, naturais do interior de São Paulo, conheceram-se no banco onde ambos trabalhavam e estão casados há vinte anos. Antes de fixarem residência em Florianópolis, há 4 anos, a família realizou 15 mudanças de cidade. Todas aconteceram no interior de São Paulo, devido ao emprego do pai. A família reside atualmente em um apartamento de três quartos, alugado. A renda mensal familiar é composta pelo salário do pai, cujo valor é de R\$ 3.700,00 mensais. Essa foi a renda mais elevada entre as famílias entrevistadas⁶.

⁶ Esta questão será melhor explicitada na análise da Tabela 11: Renda Mensal Familiar (anexo 7).

1.3. Família Plínio

A família em questão é constituída pelo pai de 40 anos, que trabalha como zelador no prédio em que reside, sua escolaridade corresponde ao ensino médio incompleto; pela mãe, de 31 anos, recepcionista e copeira em uma empresa pública, cursou o ensino fundamental incompleto; por Plínio, 13 anos, estudante da 8ª série do ensino fundamental; por Luciana, 11 anos, cursando a 5ª série do ensino fundamental e por Jéssica, de 6 anos, aluna do pré-escolar. Todos os filhos estudam na escola local da pesquisa.

Quanto à família materna, o avô trabalhava como operário em uma fábrica de papel, no interior de Santa Catarina. Estudou até a 4ª série do ensino fundamental. A avó nunca trabalhou e era analfabeta. A mãe é a filha mais velha e tem dois irmãos (um homem e uma mulher). O irmão é caminhoneiro e estudou até a 6ª série do ensino fundamental; a irmã é do lar e estudou até a 4ª série do ensino fundamental.

Em relação à família paterna, o avô trabalhava como vigia em uma fábrica de papel no interior de Santa Catarina e aposentou-se na mesma como chefe de setor da produção de papelão. Estudou até a 4ª série do ensino fundamental. A avó era do lar e analfabeta. O pai tem 11 irmãos, (cinco mulheres e três homens, sendo que três irmãos são falecidos). Duas irmãs trabalham no setor de embalagens em uma fábrica de balas; dois irmãos são gerentes de loja; um é mecânico e três irmãs são do lar. Somente dois irmãos (homens) concluíram o ensino médio; os outros estudaram até a oitava série do ensino fundamental.

A trajetória profissional da mãe iniciou com a atividade de babá, quando tinha 10 anos. Para estudar precisou mudar de cidade, passando a morar, pelo período de dois anos, na mesma casa em que trabalhava. Após esse período, trabalhou como operadora de caixa em um supermercado, permanecendo nesse emprego até engravidar do primeiro filho. Após o nascimento da segunda filha, trabalhou como auxiliar de cozinha em uma creche. Há 10 anos, o casal saiu do interior de Santa Catarina e mudou-se para Florianópolis. Na capital, trabalhou como faxineira do prédio em que o marido era porteiro até conseguir novo emprego como caixa em

supermercado. Permanecendo neste emprego por quatro anos. Há dois anos, trabalha como copeira e recepcionista.

O pai iniciou sua trajetória profissional aos 12 anos no setor de embalagens de uma fábrica de balas, onde permaneceu até tornar-se gerente aos 22 anos. Depois desse período, trabalhou durante dois anos em uma empresa de pesquisa agrícola, como meteorologista. Quando o casal mudou-se do interior para uma cidade do litoral de Santa Catarina, trabalhou como açougueiro por um ano e, em seguida, em uma fábrica por mais um ano, como encarregado do setor de derivados de leite. A família voltou para sua cidade de origem e o pai retornou ao seu antigo emprego. Há 10 anos, mudaram-se para Florianópolis e ele exerce a função de zelador em edifícios residenciais.

Os pais são naturais da mesma cidade do interior de Santa Catarina e estão casados há 17 anos. A família reside em um apartamento de um quarto, cedido pelo condomínio. A renda mensal familiar é composta pelo salário da mãe, no valor de R\$ 200,00, e do salário do pai, em torno de R\$ 600,00, perfazendo um total de R\$ 800,00 mensais. O pai complementa a renda com serviços de eletricitista, encanador e pintor.

1.4. Família Roberto

Essa família é composta pelo pai, 47 anos, ensino médio completo, técnico em contabilidade na área de processamento de dados de uma Secretaria do Estado; pela mãe, 43 anos, trabalha como auxiliar de classe em jardim de infância e possui o ensino fundamental incompleto; por Evandro, 16 anos cursando a 7ª série do ensino fundamental; por Roberto, 14 anos, estudante da 8ª série do ensino fundamental e por Rosana, 11 anos, cursando a 5ª série do ensino fundamental. Todos estudantes da escola local da pesquisa.

Em relação à família paterna, o avô e a avó concluíram o ensino médio, no curso Normal (Magistério). O avô tornou-se alfaiate e trabalhou nessa atividade até aposentar-se. A avó foi professora primária por um curto espaço de tempo, passando a trabalhar como costureira em uma fábrica de camisas e, posteriormente,

exerceu a mesma função de costureira com o marido, na qual permaneceu até aposentar-se. O pai é o filho mais velho e tem quatro irmãos (dois homens e duas mulheres). Um dos irmãos graduou-se em Administração. Atualmente faz Mestrado e trabalha como fiscal de um órgão do Governo; o outro, estudou até a 5ª série do ensino fundamental, tornou-se jogador de futebol em um time do Rio Grande do Sul e atualmente joga em Portugal. As duas irmãs estudaram até a 8ª série do ensino fundamental, uma delas trabalha como empregada doméstica e, a outra, como secretária.

Quanto à família da mãe, o avô era analfabeto e trabalhava como montador de peças em uma empresa fornecedora de energia elétrica; a avó estudou até a 4ª série do ensino fundamental e era do lar. A mãe é a terceira filha e tem oito irmãos (dois homens e seis mulheres). O irmão mais velho concluiu o ensino médio e o outro estudou até a 4ª série do ensino fundamental. A mãe não sabe qual é a ocupação dos irmãos. Três irmãs concluíram o ensino médio e uma delas é técnica em enfermagem. As outras são do lar e estudaram até a 4ª série do ensino fundamental.

A trajetória profissional do pai iniciou-se aos nove anos, como entregador de jornais e vendedor ambulante. Permaneceu nessas funções até terminar o segundo grau, quando entrou na Aeronáutica, onde se manteve por três anos. Depois desse período, trabalhou como bancário durante sete anos; em seguida, ingressou na área de contabilidade e, depois, no setor de informática, no qual permanece atualmente. A mãe iniciou a vida profissional aos 18 anos, como dama de companhia de uma senhora idosa, quando mudou-se do interior de Santa Catarina para Florianópolis. Permaneceu nessa atividade aproximadamente quatro anos, até o falecimento dessa senhora. Depois desse período, começou a trabalhar em um cartório onde era copeira e auxiliar de escritório; permaneceu na função até o nascimento do primeiro filho. Voltou a trabalhar, depois que os três filhos estavam maiores, primeiro como copeira; e, após como secretária em uma fundação de cultura, pelo período de dois anos. Interrompeu essas atividades por motivo de estresse nervoso e após três anos retornou a trabalhar, como professora de um jardim de infância no período de um ano, quando, então, voltou a apresentar dificuldades emocionais. Passado um

ano, trabalhou como auxiliar pré-escolar em outro jardim de infância, função essa que desempenha atualmente.

Os pais conheceram-se em Florianópolis e estão casados há 18 anos, possuem casa própria, de alvenaria com três quartos. A renda mensal familiar é composta pelo salário do pai de R\$ 750,00 e pelo salário da mãe de R\$ 200,00, perfazendo um total de R\$ 950,00 aproximadamente.

1.5. Família Luana

A família Luana é formada pelo pai, 36 anos, ensino fundamental completo, reformado da Polícia Militar, administra um pequeno bar e realiza serviços de pintor e eletricista; pela mãe, 34 anos, ensino fundamental completo, empregada doméstica de um casal de idosos; por Sabrina, 17 anos, estudante do primeiro ano do ensino médio, secretária bolsista em uma empresa telefônica de Florianópolis, à noite cursa computação em uma fundação de apoio à vida; por Luana, 14 anos, estudante da 8ª série; por Pâmela, 10 anos, 4ª série e por Leonardo de oito anos, estudante da 1ª série do ensino fundamental. Todos os filhos estudam na escola local da pesquisa.

Quanto à família paterna, o avô era eletricista e faleceu quando o pai era muito pequeno, sendo que o mesmo não soube informar sobre sua escolarização. A avó possui o ensino fundamental incompleto, trabalhou como lavadeira e depois tornou-se copeira em uma empresa de iluminação pública e está prestes a aposentar-se. O pai é o quinto filho e tem cinco irmãos (todos homens). O irmão mais velho é formado em Educação Artística e trabalha como professor; o segundo, é formado em Ciências Contábeis e trabalha no setor de contabilidade de uma empresa pública; os outros três irmãos têm o ensino médio incompleto. Um deles é dono de restaurante; o outro, policial militar afastado e dono de uma loja de máquinas industriais de costura; e o mais novo trabalha no setor de informática de um órgão de imprensa.

Em relação à família materna, o avô era pescador e a avó era do lar. Ambos eram analfabetos. A mãe é a filha mais nova e tem seis irmãos (quatro homens e duas mulheres). O irmão mais velho concluiu o ensino médio e trabalha em uma

empresa telefônica; a segunda irmã concluiu o ensino fundamental e trabalha como costureira; a terceira tem o ensino fundamental incompleto e trabalha em uma floricultura; dois irmãos (gêmeos) estudaram até a 6ª série do ensino fundamental, sendo que um deles não trabalha e o outro é dono de uma lanchonete; o penúltimo irmão formou-se no ensino médio e é dono de uma vidraçaria.

A trajetória profissional do pai começou por volta dos seis anos, como vendedor ambulante, permanecendo nessa atividade até os 13 anos, quando começou a trabalhar como auxiliar de um restaurante em um órgão do Governo, até os 15 anos. Junto com seus irmãos administrou uma casa de sucos em uma praia de Florianópolis e permaneceu até os 18 anos, quando serviu o Exército. Ao dar baixa do Exército, casou-se. Na época, administrou um pequeno restaurante, pelo período de um ano. Após esse período prestou concurso para a Polícia Militar, em que permaneceu por sete anos até ser reformado devido a um problema ortopédico. Depois de reformado, o pai começou a trabalhar como pintor, eletricista e segurança. Atividades que realiza atualmente, junto com a administração de seu pequeno bar.

A mãe começou a trabalhar aos 13 anos como babá e permaneceu nessa atividade até os 16 anos, quando casou-se grávida da primeira filha. Depois do nascimento de Sabrina, trabalhou junto com o marido, em uma casa de sucos por um curto espaço de tempo; também trabalhou no pequeno restaurante de propriedade do marido, no período de um ano. Em seguida, trabalhou em um jardim de infância, como auxiliar de classe até o nascimento da segunda filha. Ficou apenas nas atividades do lar até o nascimento do filho menor. Voltou a trabalhar há seis anos, como empregada doméstica para um casal de idosos e permanece desempenhando essa função atualmente.

O casal conheceu-se na casa de sucos que o pai junto com os irmãos administrava em Florianópolis. Estão casados há 17 anos. Possuem casa própria (um apartamento de três quartos) e a renda mensal familiar é constituída pelo salário do pai, em torno de R\$ 1.000,00 e pelo salário da mãe, no valor de R\$ 300,00, totalizando R\$ 1.300,00 mensais. Os pais não informaram o valor do salário da filha mais velha.

1.6. Família Suzana

Esta família é composta pelo pai, 47 anos, apontador de obra e pedreiro; pela mãe, 42 anos, empregada doméstica; por Suzana, 14 anos, estudante da 8ª série do ensino fundamental na escola local da pesquisa e por Carlos, de 9 anos, cursando a 4ª série do ensino fundamental em uma escola próxima à sua residência. Os pais estudaram até a 4ª série do ensino fundamental.

Em relação à família materna, o avô e a avó eram agricultores (plantavam fumo) e eram ambos analfabetos. A mãe é a filha mais velha e tem quatro irmãos (dois homens e duas mulheres). Um dos irmãos trabalha como fabricante de móveis; o outro trabalha em uma fábrica têxtil; as duas irmãs moram com a avó, sendo que apenas uma delas trabalha e como faxineira. Todos os irmãos da mãe estudaram até a 4ª série do ensino fundamental. Sua família é natural de uma cidade do interior de Santa Catarina.

Quanto à família paterna, o avô e a avó trabalhavam na lavoura e eram analfabetos. O pai é o terceiro filho e tem sete irmãos (quatro homens e três mulheres). O irmão mais velho é pedreiro e estudou até a 4ª série do ensino fundamental; o segundo é segurança em uma loja de artigos importados e também estudou até a 4ª série do ensino fundamental; os outros dois irmãos trabalham no setor de limpeza do serviço público municipal, são analfabetos e não conseguiram concluir a 1ª série do ensino fundamental (reprovaram três vezes consecutivas). Uma das irmãs trabalha como empregada doméstica e as outras duas são do lar. Todas estudaram até a 4ª série do ensino fundamental. A família paterna é natural de uma cidade litorânea, próxima a Florianópolis.

A trajetória profissional da mãe, iniciou-se aos nove anos, quando ajudava os pais no plantio de fumo e trabalhava como empregada doméstica. Aos 14 anos, saiu de sua cidade de origem para trabalhar como doméstica em uma casa em Florianópolis, e desde então trabalha nesta atividade.

O pai começou a trabalhar aos 13 anos, junto com seu pai e irmãos na lavoura. Permaneceu nessa atividade até completar 18 anos. Foi dispensado do Exército por

excesso de contingência e com 19 anos mudou-se para Florianópolis para trabalhar com o irmão na construção civil. Atividade que desempenha até hoje.

Os pais conheceram-se em Florianópolis, no bairro onde ambos trabalhavam. Estão casados há 24 anos. Possuem casa própria, que está sob reforma (metade da casa é de madeira e metade de alvenaria), com três quartos. A renda mensal familiar é de R\$ 1.150,00, sendo que R\$ 900,00 são provenientes do salário do pai e R\$250,00 do salário da mãe.

Objetivando-se estabelecer uma síntese comparativa acerca das famílias entrevistadas, organizou-se um quadro com as principais informações:

Quadro 1: História da escolaridade familiar.

FAMÍLIA	GRAU DE ESCOLARIDADE							
	PAI	MAE	AVÓ PATERNO	AVÓ PATERNA	AVÓ MATERNO	AVÓ MATERNA	TIOS PATERNOS	TIOS MATERNOS
RAUL	E.F.I.	E.F.C.	E.F.I.	E.F.I.	Sem Registro	E.F.I.	1 tia: E.M.C. 2 tias: E.M.I. 1 tio: E.F.I.	1 tia: E.S.C. 2 tias: E.M.C. 1 tio: cursando o E.M.
JULIAN	E.M.C.	E.M.C.	E.F.C.	E.F.C.	E.F.I.	E.F.I.	4 tios: E.M.C.	1 tio: E.S.C.
PLÍNIO	E.M.I.	E.F.I.	E.F.I.	Analfabeta	E.F.I.	Analfabeta	2 tios: E.M.C. 6 tios: E.F.C.	2 tios: E.F.I.
ROBERTO	E.M.C.	E.F.I.	E.M.C.	E.M.C.	Analfabeto	E.F.I.	1 tio: E.S.C. e mestrando 2 tias: E.F.C. 1 tio: E.F.I.	4 tios: E.M.C. 4 tios: E.F.I.
LUANA	E.F.C.	E.F.C.	Sem Registro	E.F.I.	Analfabeto	Analfabeta	2 tios: E.S.C. 3 tios: E.M.I.	2 tios: E.M.C. 1 tio: E.F.C. 3 tios: E.F.I.
SUZANA	E.F.I.	E.F.I.	Analfabeto	Analfabeta	Analfabeto	Analfabeta	5 tios: E.F.I. 2 tios: Analfabetos	4 tios: E.F.I.

E.F.= ensino fundamental

E.M.= ensino médio

E.S.= ensino superior

C= completo

I= incompleto

Comparativamente, percebe-se que a família que possui maior grau de escolaridade é a Família Juliana. A maior parte de seus componentes apresenta o ensino fundamental e o ensino médio completos e o ensino superior completo, na família materna. Por outro lado, na Família Roberto, em relação à família paterna, observa-se que os avós cursaram o ensino médio completo e há um tio que está

cursando a pós-graduação, contrastando com a família materna que apresenta-se composta por membros que, em sua maioria, possuem o ensino fundamental incompleto, sendo o avô analfabeto. O mesmo fenômeno ocorre com a Família Luana, na qual os membros da família paterna, mais especificamente os tios, também apresentam um índice de escolaridade mais elevado, pois há dois tios com ensino superior completo, contrapondo-se à família materna, composta por avós analfabetos e a maior parte dos tios com o ensino fundamental completo e incompleto. Com relação à Família Plínio, na qual o pai possui escolaridade mais elevada, a escolaridade dos avós tanto paternos quanto maternos é semelhante, porém em relação aos tios paternos há mais casos de continuidade da escolarização, o que difere dos tios maternos. O oposto ocorre com a Família Raul, na qual os tios maternos possuem escolaridade mais elevada, incluindo o ensino superior, o que difere da família paterna, cuja maioria de seus membros apresenta o ensino fundamental incompleto. O maior indicativo de analfabetismo ocorre com os membros da Família Suzana, composta por avós paternos e maternos analfabetos, bem como tios paternos. Também se evidencia o mesmo nível de escolaridade dos pais e da maior parte dos tios, situado no ensino fundamental incompleto, demonstrando, assim, uma semelhança maior nesse aspecto em relação aos membros da família paterna e materna.

Esses dados permitem observar que as trajetórias escolares dessas famílias sofreram ao longo das gerações uma evolução discreta, pois a maioria dos avós apresentaram um nível de escolaridade inferior, se comparado à escolaridade que proporcionaram aos filhos.

Quadro 2: Ocupação profissional familiar

OCUPAÇÃO PROFISSIONAL FAMILIAR									
FAMÍLIA	PAI	MAE	FILHOS	AVÓ PATERNO	AVÓ PATERNA	AVÓ MATERNO	AVÓ MATERNA	TIOS PATERNOS	TIOS MATERNOS
RAUL	Motorista da PM	Do lar	Ricardo: encarregado do setor de pedidos de uma livraria	Motorista de empresa pública	Do lar	Jornalista	Do lar	2 tios: PM 1 tia: Contadora 1 tio: Estofador	2 tias: Professoras 1 tia: Secretária 1 tio: Estudante
JULIAN	Representante comercial de medicamentos	Do lar		Técnico em Radiologia	Do lar	Auxiliar de gabinete de prefeitura	Do lar	1 tio: Ourives 2 tias: Comerciantes 1 tia: Do lar	1 tio: Professor
PLÍNIO	Zelador	Recepcionista e Copeira		Chefe de setor de produção de fábrica	Do lar	Operário de fábrica	Do lar	2 tias: Operárias de Fábrica 1 tio: Mecânico 3 tias: Do lar	1 tio; Caminhoneiro 1 tia: Do lar
ROBERTO	Técnico em contabilidade	Auxiliar de jardim de infância		Alfaiate	Costureira	Operário de fábrica	Do lar	1 tio: Fiscal do Governo 1 tio: Jogador de futebol 1 tia: Empregada Doméstica 1 tia: Secretária	1 tia: Técnica em Enfermagem 5 tias: Do lar 2 tios: Sem registro
LUANA	Reformado da PM; Administrador de um bar; pintor e eletricista	Empregada doméstica	Sabrina: Secretária bolsista de uma empresa telefônica	Eletricista	Lavadeira	Pescador	Do lar	1 tio: Professor 1 tio: Contador 2 tios: Comerciantes 1 tio: Técnico em informática	1 tio: Funcionário público 1 tia: Costureira 3 tios: Comerciantes 1 tio: Desempregado
SUZANA	Apontador de obra e pedreiro	Empregada doméstica		Agricultor	Agricultora	Agricultor	Agricultora	1 tio: Pedreiro 1 tio: Segurança 2 tios: Lixeiros 1 tia: Empregada doméstica 2 tias: Do lar	1 tio: Marceneiro 1 tio: Operário de fábrica 1 tia Faxineira 1 tia: Desempregada

Quanto ao aspecto referente à ocupação profissional, evidencia-se na Família Suzana um maior índice de membros, tanto da família materna, quanto da paterna, que se ocupam de tarefas manuais. Fato que poderia estar relacionado ao nível de escolaridade inferior comparativamente às demais famílias. Processo semelhante ocorre com a Família Plínio, que concentra membros da família materna e paterna em ocupações caracterizadas em atividades manuais e autônomas. Nas Famílias Roberto e Luana, os membros do lado paterno que possuem maior grau de escolaridade desenvolvem ocupações profissionais que exigem maior formação escolar, bem como profissões autônomas. Isso se repete também com a Família Julian, porém não se concentrando apenas nos membros da família paterna, mas na família como um todo, pois seus membros apresentam grau de escolaridade mais elevado. Com a Família Raul, em relação ao lado paterno, há uma forte incidência de membros atuando junto à Polícia Militar. Já a família materna, apresenta membros cujas ocupações estão mais relacionadas a atividades acadêmicas (pai jornalista, tias professoras). Torna-se importante salientar que tanto na Família Raul, como na Família Luana, os filhos primogênitos atuam em atividades de auxiliar de escritório concomitante aos estudos, o que, segundo o relato dos pais de ambas as famílias, está diretamente ligado ao desejo desses filhos possuírem autonomia para a aquisição de bens de consumo próprio (roupas, sapatos, perfumaria, entre outros). Apenas as mães das Famílias Raul e Julian não apresentavam ocupação profissional no período em que foram realizadas as entrevistas.

Quadro 3: Renda mensal familiar

FAMÍLIA	RENDA MENSAL FAMILIAR
RAUL	R\$ 1.070,00
JULIAN	R\$ 3.700,00
PLÍNIO	R\$ 800,00
ROBERTO	R\$ 950,00
LUANA	R\$ 1.300,00
SUZANA	R\$ 1.150,00

No aspecto renda mensal, percebe-se que a família que apresenta o maior índice de proventos mensais tem também grau de escolaridade mais elevado (Família Julian). Porém essa relação não fornece subsídios suficientes para ser compreendida como uma relação de causa e efeito pois, em contrapartida, surge a Família Roberto, cujo grau de escolaridade dos avós, pai e tio é mais elevado (ensino médio, superior completos e Pós-graduação) e os rendimentos mensais não se equiparam e nem superam os da Família Julian. As Famílias Luana e Suzana, que possuem parentes analfabetos (avós e tios) e renda mensal bastante semelhante, apresentam rendimentos mensais superiores aos da Família Roberto.

As famílias entrevistadas poderiam então, ser consideradas mais próximas, quanto ao nível de renda mensal, das camadas médias, do que dos meios populares. Porém, a definição de classes médias, segundo Quadros (apud Nogueira, 1995), não ocorre através do salário, mas pela utilização da ocupação como critério principal, considerando a renda como um resultado que serve para a ordenação das ocupações profissionais das classes médias. Por outro lado, Romanelli (Ibid, 1995), partindo do consenso observado por outros pesquisadores, que classificam as camadas médias a partir de ocupações não-manuais assalariadas ou não, chama a atenção para as relações de distribuição e de consumo, secundárias às relações de produção. Refere-se a esse consumo não apenas no sentido material, mas também simbólico, pois o simbolismo poderia condicionar o consumo material.

Nogueira (1995) ainda ressalta que a delimitação das camadas médias de um lado e as classes populares e elites de outro constituem uma problemática arriscada. Porém reafirma que o critério mais adotado para essa demarcação relaciona-se à ocupação profissional, ainda que esta leve à composição de um grupo heterogêneo, pluralmente distinto em diversos segmentos, sofrendo uma estratificação interna. Para Quadros (Ibid, 1995), esta estratificação interna das classes médias, compreendida como *nova classe média*, opera uma divisão entre as ocupações de nível médio e as de nível superior de escolaridade, classificadas em:

- “média e baixa classe média” (técnicos de nível médio, auxiliares de escritório, balconistas, caixas, etc);

- "classe média superior" (técnicos de nível superior, administradores, gerentes, etc).

Dessa forma, a população da presente pesquisa poderia ser caracterizada como pertencente à faixa intermediária entre as camadas populares, composta por indivíduos que desempenham atividades profissionais manuais e as camadas médias e médias baixas, cuja ocupação profissional caracteriza-se por técnicos de nível médio. Embora quanto à renda exista certa homogeneidade e nível superior às camadas mais empobrecidas da sociedade, o conjunto das seis famílias revela também certa heterogeneidade quanto à ocupação, pois apenas três pais desempenham funções técnicas de nível médio (representante comercial, técnico em contabilidade e comerciante). Os demais (pais e mães) que compõem a população pesquisada, desempenham atividades manuais (motorista, zelador, pedreiro, empregada doméstica, copeira e auxiliar de jardim de infância).

Se, por um lado, a renda mensal aproxima essa população das camadas médias e médias baixas; por outro, o capital cultural dessas famílias e as ocupações profissionais de mais da metade dos pais entrevistados aproximam-na das camadas populares, o que inscreve essas famílias num segmento sócio-econômico *intermediário* entre as camadas médias e os meios populares.

Das seis famílias entrevistadas, quatro possuem o mesmo número de filhos (3), sendo que uma família apresenta quatro filhos e uma família apresenta dois filhos apenas. No caso da Família Julian os pais relataram que têm gastos mensais com a formação e os cursos extra-escolares dos filhos Elton e Julian; o mesmo ocorre com as Famílias Plínio e Roberto. Porém é importante ressaltar que todos os filhos, sem exceção, freqüentam o ensino regular em escolas públicas, não havendo gastos mensais com a mensalidade escolar. A opção por matricular os filhos na rede pública de ensino ocorre, principalmente, por considerarem a escola um bom estabelecimento, entre os que oferecem ensino gratuito e, por este motivo, todos os filhos das famílias entrevistadas estudam na mesma escola, com exceção do filho mais novo da Família Suzana, que estuda em uma escola pública próxima à residência, mas a partir do próximo ano será matriculado na mesma escola da irmã.

As famílias entrevistadas possuem em sua maioria casa própria, sendo que a família com maior poder aquisitivo (Família Julian) mora em sistema de inquilinato, e a família com menor poder aquisitivo (Família Plínio) possui moradia cedida pelo local de trabalho do pai. Seria possível relacionar ou até mesmo inferir que a Família Julian privilegia certas formas de investimento, como cursos extra-escolares, por exemplo, não estando a casa própria ainda entre os seus investimentos. O mesmo ocorre com a Família Plínio, que, apesar de apresentar o menor rendimento mensal, concentra seus gastos com os familiares, já que não possui despesas com moradia.

Quadro 4: Adequação idade/série dos filhos e reprovações

FAMÍLIA	ADEQUAÇÃO IDADE/SÉRIE DOS FILHOS E REPROVAÇÕES			
RAUL	Ricardo: 19 anos/ 1º ano do E.S. Não apresenta reprovação.	Raul: 14 anos/ 8ª série do E.F. Não apresenta reprovação.	Rodrigo: 12 anos/ 6ª série do E.F. Apresenta uma reprovação na 1ª série do E.F.	
JULIAN	Cristiane: 19 anos/ 2ª série do E.M. Apresenta uma reprovação na 4ª série e uma na 6ª série do E.F.	Elton: 17 anos/ 3º ano do E.M. Apresenta uma reprovação na 1ª série do E.F.	Julian: 14 anos/ 8ª série do E.F. Não apresenta reprovação.	
PLÍNIO	Plínio: 13 anos/ 8ª série do E.F. Não apresenta reprovação.	Luciana: 11 anos/ 5ª série do E.F. Não apresenta reprovação.	Jéssica: 6 anos/ pré-escolar. Não apresenta reprovação.	
ROBERTO	Evandro: 16 anos/ 7ª série do E.F. Apresenta duas reprovações na 2ª série do E.F.	Roberto: 14 anos/ 8ª série do E.F. Não apresenta reprovação.	Rosana: 11 anos/ 5ª série do E.F. Não apresenta reprovação.	
LUANA	Sabrina: 17 anos/ 2ª série do E.M. Não apresenta reprovação.	Luana: 14 anos/ 8ª série do E.F. Não apresenta reprovação.	Pâmela: 10 anos/ 4ª série do E.F. Não apresenta reprovação.	Leonardo: 8 anos/ 1ª série do E.F. Apresenta uma reprovação na 1ª série do E.F.
SUZANA	Suzana: 14 anos/ 8ª série do E.F. Não apresenta reprovação.	Carlos: 9 anos/ 4ª série do E.F. Não apresenta reprovação.		

E.F.= ensino fundamental

E.M.= ensino médio

E.S.= ensino superior

Os dados sobre a escolaridade dos filhos permitem verificar que somente as Famílias Raul, Plínio e Suzana apresentam adequação idade/série para todos os filhos. As Famílias Julian e Roberto apresentam filhos com idade superior à série que freqüentam, em decorrência de reprovações. No caso da Família Luana, segundo a justificativa dos pais, a filha mais velha iniciou a escolarização com um ano de atraso.

Em relação ao histórico de reprovações dos filhos, segundo as entrevistas realizadas com as seis famílias, observou-se que apenas nas Famílias Plínio e Suzana não foram registradas reprovações. Já em relação à Família Raul, os pais justificam a reprovação do filho mais novo, no início de sua escolarização à "falta de interesse" do mesmo, em relação aos estudos. A Família Julian atribui as reprovações dos filhos mais velhos ao "desinteresse e pressão exercida pela professora, que levaram às dificuldades escolares da filha mais velha, principalmente".

A Família Roberto justifica as reprovações do filho mais velho devido ao fato de a professora apresentar "preconceito racial", pois essa família é da raça negra. A Família Luana atribui a reprovação do filho mais novo à "incapacidade da professora lidar com problemas psicológicos acarretados pela morte de um filho da mesma idade de seus alunos". Portanto, as justificativas estão relacionadas, em parte, pelas características dos filhos como o desinteresse pelo estudo e por fatores externos à família. Mas é importante ressaltar, que há apenas 2 casos com mais de uma reprovação e 3 casos, todos na 1ª série do ensino fundamental, com apenas uma reprovação.

Ainda com relação à escolaridade, os pais relataram suas opiniões acerca do *desempenho escolar individual de cada filho*, da seguinte forma:

Quadro 5: Depoimentos dos pais sobre o desempenho escolar dos filhos

FAMÍLIA	DEPOIMENTO DOS PAIS SOBRE O DESEMPENHO ESCOLAR DE CADA FILHO			
RAUL	Ricardo: "é 100%, excelente aluno" (mãe)	Raul: "teve mais ou menos... agora tá ficando excelente" (mãe)	Rodrigo: "... não gosta de estudar, não gosta da escola, sempre passa raspando" (mãe)	
JULIAN	Cristiane: "...ela tem dificuldade... a gente sempre apoiando e mostrando que todos tem dificuldade em alguma área..." (mãe)	Elton: "é acima da média" (mãe)	Julian: "tem desempenho um pouquinho acima da média... se ele estudasse mais, seria o 1º da sala" (mãe)	
PLÍNIO	Plínio: "é sempre tão inteligente... ensinou a vó a ler... quer sempre tirar a melhor nota... a gente nunca precisou mandar estudar" (mãe)	Luciana: "já foi pior... a gente comparava com o Plínio... ela gosta de estudar, mas falta aquele interesse em estudar um pouquinho mais" (mãe)	Jessica: "é muito inteligente, gosta de ir pra escola, se interessa" (mãe)	
ROBERTO	Evandro: "teve uma fase... aquela coisa assim meio cansado... eu até fiz uma ameaça a ele: tu só vai sair da escola no dia que tu fizer o 2º grau" (mãe)	Roberto: "gosta muito da escola... está sempre à frente... tem notas excelentes" (mãe)	Rosana: "tem pique, tem vontade... ela gosta mesmo... as notas são muito boas" (mãe)	
LUANA	Sabrina: "vamos dizer assim... é bom o desempenho... a gente tá sempre assim empurrando... sempre em cima, né?" (mãe) "criou mais garra quando começou a trabalhar..." (pai)	Luana: "vale a pena investir na Luana, vale a pena mesmo... porque é uma menina excelente... sabe?... em termos de estudo e tudo... é só elogio..." (mãe)	Pâmela: "tá ficando assim, que nem a Luana.. ela é preocupada, ela pega o caderno e faz as coisas..." (mãe)	Leonardo: "é o atrasadinho, que tem 8 e tá na 1ª... é mais desligado, não é bem assim pro estudo..." (mãe)
SUZANA	Suzana: "ela é excelente aluna, não tem problema nenhum, o que a gente mandar ela faz, só que o problema dela é que ela é quieta" (pai)	Carlos: "... nunca tive reclamação dele... no segundo bimestre andava péssimo, porque não gostava da professora... ele é difícil de estudar... é muito malandro" (mãe)		

Através desses depoimentos, foi possível perceber que, nas famílias entrevistadas, os filhos apresentam desempenho escolar com pouca variação, apenas dois casos apresentam mais de uma reprovação, justificando que a hipótese de diferenças muito significativas no desempenho escolar não se confirmou.

Na Família Raul, evidencia-se que o filho mais velho, Ricardo, é quem apresenta melhor desempenho escolar, segundo os pais. O mesmo ocorre com as Famílias Plínio e a Suzana.

Nas Famílias Julian e Roberto, os filhos mais velhos apresentam dificuldades na escola, sendo que em ambas as famílias é o segundo filho quem apresenta o melhor desempenho escolar. Nas Famílias Raul, Luana e Suzana, os filhos mais novos são os que apresentam maiores dificuldades com os estudos.

Também se evidenciou que os pais justificam o desempenho dos filhos com dificuldades, principalmente pela “falta de interesse nos estudos”. As Famílias Julian e Roberto atribuíram a causa das dificuldades dos filhos mais velhos à inadequação das professoras das séries iniciais. No caso da Família Luana, essa mesma justificativa foi utilizada para o desempenho do filho mais novo.

Em algumas entrevistas, os pais utilizaram como referência o bom desempenho de alguns filhos comparativamente em relação aos outros, como mostram os depoimentos das Famílias Plínio e Luana. Quanto aos resultados escolares, os pais justificam-nos através das notas obtidas pelos filhos na escola, bem como do “feedback” que professores e orientadores da escola lhes fornecem. Também é importante ressaltar, que nos depoimentos fica evidente a valorização dos filhos, mesmo nos casos em que o desempenho escolar, não corresponde às expectativas dos pais.

Muitas são as informações obtidas junto às seis famílias. Porém, os dados apresentados até o momento constituem-se nos mais relevantes à caracterização das famílias entrevistadas. As demais informações, pertinentes aos projetos de futuro para os filhos e às práticas educativas utilizadas pelos pais, encontram-se dispostas e analisadas na segunda parte deste capítulo.

Parte II

2. ANÁLISE DAS CATEGORIAS TEMÁTICAS

Através do procedimento metodológico de análise de conteúdo (Bardin, 1991 e Moraes, 1999), as informações obtidas nas entrevistas com as famílias foram

submetidas à análise, partindo de um sistema de categorização, que proporcionou a compreensão da dinâmica que compõe a construção de projetos de futuro para os filhos e a utilização de práticas educativas. Um conjunto de duas categorias temáticas, compostas de subcategorias, serviu de base à análise:

Categoria 1

Projetos para os filhos

- a) *Projetos Escolares e Profissionais;*
- b) *Projetos para os Filhos X Projetos dos Filhos;*
- c) *Filhos ultrapassam os pais.*

Categoria 2

Práticas educativas e sua relação com os projetos familiares

- a) *Esforços realizados pelos pais;*
- b) *Ordem moral doméstica das famílias;*
- c) *Investimento escolar familiar: acompanhamento da escolaridade e as atitudes dos pais frente ao desempenho escolar dos filhos.*

A noção de projeto, aqui apresentada, encontra-se fundamentada principalmente nos conceitos de projeto enquanto um plano construído a partir de experiências sócio-culturais vivenciadas, pelos sujeitos em função de códigos e valores simbólicos presentes nas culturas de suas famílias e dos grupos; conforme Velho (1997).

Para esse autor, os projetos adquirem uma dimensão social quando relativizados individualmente, ou seja, a existência de projetos individuais dizem

respeito a uma ordem maior quando relacionados aos interesses e necessidades de um grupo, como no caso, o familiar. Dessa forma, um projeto familiar incide diretamente em todos os membros da família, pois demanda investimentos e atitudes cuja implicação não está subordinada a apenas um sujeito, mas à família como um todo.

Os projetos podem ser pensados a partir de ângulos distintos: o dos projetos baseados em ações cuja *intenção* de realização realmente existe, e, portanto, configuram-se na possibilidade de desempenhá-los concretamente; e o dos projetos cuja ausência de *intenção* de realizá-los os remetem e mantém no plano da fantasia (Schutz, 1979). Essa diferenciação permite apreciar duas lógicas na construção dos projetos familiares, pois se, por um lado a existência de projetos não ultrapassa os limites do fantasiar; por outro, a intenção de realizá-los obriga os sujeitos a desenvolverem condutas que possibilitem sua realização em nível real. E essas condutas racionalmente elaboradas implicam atitudes e escolhas que objetivem os fins esperados. Para tanto, os meios utilizados devem estar ao alcance real ou potencial das famílias. Isso exige todo um planejamento doméstico para que as projeções de futuro para os filhos possam superar apenas o *desejo*. E nesse sentido, as práticas educativas utilizadas pelas famílias cumprem o objetivo de encaminhar e manter os filhos em diretrizes programadas e orientadas para a realização dos projetos idealizados.

Conforme Velho (1994), os projetos são concebidos a partir de um *campo de possibilidades* sujeito às influências culturais e históricas do contexto em que está inserida a família apresentando, portanto, um caráter flexível, que permite a coexistência num mesmo espaço de projetos em diferentes fases do desenvolvimento familiar; como foi possível verificar nas famílias entrevistadas, em que os filhos em diferentes faixas etárias - possivelmente viveram momentos também diferenciados da situação financeira, emocional, enfim, da história familiar - estão inscritos nos caminhos projetados por seus pais de acordo com as possibilidades de cada momento singular da experiência familiar. Essa observação tende, então, a mostrar que os projetos são formulados a partir dos paradigmas existentes, que norteiam a vida em sociedade.

À experiência familiar, poder-se-ia adicionar outro conceito definido por Velho, referente à relação dos projetos com as *trajetórias* dos indivíduos nos contextos social e cultural, pois essas respondem às preferências, condutas e aspirações dos indivíduos e das famílias, expressadas em cada projeto, atribuindo a este um caráter dinâmico, sujeito às variações conforme os hábitos, as tradições e os valores familiares, repassados através das gerações e renovados de acordo com os diferentes momentos históricos. Assim, são submetidos à constante avaliação por parte de seus membros, cujo questionamento permite a sua manutenção ou não.

As trajetórias dos membros das famílias correspondem a um conjunto de experiências relativas a um horizonte temporal, que auxilia a construção dos projetos tanto na dimensão da reprodução e conservação de padrões familiares, como da superação e conquista de novos valores. O tempo compreende um fator determinante na construção de planos de vida a curto, médio e a longo prazo para os filhos; as prioridades são definidas a partir de diferentes variáveis, como a idade, as condições financeiras e emocionais, entre outros. A priorização muitas vezes pode tornar-se geradora de conflitos, pois a adaptação de interesses individuais nem sempre coincide com as necessidades coletivas da família.

Essas variáveis sofrem alterações constantes, pois os conceitos e valores presentes em uma sociedade modificam-se em função das transformações sociais, econômicas e culturais. Ora, se os valores se modificam, torna-se evidente pensar que os projetos familiares tendem a ser construídos de forma a adaptarem-se a esses novos valores.

As contribuições de Ariès (1980) permitem observar os percalços históricos de transformação social e cultural vividos pela família em relação à educação dos filhos. Os padrões educativos da sociedade tradicional não contemplavam a ascensão social através dos títulos escolares como as sociedades modernas (Zago, 2000).

As transformações decorrentes da industrialização da economia e da expansão da urbanização, geraram no Brasil, modificações que, por sua vez, acarretaram no aumento de ocupações profissionais não manuais e na procura pela educação formal através de níveis escolares superiores (Rodrigues apud Zago, 2000), pois a

escolaridade de nível primário e médio passou a ser vista como insuficiente perante às exigências do mercado de trabalho, assim:

Esse fenômeno é particularmente compreensível nos tempos atuais, quando a inserção no mercado de trabalho é dificultada pela crise de desemprego e aumento da demanda pela qualificação da força de trabalho para enfrentar mudanças impostas pelo capital econômico e o sistema produtivo. (...) Como mostram estudos empíricos realizados em diferentes estratos sociais, a forte demanda da população pela escolaridade representa uma necessidade de responder a essas mudanças (Zago, 2000, p.23).

Em relação ao presente estudo aqui desenvolvido, o material obtido nas entrevistas possibilitou a apreciação da manutenção e da renovação de valores concebidos através das trajetórias das famílias, das suas experiências e de seus projetos para os filhos. A temporalidade como fator fundamental para a realização das projeções de futuro, assim como a utilização de práticas, demonstraram claramente a ideologia que determina as linhas diretrizes utilizadas pelos pais e que podem ser compreendidas a partir da análise dos projetos de futuro para seus filhos, conforme as categorias temáticas propõem.

2.1. CATEGORIA 1

Projetos para os filhos

Esta categoria permitiu observar que as famílias entrevistadas possuem projetos de futuro pessoal, escolar e profissional para seus filhos, manifestados de várias formas. Nesse sentido, comprovou-se e talvez reafirmou-se o que Bowlby (1989) em seus estudos sobre as relações familiares havia observado: os pais constroem objetivos e desenvolvem expectativas acerca do futuro de seus filhos.

Através da fala dos entrevistados, evidenciou-se essas expectativas, posto que os pais verbalizaram projeções de futuro de forma generalizada para todos os filhos. Estudo, profissão e vida familiar são objetivos almejados para os filhos dessas

famílias. Os valores morais e afetivos foram explicitados como orientadores para esses objetivos; e isto pode ser observado a partir do que dizem os pais:

“Mas no geral, o que a gente quer pros nossos filhos, seguindo aquele traçado que eu aprendi com a minha mãe, é dar uma base moral suficiente, pra que sejam unidos, que possam atingir aquilo que eles escolherem, mesmo com a gente dando os caminhos... pra depois, mais tarde, eles fazerem as escolhas deles... mas com base naquilo de certo que a gente pode oferecer, que é sempre priorizando uma boa formação, como pessoa, como cidadão... que eles possam realmente ser felizes...” (Pai Roberto).

“Que lutem né? Que sejam pessoas responsáveis pra que... quando chegar... quando eles tiverem os filhos deles, casarem... também isso aí, nunca vão ser obrigados, vão fazer a hora que acharem... pra que eles possam dar de melhor o que a gente pode tá dando pra eles... que sejam pessoas significativas para o Brasil!” (Pai Luana).

Os valores essenciais para os pais estão representados a partir da honestidade, da responsabilidade, da educação, do respeito, da liberdade para fazer escolhas, da possibilidade de constituir família por vontade própria, com condições para sustentá-la e não a partir de uma gravidez não planejada que poderia acarretar a completa modificação dos planos familiares. Para uma das famílias entrevistadas (Família Luana), a experiência de um casamento precoce em plena adolescência representa um padrão que não deve ser reproduzido pelos filhos, pois implicaria forçá-los a abrir mão de projetos considerados pelos pais como fundamentais.

Os ensinamentos dos valores familiares, veiculados pelas gerações, como no caso da Família Roberto, representam um modelo a ser seguido pelos filhos, para que esses possam realizarem-se futuramente. Os pais dessa família, a partir das trajetórias da avó paterna, dos tios e do próprio pai, demonstram o desejo e a necessidade da manutenção desse conjunto de valores, considerados e conservados pelos pais no sentido de assegurar uma trajetória para os filhos - dentro dos ideais familiares.

a) Projetos Escolares e Profissionais

Novamente, retoma-se as idéias de Schutz (1979) sobre a construção de projetos a partir de experiências e vivências, pois essas trariam projeções do que se espera efetuar no futuro. Velho (1997), a respeito do assunto, ainda ressalta que os projetos representam um conjunto de símbolos selecionados a partir de experiências e necessidades singulares, ou seja, as trajetórias dos indivíduos e dos grupos servem como uma fonte de referência; fenômeno visivelmente observado nessas famílias.

Porém, além desses valores morais, a realização dos filhos parece fundamentar-se no projeto da escolaridade e da profissionalização. Todos os pais entrevistados manifestaram o desejo de que seus filhos frequentassem a universidade, pois ela representaria a possibilidade de atingir melhores condições profissionais, financeiras, de valorização e reconhecimento social.

Os pais indicaram, através de seus discursos, que suas atuais condições sócio-econômicas estão associadas aos seus níveis escolares que, por sua vez, proporcionou-lhes ocupações profissionais não tão qualificadas e conseqüentemente não tão bem remuneradas. Conforme visto anteriormente, a escolaridade dos pais concentrou-se em torno do ensino fundamental e médio incompletos. Em relação às trajetórias familiares referentes à escolarização, é possível observar a incidência de avós analfabetos ou com o nível escolar atingindo a 4ª série do ensino fundamental e tios com o ensino fundamental completo. Isso remete a pensar que talvez para tais avós, o projeto da escolaridade para os filhos não correspondesse à prioridade familiar, centralizada sim, talvez na força do trabalho como forma de sustento.

Em contrapartida, os avós paternos da Família Roberto possuíam nível de escolaridade relativo ao ensino médio completo, o que de alguma forma poderia ter influenciado os filhos a buscarem uma escolarização mais avançada (há um tio na família paterna que completou o ensino superior e faz Mestrado). É possível que, mais uma vez, a trajetória escolar familiar estivesse desempenhando a função norteadora das metas referentes à escolaridade.

A maioria dos pais afirmou ter interrompido seus estudos para trabalhar e auxiliar seus familiares e, a despeito de muitos manifestarem o desejo de voltar a estudar, observou-se que priorizar os estudos dos filhos representa um dos maiores projetos para essas famílias.

Esse pensamento, também pode ser exemplificado através dos relatos obtidos nas entrevistas:

"Ah, eu quero que eles façam a faculdade... tem mais valor... e a gente também abre a cabeça, conhece gente nova, aprende demais eu acho, tem oportunidades, tudo isso... e olha, eu gostaria que eles fossem... fizessem todos os graus, sabe? Fizessem faculdade, mestrado, doutorado, enfim, fossem até..." (Pai Roberto).

"...eu quero que eles estudem até chegar na universidade, se formem, pra depois eles trabalhar... a única coisa que nós podemos dar pra eles é isso aí: o estudo... a herança que a gente pode dar..." (Pai Plínio).

"...eu tenho vontade de que eles estudassem até a faculdade...esse é um pensamento que eu tenho, mesmo com meu pouco estudo, porque a faculdade vai fazer que eles tenham mais valor, possa ganhar mais..." (Pai Suzana).

Conforme discutido e explicitado anteriormente, a escolarização é um elemento de grande importância na vida familiar, principalmente nas camadas médias, pois representaria uma possibilidade de ascender socialmente (Nogueira,1995). Os estudos de Connel et all (1995) também demonstraram a importância da continuidade da escolarização dos filhos, mesmo em segmentos sociais diferenciados.

Para as famílias entrevistadas, situadas (nível sócio-econômico) na faixa intermediária entre os meios populares e as camadas média e média baixa, chegar até a universidade é um projeto construído para todos os filhos. Nesse sentido, trata-se de um projeto compartilhado por ambos os pais, não havendo discordância do

casal a respeito desta expectativa para o futuro dos filhos e tampouco diferenciação em relação a gênero.

Esse projeto da escolaridade prolongada encontra-se estreitamente vinculado à ideologia dominante nessas famílias: a de que a universidade irá possibilitar a valorização dos filhos no futuro mercado de trabalho.

Tal concepção ideológica pressupõe ainda que a possibilidade de ascensão, através do empenho particular de cada um, pode ser obtida mais facilmente, desde que a força de trabalho esteja qualificada pelo conhecimento viabilizado pela escolarização (Romanelli, 1995). Assim, a formação superior é vista como essencial para determinadas atividades profissionais e possuir um título representaria estar apto a concorrer com melhores atributos no mercado de trabalho.

A educação é reconhecida como um “patrimônio” familiar que os pais podem deixar aos filhos, devido às suas condições financeiras e, por certo, a possibilidade de oferecer o estudo perpassa também a idéia concebida por Establet (apud Nogueira, 1995) de que os pais desejam frutificar os bens que possuem, entendendo-se neste caso, que estes bens representariam o capital cultural familiar a ser transmitido aos filhos via educação escolar.

Este capital cultural, segundo Bourdieu (1998), é transmitido aos filhos como uma herança que viabiliza a perpetuação através da distinção e da superação da posição social do pai. Para o autor, a transmissão doméstica do capital cultural representa “(...) o mais oculto e determinante socialmente dos investimentos educativos(...)” (Bourdieu, 1998, p.73). Ainda ressalta que o rendimento escolar, decorrente da ação escolar, depende do capital cultural investido pela família, implicando um rendimento econômico e social, através do certificado escolar que é, por sua vez, decorrente da herança do capital social. A respeito da importância do capital cultural objetivado através do diploma ou certificado escolar, o autor assinala:

Com o diploma, essa certidão de competência cultural que confere ao seu portador um valor convencional, constante e juridicamente garantido no que diz respeito à cultura, a alquimia social produz uma forma de capital cultural que tem uma autonomia relativa em relação ao seu portador e, até mesmo em relação ao capital

cultural que ele possui, efetivamente, em um dado momento histórico (Bourdieu, 1998, p. 78).

O capital cultural, associado ao reconhecimento institucional conferido através do certificado escolar, permitiria a comparação entre os que o possuem; possibilitando a substituição a partir da sucessão e convertendo-o junto com o capital econômico, o que garantiria o valor em dinheiro do capital escolar. Essa conversão de capital econômico em capital cultural:

(...) estabelece o valor, no plano do capital cultural, do detentor de determinado diploma em relação aos outros detentores de diplomas e, inseparavelmente, o valor em dinheiro pelo qual pode ser trocado no mercado de trabalho - o investimento escolar só tem sentido se um mínimo de reversibilidade da conversão que ele implica for objetivamente garantido (Ibid, 1998, p.79).

Para o pai da Família Plínio, a possibilidade da escolarização representaria a única herança a ser deixada para os filhos. Ou seja, diante da ausência de bens materiais (que caracterizam o capital econômico) e que nesse caso não são passíveis de herança, a família disponibiliza seu empenho para possibilitar a ampliação do capital cultural e escolar dos filhos, visando a um futuro mais rentável economicamente para a família. Mas, no discursos das demais famílias, esse aspecto da "herança" através do capital cultural também se faz presente. Romanelli (2000) assinala que a família, ao organizar-se e planejar a possibilidade de viabilizar determinada escolaridade para os filhos, pode ser beneficiada também simbólica ou materialmente através do êxito escolar obtido pela prole.

Enquanto transmissão de uma herança, o capital cultural também está associado à escola no sentido de contribuição para a construção da identidade dos indivíduos. Para Bourdieu, a relação estabelecida entre a família e a escola explicaria o fato de que "(...) a Escola se encontra, freqüentemente, na origem do sofrimento das pessoas entrevistadas, frustradas ou em seu próprio projeto ou nos projetos que fizeram para seus descendentes, ou ainda pelos desmentidos infligidos pelo mercado de trabalho às promessas e garantias da Escola" (Ibid, 1998,p.231). Mas, mesmo considerando-se que a escola pode representar essa fonte de

sofrimento quando os projetos não são realizados, outros autores, a partir de dados empíricos, ressaltam que ela ocupa um local privilegiado nos planos de muitos pais.

D'Ávila (1998), em pesquisa realizada com famílias pertencentes a estratos médio-baixos e baixos da sociedade, residentes na periferia da Grande Vitória (ES), observou que a escolaridade prolongada constitui-se em um projeto para o futuro dos filhos, pois traria melhores condições profissionais. O autor assinala que para os pais:

(...) a escolarização de seus filhos é vista também como uma forma de alcançar uma situação de vida social melhor que aquela que lhes coube ou pelo menos não pior, na medida em que reconhecem que a qualificação para o trabalho hoje, diferentemente de antigamente, passa necessariamente por uma escolarização mais prolongada (D'Ávila, 1998, p.42).

No discurso do pai da Família Julian, evidenciou-se este pensamento a respeito da escolarização prolongada associada à possibilidade de desempenhar profissões mais qualificadas e, conseqüentemente, melhores remuneradas:

"A gente tem que mostrar pra eles que hoje em dia, a vida é diferente da minha época...hoje é o nível universitário pronto...na nossa época era o 2º grau... a experiência falava mais alto...hoje conta a experiência, é claro...você vê uma pessoa com experiência e com o nível universitário e você só com a experiência como nós? Você perdeu com certeza!" (Pai Julian).

A probabilidade de continuidade nos estudos para os filhos das famílias entrevistadas pode também estar relacionada à variável número de filhos, tendo em vista que das seis famílias entrevistadas, quatro tem três filhos; uma tem quatro e uma tem dois filhos. "Boudon (apud D'Ávila, 1998, p.41) registra a influência do tamanho da família, pouco numerosa (1 a 3 filhos) ou muito numerosa, nas probabilidades de continuidade dos estudos dos alunos." Sob esse aspecto, conclui-se que essa variável tende a favorecer a maior parte das famílias, mesmo levando-se em conta o caso da Família Luana, com quatro filhos, cuja expectativa de escolaridade prolongada para todos é muito evidente.

Além da variável número de filhos, outras variáveis, como a ordem de nascimento dos filhos, gênero e a história da própria família, poderiam ser incluídas como fatores que influenciam diretamente na construção de projetos familiares. Alguns desses, poderiam até apresentar-se como específicos, em função da existência dessas variáveis, que, por sua vez, atuam em decorrência das constantes alterações vividas ao longo da história de cada unidade familiar.

Dessa forma, as diferentes variáveis a que estão expostas as famílias, poderiam justificar a natureza e a elaboração de projetos diferenciados para os filhos. Esse fenômeno mostrou-se presente nas famílias entrevistadas para a pesquisa aqui desenvolvida, e pode ser apreciado através dos exemplos impressos nos discursos dos pais:

“A Computação para o Plínio e Odontologia para a Luciana... a Computação porque é a profissão do futuro, em tudo vai se usar o computador, e o Plínio pode ter o emprego em qualquer lugar e pode ganhar bem e viver sem se matar tanto... e dentista pra Luciana, porque acho que ela ia ser independente, não ia precisar que ninguém sustentasse ela...acho bonito aquelas moças de branco...” (Mãe Plínio).

“Eu gostaria muito que o Evandro fosse advogado, porque ele tem um jeito assim calmo...o Roberto...eu queria muito que ele seguisse a carreira militar...ele tem um jeito assim pra militar, sério...a Rosana eu queria que fosse modelo...eu sempre quis ter uma menina pra colocar no balé, essas coisas...” (Mãe Roberto).

A análise das entrevistas permitiu, observar que, num primeiro momento, os projetos específicos estão voltados, primeiramente, para os primogênitos, evidenciando a variável ordem de nascimento dos filhos. Isso pode estar relacionado ao fato de que esses filhos já atingiram um nível de escolaridade e faixa etária mais avançada do que a dos os irmãos mais novos e estão mais próximos de ingressar no ensino superior, ou no mercado de trabalho ou ainda de passar por “ritos” tal como festejar os 15 anos - representantes de valores e conceitos pertencentes à ideologia e ao capital simbólico dessas famílias. O que não significa que os filhos menores não estejam nos planos de seus pais, porém, esses demonstraram maior preocupação em estabelecer prioridades conforme os filhos avançam

cronologicamente na idade e na escola, levando-se em conta o fator de que, em algumas famílias, os filhos mais velhos apresentam desempenho escolar diferenciado do nível de expectativa de seus pais, conforme visto nas Famílias Julian, Roberto e Luana⁷.

Ainda em relação aos projetos específicos, esboça-se uma determinada prevalência das expectativas maternas quanto ao futuro profissional, em particular, das filhas, o que revelaria uma diferenciação a partir da variável gênero. Algumas mães revelaram o desejo de que as filhas alcançassem o nível escolar superior, assim como desejam para os filhos, porém justificam, que profissionalmente, gostariam que elas desempenhassem funções que podem ser atribuídas a padrões simbólicos e ideológicos das próprias mães, como: “ser independente” ; “vestir roupas brancas (Odontologia)” ; “ser modelo ou bailarina”. Padrões femininos que fazem parte do capital cultural familiar referente à diferenciação sexual, perpetuados através da concretização dos projetos maternos.

Apesar das mães manifestarem mais abertamente esses projetos específicos, não se evidenciou que os mesmos configuram-se como projetos não compartilhados pelos pais, pois os casais demonstraram uma constante cumplicidade em relação às expectativas de futuro para os filhos. Esse fator, referente ao acordo mútuo dos pais sobre os projetos para os filhos, pode, talvez, ser interpretado a partir da longevidade da relação conjugal que marca todas as famílias entrevistadas. Os casais participantes da pesquisa apresentam união estável superior a 14 anos, o que pode representar uma justificativa para a concordância tão estreita entre os mesmos.

b) Projetos para os Filhos X Projetos dos Filhos

Os desacordos em relação às projeções de futuro não foram observados entre os pais, porém, mostraram-se presentes em relação aos projetos escolares e profissionais que os próprios filhos verbalizam para si. Principalmente nos casos em que os projetos desvirtuam-se daqueles idealizados pelos genitores.

⁷ A questão do desempenho escolar diferenciado e a construção de projetos de futuro para os filhos, será melhor explicitada na segunda categoria temática.

A elaboração de projetos, por parte dos filhos, que não envolviam a escola, mobilizou nos pais atitudes de desacordo com os mesmos, como pode ser observado no caso da Família Roberto, em que o filho mais velho, por apresentar dificuldades na escola, revelou o desejo de não mais estudar e trabalhar como motorista de caminhão do serviço de limpeza pública. Essa manifestação foi completamente repudiada por seus pais, que aspiram à escolaridade prolongada para todos os seus filhos. Desacordos também evidenciaram-se na Família Julian, cuja filha mais velha apresenta dificuldades escolares e mostra-se, segundo os pais, “indecisa” quanto ao seu futuro profissional, considerando-se “sem habilidades específicas” para escolher um curso superior, já que possui 19 anos e ainda não concluiu o ensino médio. Essa filha, manifesta o desejo de não cursar o ensino superior e começar a trabalhar, o que provoca conflitos com seus genitores. Na Família Raul, em que o filho mais velho já iniciou o ensino superior e serve como exemplo (segundo os pais) para seus dois irmãos, observa-se a discordância dos pais com o filho mais novo, cujos resultados escolares são inferiores às expectativas paternas, por esse manifestar o desejo de não prosseguir na escola para trabalhar como mecânico.

Os pais da Família Plínio também relataram sua incompatibilidade mediante os projetos de futuro profissional da segunda filha, cujo desempenho escolar está aquém do esperado por eles, da seguinte forma:

“... a Luciana, eu não quero que ela seja modelo...só pra tirar foto agora...mas pro futuro dela não...isso aí não é uma profissão pro futuro...é tão curta...isso aí é só uma coisa de...desejo dela agora...mas pro futuro dela não, eu não quero isso! Eu não penso que ela seja uma modelo pra ir pra um monte de lugares aí, que isso aí é que vai ser o ganha-pão dela, eu quero uma profissão mesmo que ela tenha mais estabilidade né? Porque modelo tem serviço hoje e amanhã tem mais trinta igual ou melhor que ela e daí? Como vai se sustentar? Não, nem pensar!” (Mãe Plínio)

Os relatos revelam então que há uma discordância maior com o que os filhos verbalizam sobre o futuro, quando esses manifestam escolhas que se incompatibilizam com os projetos paternos de escolaridade prolongada. Quanto a esse aspecto, também se verificou que os discursos do pai e da mãe são semelhantes. A discordância ocorre sim, de forma mais contundente, mas com os

filhos, cujo desempenho escolar é inferior às expectativas dos pais, e esses filhos manifestam o desejo de interromper a escolarização para trabalhar. No caso específico da Família Plínio, o projeto idealizado pela filha, de ser manequim e modelo, encontra-se fora da possibilidade de investimento financeiro dos pais, além, é claro, de representar um projeto que descartaria a escola, e, portanto, um projeto que, segundo os pais, estaria apenas na “fantasia” da filha.

Por outro lado, os pais das Famílias Luana e Suzana demonstraram estar dispostos a apoiar as escolhas dos filhos, sejam quais forem, talvez mobilizados pela falta de oportunidades de realizar suas próprias escolhas, já que interromperam seus estudos para trabalhar e casar (Família Luana) ou necessitaram auxiliar os pais nas atividades agrícolas desde muito cedo (Família Suzana). Porém afirmam que encorajam os filhos a não perder de vista a universidade por esta representar uma via que possibilita uma vida profissional mais qualificada, conforme pode ser apreciado no discurso da mãe da Família Luana:

“...eu acho que cada um vai seguir o seu destino, mas eu não vou obrigar eles a nada, eles vão porque eles querem, né? como a gente sempre faz...cada um vai seguindo a sua...a gente só vai dar força, né? a gente vai dar força...a gente tá lutando pra dar isso...e cada um vai seguindo...como a minha mais velha (Sabrina) diz: ah, eu quero ser professora...a outra (Luana) já diz que quer ser advogada...então cada uma vai pelo seu gosto...Não adianta a gente dizer assim: ah, eu quero que tu seja aquilo...tem que ser da vontade deles...” (Mãe Luana).

Para os pais, a orientação para a escolha profissional dos filhos é permeada de critérios estabelecidos segundo a ideologia e os valores da família: o que inclui nível escolar superior, reconhecimento social através de profissões que possibilitem status social representando uma tarefa de suma importância na vida familiar. Segundo Terrail (apud Viana, 1998), para a elaboração de um projeto escolar para os filhos é preciso:

(...) conceber a possibilidade de enfrentar um longo período de dificuldades, poder inscrever esta possibilidade numa representação global do social e de seu próprio lugar no social. E dispor ainda de um sistema de valores que sustente o esforço a longo prazo e justifique a destinação prioritária ao

empreendimento de recursos familiares em energia, tempo e dinheiro (Terrail apud Viana, 1998, p.34).

Essa concepção também foi observada na ideologia familiar dos entrevistados do presente objeto de estudo aqui desenvolvido, visto que os pais justificam o desejo da escolaridade prolongada devido aos benefícios econômicos e sociais que esta pode proporcionar aos filhos. Porém, essa não foi a única motivação que mobilizou os pais a construir esses projetos para seus filhos.

A possibilidade de realização de projetos dos pais – interrompidos ou abandonados por necessidades de trabalho ou por fracasso em atingir as condições necessárias para a realização dos mesmos – através dos filhos também configurou-se como um tipo de projeto de futuro.

Para melhor compreender as trajetórias dessas famílias, em relação aos projetos que os próprios pais haviam construído para si, foram organizadas e combinadas as informações obtidas nos relatos, pertinentes a esse tema, objetivando proporcionar uma visão mais objetiva do todo. Um levantamento acerca dos projetos que os pais tinham para si antes mesmo do casamento revelou as informações contidas no Quadro 6.

Quadro 6: Projetos Profissionais e Escolares dos Pais

FAMÍLIAS	PROJETOS PROFISSIONAIS E ESCOLARES DOS PAIS			
	Projetos de escolaridade Mãe	Projetos de escolaridade Pai	Projetos profissionais Mãe	Projetos profissionais Pai
RAUL	Fazer faculdade. Abandonou os estudos para trabalhar. Tem o E.F. completo.	Completar o E.F. Interrompeu os estudos para trabalhar. Tem o E.F. incompleto.	Ser comerciante. Abandonou esse projeto com o nascimento dos filhos.	Trabalhar como motorista na empresa em que o pai trabalhou. Abandonou esse projeto porque foi reprovado na seleção..
JULIAN	Completar o E.M. Atingiu esse objetivo e dedicou-se ao trabalho.	Completar o E.M. Atingiu esse objetivo e priorizou o trabalho.	Seguir a carreira de bancária. Abandonou esse projeto para dedicar-se aos cuidados com os filhos.	Seguir a carreira de piloto da Aeronáutica. Abandonou esse projeto porque foi reprovado na seleção.

Quadro 6: Projetos Profissionais e Escolares dos Pais (continuação)

PLÍNIO	Fazer faculdade de engenharia. Abandonou os estudos para trabalhar. Tem o E.F. incompleto.	Completar o E.M. Interrompeu os estudos para casar. Tem o E.M. incompleto.	Seguir a carreira de engenheira civil. Abandonou esse projeto pela necessidade de trabalhar.	Seguir a carreira de jogador de futebol. Abandonou esse projeto por falta de apoio financeiro.
ROBERTO	Concluir o E.F. Abandonou os estudos por falta de orientação e estímulo da família. Tem o E.F. incompleto.	Fazer a faculdade de Medicina. Foi reprovado em 3 vestibulares. Tem o E.M. completo.	Seguir a carreira de arquitetura ou Direito. Abandonou esse projeto por falta de estímulo familiar.	Seguir a carreira de médico. Abandonou esse projeto devido às reprovações no vestibular.
LUANA	Fazer faculdade. Abandonou os estudos para trabalhar. Possui o E.F. completo.	Fazer faculdade. Interrompeu os estudos para trabalhar. Tem o E.F. completo.	Seguir alguma carreira com curso superior. Abandonou esse projeto para trabalhar.	Seguir a carreira de administrador de restaurante. Abandonou esse projeto para casar.
SUZANA	Completar o E.M. (Magistério). Interrompeu os estudos para trabalhar. Tem o E.F. incompleto.	Completar o E.M. Interrompeu os estudos para trabalhar. Tem o E.F. incompleto.	Seguir a carreira de professora. Abandonou esse projeto pela necessidade de dedicar-se ao trabalho.	Seguir a carreira militar. Abandonou esse projeto porque não foi aceito na seleção.

E. F. = ensino fundamental

E.M. = ensino médio

Esses dados permitem observar que apenas os pais da Família Julian, conseguiram concretizar projetos (de escolaridade). As demais famílias abandonaram seus projetos escolares e profissionais pelos motivos já citados.

Em vários momentos das entrevistas é reafirmado o propósito de garantir, por maior tempo possível, a permanência dos filhos na escola, para que não enfrentem as mesmas dificuldades vividas por seus pais, atribuídas, principalmente, à escolarização incompleta. Mesmo nos casos dos pais que atingiram o ensino médio (como nas Famílias Julian, Roberto e Plínio), o desejo de que os filhos frequentem a universidade, representa uma possibilidade de realização pessoal dos pais.

Essas informações somadas aos projetos construídos para os filhos, demonstraram que alguns pais idealizam para os mesmos a realização de planos que eram seus. As idealizações fizeram-se presentes em discursos como os que se seguem:

“...toda a vida eu botei na cabeça do Ricardo que ele tinha que fazer faculdade... desde pequenininho eu falava pra ele que ele tinha que fazer faculdade... que o Ricardo tá fazendo é um

sonho meu, não é um sonho dele...já digo pra ti assim, que é um sonho meu e agora é dele né? que ele tá gostando...eu tenho fé que meu filho vai me ajudar, vai abrir um negócio comigo..." (Mãe Raul).

"Eu adoraria que ele (Elton) fosse piloto...eu sempre gostei...então eu achava, pôxa, ele ia fazer o que eu queria ser...não deu, ele não quer...não adianta...não vai você ser um piloto frustrado ou...eu prefiro que ele seja um médico, ganhando um décimo do que ele ganharia, do que ser um piloto frustrado..." (Pai Julian)
"... porque não vamos pôr os nossos desejos, o que a gente queria ser, nas costas dos filhos...eles não têm que carregar as nossas ilusões, né?" (Mãe Julian)

"...olha, se ela (Suzana) quiser ser professora, eu vou gostar, porque era um sonho meu que infelizmente eu não pude realizar..." (Mãe Suzana)

Os pais manifestaram o desejo de não repetir com os filhos o que consideraram que não foi positivo para realizar seus próprios projetos de futuro como: interromper os estudos para trabalhar, casar muito jovem e não poder escolher e seguir a profissão que desejavam.

A possibilidade de os filhos, ou de pelo menos algum deles, concretizarem sonhos e projetos não realizados pelos pais representaria uma conquista dos próprios pais. Porém, como no caso da Família Julian, cujo projeto profissional para o filho era realizar um desejo paterno, ficou evidente o respeito pela negativa do filho em prosseguir na carreira projetada, e o apoio oferecido pela mãe para que os filhos não se vejam obrigados a satisfazer projetos que não são seus.

c) Filhos ultrapassam os pais

Para os pais, realizar um projeto abandonado ou interrompido, através dos filhos, possui também um caráter de superação, de avançar e chegar onde não lhes foi possível chegar.

O desejo de superação da situação profissional, escolar e financeira dos pais pelos filhos, representa, portanto, uma outra forma de projeto de futuro observado fortemente nas entrevistas.

Rochex (apud Viana, 1998), em pesquisa com adolescentes oriundos de camadas populares na França, investigou as diferenças nas performances escolares, os significados atribuídos à escola e a escolaridade e as relações decorrentes da história familiar e da origem social. Para esse autor, existem alguns processos subjetivos e intersubjetivos que são facilitadores da mobilização social. Definiu tais processos como pertencentes a uma configuração de emancipação da herança familiar, chamada de “tríplice autorização”. Nesse fenômeno, primeiramente o aluno/filho *autoriza-se* a diferenciar-se dos pais, emancipando-se para não reproduzir a história familiar. No segundo processo, *os pais autorizam* o filho a diferenciar-se e a emancipar-se, superando os modelos familiares; e, finalmente, num terceiro processo em que pais e filhos realizam *um reconhecimento recíproco* acerca da lógica de que a não reprodução da história familiar não representa sua desvalorização, possibilitando para os filhos, provenientes de meios populares, uma condição de emancipação social através da escola. Dessa forma, a trajetória histórica da família assume o caráter de “ponto de apoio” que estimula a emancipação. O autor conclui que essa “tríplice autorização” representa um processo de continuidade (valorização) e não de ruptura (desvalorização).

A pesquisa citada permite compreender que para determinados pais, a possibilidade de superação de suas condições sociais, escolares e profissionais é “autorizada” através do desejo de que os filhos alcancem patamares não atingidos por eles, implicando a realização de anseios dos próprios pais. De forma semelhante, observou-se na presente pesquisa, tema desta dissertação, que existe por parte das famílias entrevistadas essa “autorização” para a superação, não apenas no discurso, mas convertida em práticas educativas, que encontram no desejo de escolaridade prolongada para os filhos sua maior representação. Assim, se por um lado, os pais autorizam essa superação; por outro, não parecem autorizar a interrupção da escolaridade, já que essa implica o abandono de um projeto central para a família.

Novamente retomando Bourdieu (1998), destaca-se a concretização de um projeto interrompido dos pais, através dos filhos, pois:

Do mesmo modo, no caso do pai em vias de ascensão em trajetória interrompida, a ascensão que leva o filho a superá-lo é, de certa forma, seu próprio acabamento, a plena realização de um “projeto” rompido que ele pode, assim, completar por procuração. Quanto ao filho, rejeitar o pai real é aceitar, tomando-o por conta própria, o ideal de um pai que, por sua vez, se rejeita e se nega, fazendo apelo à sua própria superação (Bourdieu, 1998, p. 232).

Para o autor, o desejo do pai, mesmo que muito próximo da realidade, pode adquirir uma amplitude tal que ultrapassa os limites do real, transformando o filho ou a filha em substitutos do pai, encarregados de realizar, em seu lugar e de alguma forma, um eu ideal mais ou menos irrealizável (Ibid, 1998, p.232).

Bourdieu ainda propõem que a superação do pai pelo filho, representa uma forma de “matar” simbolicamente esse pai, já que se diferenciar dele, significa negá-lo. “O pai, em relação ao sucesso do filho e à si mesmo, tem uma atitude de ambivalência: vencer, mudar, ascender socialmente, mas ao mesmo tempo, permanecer simples, próximo do povo (e de si): “seja como eu, faça como eu e seja diferente, vá”. O sucesso do filho é a morte do pai” (Bourdieu apud Viana, 1998, p.58).

Para as famílias entrevistadas, o desejo de que os filhos possam ultrapassar a condição escolar dos pais é notória. Esses parecem mobilizados pela afirmação: “nossos filhos chegarão aonde não nos foi possível chegar”. Para tanto, o que se vê presente não é a lógica da reprodução e sim a da emancipação da herança familiar (Rochex apud Viana, 1998). Nestas famílias, observa-se que esta lógica prevê que os filhos, a partir do capital cultural familiar, possam expandir e redirecionar os próprios projetos dos pais, como no caso da Família Raul, cujo filho mais velho já se encontra freqüentando a universidade e, por sua vez, realizando em parte os projetos de seus pais :

“Esse meu mais velho (Ricardo) foi fazer faculdade, porque toda a vida eu disse pra ele: nem que eu tenha que varrer a rua da CONCAP (empresa de limpeza pública), tu vais fazer a faculdade...eu dizia pra ele: eu não fiz...eu disse pra ele que era o meu sonho estudar e fazer...” (Mãe Raul) “...olha, o que eu mais quero é que eles possam se dar bem na profissão...e eles não vão se espelhar em mim que sou policial...eles vão se espelhar nos

doutores...porque um dia eles também vão poder ser doutor!” (Pai Raul).

Os filhos da Família Julian podem, segundo os pais, através da universidade, alcançar o que eles não obtiveram, já que o filho mais velho não demonstrou interesse em seguir a carreira de piloto – tão sonhada pelo pai. Também os pais da Família Plínio demonstraram apostar na possibilidade via universidade, de seus filhos obterem condições materiais não atingidas por eles.

Presente também no discurso da Família Roberto – cujo pai relatou a frustração de ter sido reprovado em três vestibulares para Medicina – encontrou-se o desejo de que os filhos persistam e busquem alternativas para uma vida melhor, através do ensino superior. Este também é o desejo da mãe da Família Luana, cujos projetos escolares e profissionais interrompidos parecem viáveis agora, através dos filhos:

“A gente ensina, a gente diz bastante isso: pra eles vê a situação que os pais vivem né? pra não viver na mesma situação...a gente espera que quando vocês cresçam, que vocês tenham um futuro melhor, que vocês possam dar o melhor pros filhos de vocês, né? Eu quero do bom e do melhor pros meus (filhos)...melhor do que a minha vida que eu tive e tô tendo, né? Eu prefiro que...cruzes! eu quero que elas (filhas) consigam subir o mais que elas podem...porque a Sabrina pensa em estudar, fazer a faculdade de professora, tudo...assim, casar... a Luana já não, a Luana já pensa em estudar, ter uma vida dela, mas não sonha em casar não...” (Mãe Luana).

O mesmo anseio também verificou-se no discurso da Família Suzana, pois seus pais relataram ter vivido muitas dificuldades em suas vidas, o que lhes proporcionou escolhas profissionais mais restritas. A lógica da renovação se faz presente para esses pais, que desejam possibilitar mais oportunidades de escolhas a seus filhos, de forma que estes possam viver sob melhores condições que as suas:

“Minha mãe ficou viúva com cinco filhos pequenos, eu era a mais velha, né? Aí eu fui obrigada a lutar pra ajudar a sustentar os quatro, né? Foi bem difícil...eu tive uma vida muito difícil...mas graças a Deus, hoje a gente trabalha pra ajudar eles (filhos),

porque tu sabes que a gente não ganha bem e a gente quer ajudar os filhos...quer dar um pouco mais do que a gente não teve, né? ...” (Mãe Suzana).

Em parte, motivados pela possibilidade de realização através dos filhos e pelo desejo de que estes possam superá-los econômica, social e intelectualmente, a fim de atingir um padrão de vida diferenciadamente superior aos seus, esses pais construíram projetos de futuro pessoal, escolar e profissional para os filhos, e almejam a concretização dos mesmos.

Retomando os estudos de Mercure (apud Viana,1998), sobre as representações de futuro, as quais demonstram maior pertinência com o tema aqui discutido, ressalta-se a presença de duas dimensões: a das perspectivas dominantes de futuro e a dos planos de vida⁸.

Relacionando a pesquisa deste autor, ao estudo aqui desenvolvido, infere-se que a perspectiva dominante quanto ao futuro das famílias entrevistadas é a da conquista, pois essa configura-se pela intenção de superar e/ou construir condições do presente; conceber o futuro como um produto das próprias ações; estender os horizontes temporais de futuro e obter um certo controle do presente. Esses traços definidos pelo autor foram observados nos discursos dos pais. Porém, Mercure chama atenção, através de dados estatísticos, a esta disposição (a da conquista em relação ao futuro), que encontrou-se com maior frequência nos sujeitos provenientes de um nível sócio-econômico superior e que a perspectiva de conservação seria mais freqüente nos sujeitos pertencentes a um nível cultural e econômico mais desfavorecido. Isso permite demonstrar que a despeito das famílias entrevistadas não pertencerem a camadas mais empobrecidas; tampouco pertencem a camadas superiores. Situam-se na faixa *intermediária* entre as camadas médias e médias baixas e os meios populares, e, portanto, demonstram uma certa atipicidade estatística quanto às perspectivas dominantes de futuro, segundo os estudos realizados por Mercure. Tal atipicidade também foi constatada por Viana (1998), em sua pesquisa sobre a longevidade escolar nas camadas populares; em que concluiu que os indivíduos pertencentes a meios menos favorecidos, apesar de

⁸ Conforme discutido mais amplamente no Capítulo I.

estatisticamente minoritários, podem apresentar perspectivas inovadoras e de transformação, em relação ao futuro.

A fim de que estas perspectivas dimensionadas em projetos de futuro tornem-se realidade, os pais lançam mão de práticas educativas familiares que assegurem o sucesso desses projetos. As práticas observadas nos discursos dos pais formaram a segunda categoria analisada nesse estudo.

2.2. CATEGORIA 2

Práticas educativas e sua relação com os projetos familiares

A categoria acima demonstrou as práticas que as famílias dispõem em relação à orientação do futuro de seus filhos. Essas práticas podem ser compreendidas a partir da lógica de alguns autores citados, como Bowlby (1989), que descreve o uso de técnicas para a obtenção de comportamentos favoráveis à concretização dos projetos para os filhos. Esse conjunto estaria composto de restrições, encorajamentos e reforços por parte dos pais, objetivando alcançar suas metas.

Mas, a fim de que essas práticas possam ser efetivadas, os pais necessitam dispor de tempo, investimento emocional e financeiro para acompanhar a trajetória de seus filhos, e isso implica “esforços”.

a) Esforços realizados pelos pais

Os esforços realizados pelos pais entrevistados, compreendidos também como “sacrifícios” em prol do futuro dos filhos, foram observado particularmente em relação à manutenção dos filhos na escola, dispensando-os da tarefa de trabalhar para auxiliar financeiramente a família.

Esse fenômeno, também observado e analisado na pesquisa de Connel et al (1995)⁹, demonstrou que os pais da classe operária manifestaram o desejo de permanência dos filhos na escola, submetendo-se a sacrifícios, pois uma boa

⁹ Citados no Capítulo I dessa dissertação.

formação escolar representaria um investimento econômico rentável para a família, sob a perspectiva do retorno através de uma profissionalização mais qualificada.

Quanto a essa prática, na pesquisa aqui realizada, configurada sob a ótica dos esforços, de trabalhar por um período maior de tempo, de utilizar recursos econômicos para a educação dos filhos, de poupá-los do trabalho para dedicarem-se exclusivamente aos estudos, relatam os pais:

“...enquanto eu tiver braço e perna e o Osmar (pai) também, saúde, né? nós não vamos deixar eles trabalhar pra parar de estudar, isso eu não vou deixar fazer...isso aconteceu com a gente e nós não vamos repetir com eles...” (Mãe Plínio).

“A gente tá, tá...tentando protegê-los, pra que amanhã ou depois eles tenham ao menos a visão do que eles tão querendo, que a gente tá traçando...protegê-los no sentido de poderem só estudar, apesar de eu já ter colocado isso pra eles, sobre trabalhar e estudar...mas a escola tá sendo a prioridade” (Pai Roberto).

“Nós queremos que ela (Suzana) estude primeiro, enquanto der pra gente sustentar sem que ela precise trabalhar...eu da minha parte, eu faço de tudo pra eles estudar, né? pra ter uma vida melhor do que a gente ...que olha, trabalhar esses anos todos no fogão dos outros, não é moleza! (Mãe Suzana).

Ao analisar os dados obtidos a respeito da idade de início de trabalho dos pais, verificou-se que todos eles iniciaram suas atividades profissionais antes dos 18 anos. Esse fator tornou-se extremamente relevante se comparado ao discurso referente a poupar os filhos de trabalharem para que se dediquem somente aos estudos, ou ao fato dos filhos mais velhos das Famílias Raul e Luana estarem trabalhando para “comprar suas próprias roupas”, sem que precisem contribuir com a renda familiar. Ficou evidente que, para esses pais, o “sacrifício” realizado por eles, permitindo que seus filhos apenas estudem, representa uma prática que visa a manutenção da escolaridade a fim de que não seja necessário abandonar os estudos em decorrência do trabalho para obter o sustento, como ocorreu para a maioria deles. Mais uma vez, a lógica da transformação se faz presente, e neste sentido, os pais efetivamente atuam junto aos filhos de forma que estes não

necessitem reproduzir a trajetória percorrida por eles. Novamente observa-se a possibilidade de um projeto real e não apenas idealizado, pois essa prática familiar, asseguraria a manutenção do projeto de escolaridade prolongada.

Utilizar economias para proporcionar aos filhos festa de 15 anos ou cursos extra-escolares também representa uma prática educativa, que implica esforço, principalmente financeiro. Haveria também uma mobilização pessoal, entrelaçada ao desejo de realização de projetos próprios dos pais que pode estimulá-los a promoverem essas oportunidades. Talvez, devido às dificuldades encontradas, a mãe da Família Luana não tenha experienciado a sua adolescência como imaginava, demonstrando assim, não medir esforços para que suas filhas vivenciem o que projeta como ideal desta idade.

Possibilitar a realização de cursos extra-escolares, através do esforço dos genitores, representa uma prática voltada à preparação profissional para um mercado de trabalho exigente. Isso foi verificado com os pais da Família Julian, que relataram o objetivo de matricular os filhos em cursos pré-vestibulares, concomitante ao 3º ano do ensino médio. Para eles, essa estratégia proporcionaria maiores condições de enfrentar o vestibular, sendo que isso já está sendo efetivado com o segundo filho, que pretende prestar vestibular para Medicina. Mas, no caso específico dessa família, cuja renda mensal é a mais alta de todas, a estratégia talvez se mostre mais viável, pois o poder aquisitivo elevado, poderia proporcionar esse tipo de investimento. Já para as demais famílias é necessário “trabalhar mais e utilizar economias”, que viabilizem os cursos extra-escolares. A concepção dos pais a respeito da qualificação profissional, também inclui o estudo e a formação específica obtida através de cursos de inglês e computação, cujo valor seria de representar um diferencial para o desempenho de funções com mais status social e possibilidades financeiras. Establet (apud Nogueira, 1995) ressalta que o uso do tempo extra-escolar dos filhos de famílias de classes médias, com cursos de línguas, esportes, entre outros, constitui-se como algo escolarmente rentável, pois essas atividades seriam favorecedoras do sucesso escolar.

Dispensar os filhos do trabalho, representa uma prática utilizada até suas últimas conseqüências como forma de viabilizar o estudo e as condições

necessárias para tal. Lahire (1997), em sua pesquisa com alunos pertencentes a meios populares cujo desempenho escolar é favorável, constatou ser esta, uma das atitudes utilizadas por pais que vêem na escolaridade, a finalidade essencial da vida dos filhos, sacrificando-se para que a dedicação aos estudos seja exclusiva.

b) Ordem moral doméstica das famílias

Lahire (1997), refere-se à criação de uma ordem moral doméstica por parte das famílias, que é repassada aos filhos e configura-se em uma moral de boa conduta, de respeito e conformismo às regras, de esforço, perseverança e de organização. Esses valores representam para Lahire uma forma de influência familiar num domínio periférico ao escolar, mas que ao mesmo tempo contribuem para uma escolarização bem sucedida. A transmissão dessa influência ocorre por meio de uma ordem cognitiva. “A regularidade das atividades, dos horários, as regras de vida estritas e recorrentes, os ordenamentos, as disposições ou classificações domésticas produzem estruturas cognitivas, ordenadas, capazes de pôr ordem, gerir, organizar pensamentos” (Lahire, 1997, p.26). Ou seja, esta ordem moral doméstica auxiliaria o desenvolvimento do pensamento dos filhos, facilitando a aprendizagem.

Uma das formas dessa ordem moral doméstica ser veiculada no seio familiar, é a forma verbal. Através de orientações e aconselhamentos que objetivam alertar e conscientizar os filhos a respeito do futuro, a ordem moral adquire o caráter de prática. A utilização desta prática foi observada nas entrevistas, através de exemplos como os que se seguem:

“Ele (Julian) vai ser...pode até ser jogador de futebol, claro e é o que ele quer, mas ele precisa ter um nível universitário, precisa ter cultura, pra poder se relacionar...ele vai ter outras culturas pra se relacionar...eu dou o exemplo pra ele de alguns jogadores: Leonardo, Dunga...falam línguas muito bem, são pessoas que estudaram né? tem uma boa base cultural...então eu tento mostrar isso, porque nem todos vão ser um Ronaldinho da vida, ganhando milhões e milhões...quer ser jogador de futebol? Tudo bem, mas precisa ter uma base, algo em que possa se apoiar” (Pai Julian).

"Ainda ontem, nós estávamos conversando ... eu digo: é estudar sempre, não pode querer parar de estudar ou ler...senão você perde o contato...tem que ler mesmo, ler...senão tá afastado do trabalho...e isso é que é estar sempre na frente! Eu sempre coloco pra eles o seguinte: você tem 14 anos (Roberto) e você tem 16 anos (Evandro), então tem tempo ainda pra vocês... se não der, vocês vão priorizar uma outra situação...e vai acontecendo...você prioriza, mentaliza e daqui a pouco você tá chegando num caminho, não naquela direção, mas por outra que dá naquele caminho" (Pai Roberto).

"Ela (Sabrina) quando sai assim, a gente dá o horário pra ela estar em casa...pra não tá, né? é novinha também... eu digo pras minhas (filhas): olha, vocês tem experiência, tua mãe casou jovem, né? eu digo pra elas, né?" (Mãe Luana).

Novamente a escolaridade apareceu como pano de fundo na utilização das práticas educativas. Com exceção das Famílias Luana e Suzana, as demais famílias demonstraram utilizar os "aconselhamentos", como forma de alertar e até mesmo de direcionar os filhos para as trilhas referentes ao projeto escolar e profissional, cujo investimento é marcadamente intenso.

c) Investimento escolar familiar: acompanhamento da escolaridade e as atitudes dos pais frente ao desempenho escolar dos filhos

Além da ordem moral doméstica (periférica à escolarização), existem as práticas utilizadas pelos pais para acompanhar a escolaridade dos filhos (não mais de uma ordem periférica e sim direta), intituladas também sob a forma de "investimento escolar familiar", definido como:

(...) um conjunto de práticas e atitudes voltadas intencionalmente para o rendimento escolar. Essas práticas e atitudes constituem-se, tanto de intervenções práticas (controle sistemático das atividades escolares, escolha dos estabelecimentos de ensino e das carreiras escolares, encaminhamento de atividades de reforço e para-escolares, comparecimento à reuniões pedagógicas e conselhos de classe, etc). (...) Enfim, o que está subjacente a uma tal conceituação é o fato da escola se configurar como prioridade familiar no cotidiano. A idéia central é a da intervenção, da elaboração de projetos, de acompanhamento da escolaridade dos filhos (Viana, 1998, p.67).

Através do relato verbal da experiência, da vivência e principalmente dos valores calcados na ideologia dessas famílias, que configuraram a possibilidade de sucesso através da qualificação promovida pela escolaridade superior, os filhos poderiam tornarem-se cientes do que realmente é necessário, segundo seus pais, para que suas vidas possam ser orientadas para o sucesso escolar e profissional.

Para a Família Luana, essa prática demonstrou ser mais utilizada no sentido de conscientizar as filhas para que essas não reproduzam o mesmo modelo de seus pais e realizem escolhas amorosas mais maduras. Escolhas essas efetuadas a partir da vontade própria e não da obrigação moral, que somente serviria para interromper os planos e projetos que os pais possuem para essa família. E nesse aspecto, fica evidente a questão de gênero, pois esse alerta tanto da mãe, quanto do pai, parece estar mais voltado às três filhas.

Em virtude das dificuldades encontradas pelos pais da Família Suzana, percebeu-se uma preocupação em não desencorajar os desejos e projetos dos próprios filhos, porém os pais consideram importante alertá-los sobre a possibilidade desses encontrarem muitas dificuldades em suas trajetórias, já que utilizam o jargão: “filho de pobre não possui as mesmas facilidades que filho de rico”; também compartilhado pelos pais da Família Raul. Isso representa que, para estes pais, seus filhos terão que superar dificuldades, através do empenho e do esforço, devido às condições sócio-econômicas em que vivem. Pensam que, se esta condição fosse mais favorável, não encontrariam tantas dificuldades financeiras para promover maiores opções de formação acadêmica para seus filhos.

Laurens (apud Viana, 1998) em pesquisa realizada junto a filhos de operários franceses, cujo o acesso ao nível superior foi possível, identificou através de uma metodologia quantitativa e posteriormente qualitativa, três tipos de trajetórias escolares, relacionadas a três tipos de práticas educativas familiares. As famílias pesquisadas foram intituladas segundo suas estratégias educativas em três diferentes grupos. O primeiro grupo, dos “ambiciosos”, buscam a escolaridade de nível superior para os filhos. Apresentam projetos apoiados por uma certa desenvoltura social e cultural. Apresentam divisão de tarefas educativas entre os pais, porém a participação do pai centraliza-se mais na estimulação do

prosseguimento dos estudos dos filhos em momentos decisivos, o que caracteriza-se como uma forma de presença. O acompanhamento escolar cotidiano, representa uma tarefa basicamente materna. Para esses pais, o controle do projeto de escolaridade é mantido fortemente.

O segundo grupo, dos “laboriosos”, caracterizado pela participação de ambos os pais no acompanhamento escolar dos filhos. Pai e mãe estão informados sobre o funcionamento do sistema escolar. O projeto de escolarização prolongada é construído mais tardiamente, optando-se por uma trajetória intermediária de ensino superior.

Finalizando, o terceiro grupo, dos “sortudos”, é composto por famílias cujos projetos de escolarização prolongada não se mostram constantes no horizonte familiar. Os pais delegam o acompanhamento escolar dos filhos a quem consideram “mais competentes”, pois desconhecem o funcionamento do sistema escolar secundário e superior. A prioridade para os filhos é configurada pela sobrevivência profissional (Ibid, 1998).

A análise da pesquisa de Laurens com os dados obtidos através das entrevistas da presente dissertação, poderia sugerir a hipótese de que as seis famílias, neste momento de vida escolar dos filhos, enquadrariam-se no grupo dos “laboriosos”, visto que as atitudes referentes aos projetos de escolaridade prolongada para os filhos são semelhantes, assim como o investimento escolar familiar desempenhado pelos pais, no acompanhamento da escolarização dos filhos.

Uma análise mais ousada poderia ainda supor hipoteticamente, que os pais pertencentes a essas seis famílias, seriam oriundos de famílias similares às do grupo dos “sortudos”, pois os avós teriam, por meio de práticas educativas, buscado orientar os filhos para a sobrevivência profissional, não priorizando o ensino superior; mobilizados talvez pelo que Laurens denomina como uma característica do comportamento operário. Essa experiência vivida pelos pais, que se mantiveram na lógica da reprodução e conservação das trajetórias dos avós, talvez os tenha motivado no sentido de permitir a transformação através dos filhos, sem ignorar as novas demandas do mercado de trabalho, levando-os a construir projetos de

escolaridade superior, vigiados pela prática de acompanhamento constante da vida escolar dos filhos.

A fim de compreender melhor a utilização do investimento escolar familiar, seguem-se as passagens referentes a ele, nas entrevistas:

“Eu fui bem presente na escola...ia bastante na escola...ia levar as coisas pra eles (filhos)...conversar, conhecer os professores todos...participava das reuniões da APP...quando o Rodrigo começou a estudar, eu as vezes...a louça ficava na pia até cinco horas da tarde...eu ficava a tarde todinha sentada com o Rodrigo aqui...” (Mãe Raul).

“Nunca permiti que eles (filhos) furassem aula...nunca permiti que fugissem da escola...meus filhos nunca faltaram aula sem que a gente soubesse, nunca... a gente procura...faz parte da APM, então eles sabem que a gente tá sempre presente” (Mãe Julian).

“Eu cobro deles, eu faço ler um livro, mesmo que não tenha nada a ver com o colégio, eu faço ler algum livro que eu dou pra eles, ou fazer uma revisão dos livros deles mesmo...isso aí, na semana eu faço com eles...porque se deixar, eles não fazem por conta deles...” (Mãe Roberto).

O investimento escolar apresentou-se principalmente pela constante presença e contato com a escola de seus filhos. Os pais demonstraram estar acompanhando a vida escolar através da sua participação junto à escola, exigindo a frequência escolar, auxiliando os filhos na realização das tarefas escolares e opinando a respeito dos acontecimentos que envolvem os filhos nas situações acadêmicas. Porém, evidencia-se uma participação e acompanhamento do cotidiano escolar dos filhos muito mais presente das mães.

De fato, a cobrança de determinadas atividades – como a leitura semanal, na Família Roberto – representou uma prática que envolve a participação direta da mãe, sob o aval de um estímulo mais “distanciado” do pai, para a obtenção de uma maior constância do hábito de ler, considerado essencial a essa família.

Nogueira (1995), respaldada teoricamente por outros pesquisadores (Establet, 1987; Duru-Bellat, 1992; Lareau, 1987; Baker e Stevenson, 1986), afirma que a mãe é quem desempenha de forma mais ativa o trabalho pedagógico doméstico nas famílias de classes médias, demonstrando que essa divisão do trabalho no interior das famílias parece não variar segundo o país em que vivem. Essa autora descreve as formas como esse trabalho, basicamente materno, converte-se em atividades concretas:

(...) ajuda regular nos deveres de casa/ tomar as lições; reforço e maximização das aprendizagens escolares: explicam de novo certas aulas; tentam propiciar aplicações diferentes dos saberes obtidos em classe; prolongam através de jogos e brincadeiras os novos conhecimentos adquiridos; assiduidade às reuniões e observância dos conselhos dados pelos professores. (...) elas conhecem o nome, a reputação dos professores e da escola, o "ranking" dos alunos da sala; identificam as matérias em que os filhos são mais fortes ou mais fracos; estão sempre a par de suas notas e dos deveres do dia seguinte (Nogueira, 1995, p.18-19).

A proximidade com os profissionais da escola, assim como a participação em reuniões, mostrou-se uma das formas de acompanhamento da vida escolar dos filhos e um relacionamento mais estreito com o universo escolar. Além disso, os pais manifestaram abertamente o uso de regras e práticas educativas para controlar o desempenho escolar de seus filhos, principalmente quando não corresponde às expectativas dos genitores.

Conforme visto na primeira parte deste Capítulo, os filhos dessas famílias apresentaram desempenhos escolares diferenciados. Esse fator propõe que se analise também se as diferenças nos desempenhos escolares pode de alguma maneira alterar a construção dos projetos de futuro para os filhos.

As entrevistas possibilitaram verificar que em todas as famílias havia casos em que os filhos apresentam desempenho escolar considerado "sucesso" segundo as expectativas dos pais, assim como casos que não respondiam a essas expectativas de êxito e empenho dos filhos nos estudos, e, portanto, considerados "fracasso" para os pais, sem contudo representar uma variação considerada significativa entre

os desempenhos escolares, pois dos 18 filhos das seis famílias, três apresentam uma reprovação, e apenas dois apresentam duas reprovações no histórico escolar.

Frente ao desempenho escolar dos filhos, os pais relataram utilizar práticas que visassem atingir a modificação (nos casos de “fracasso”) ou a manutenção dos resultados escolares (nos casos de “sucesso”), segundo suas projeções de futuro. Conforme é possível verificar neste exemplo:

“Eu imponho...imponho...tiro muita coisa...boto de castigo... imponho pra esse (Rodrigo), pros outros não, só dou uns toques pra não relaxar...Esse (Rodrigo), eu pego mesmo, castigo, bato...já bati muito, bati mesmo...O ano passado eu fiquei no hospital no final do ano e ele fez prova de recuperação, final do ano...nunca tinha feito isso...primeira vez... se bem que no 1º ano ele já rodou, entendesse? Foi o único que rodou aqui em casa, foi ele...Então o Rodrigo é assim, podado...teve um ano que ele ficou de castigo o ano todo, entendeu? Teve um ano que ele não saía na rua, ele ficou de castigo...Agora eu tô soltando mais, porque ele tá ficando maior, tá ficando mais consciente...ele mesmo diz que vai tirar nota boa, e realmente ele tirou...” (Mãe Raul).

No exemplo acima, demonstra-se a utilização de práticas através da restrição e punição, como uma forma de controle da escolaridade do filho que apresenta desempenho escolar desfavorável. Porém, em relação aos outros filhos, cujo desempenho condiz às expectativas dos pais, o acompanhamento e controle da escolaridade ocorre através de “toques” ou lembretes, para que esses não se desvirtuem do caminho do bom desempenho escolar.

De forma semelhante, Portes (1993), em sua pesquisa sobre a relação família e escola de universitários provenientes de camadas populares em Minas Gerais, identificou as seguintes estratégias escolares das famílias: auxílio das mães em relação à aprendizagem; controle moral para que o filho não perca de vista o caminho que o levará a vencer na escola; vigilância geral da questão escolar; escolha da escola considerada melhor no bairro; afastamento das más influências presentes na vizinhança; formação para a competição, que auxilia a enfrentar as dificuldades de ordem material e social; uso de relações de influências, ajudas e “dicas” e uso da violência física (Portes apud Viana, 1998).

As práticas utilizadas pelas mães das Famílias Roberto e Luana também demonstraram semelhanças com as estratégias escolares das famílias entrevistadas por Portes:

“...O Evandro, se tráz uma prova, geralmente se tira 4,5...não me mostra, nem me dá pra assinar, vai direto no paizão! Mas eu costumo fazer, não é todo final de semana, vez ou outra, eu vou nas pastas, tiro tudo, olho tudo...vou nas gavetas deles, dou uma geral...aí acho uma prova dobrada...aí pego, faço ele (Evandro) fazer uma cópia e estudar tudo o que tá ali e fazer o certo!” (Mãe Roberto).

“O menino (Leonardo) é assim...ele chega do colégio, ele almoça, faz as tarefas todas...quando eu chego, eu pego um livro ou um ditado e faço pra ele sempre assim, né? Daí eu chego em casa e digo: ó, agora tu vai fazer um ditado com a mãe, ou tu vai ler um livrinho...nós dois, a gente, lê...um lê uma página, o outro lê a outra...também eu não forço, né? Eu digo pra ele: se tu não vim fazer o ditado, estudar com a mãe, tu não vai brincar, vai ficar dentro de casa!” (Mãe Luana).

Outra forma de atuar junto aos filhos visando à modificação do desempenho escolar que foge às expectativas familiares é o da utilização do exemplo, pois este “(...) ocupa um lugar privilegiado entre os procedimentos educativos(...)” (Zéroulou apud Viana, 1998, p. 21). Em relação a esta prática, segue-se o relato obtido em uma das entrevistas:

“A Luciana já foi assim, pior, né? ...a gente falava assim pra ela: porque tu é assim tão burrinha né? O Plínio é sempre tão inteligente, faz as coisas, a gente nunca precisou mandar ele estudar...ele sempre fazia as tarefas e as vezes a gente brigava porque ele queria fazer naquela hora e a gente dizia: não, faz depois, tem que descansar um pouco! Mas ele queria fazer... e essa (Luciana) daqui, é o contrário! A gente ficava em cima: Lu, não tem tarefa? Ela dizia: não tenho! Aí, quando chegava na hora da escola, tinha! Sempre tinha que ficar incentivando, em cima dela...só que a gente também errou porque tava comparando ela com o Plínio...aí eu comecei a dizer pro Osmar: eu acho que a gente não pode fazer isso, nós vamos ter que fazer diferente...não vamos comparar os dois, porque nenhum é igual ao outro...não adianta! E ela melhorou!” (Mãe Plínio).

O relato acima sugere porém, que nem sempre a utilização do exemplo representa uma prática com retorno garantido. Para a Família Julian¹⁰, a utilização do exemplo de jogadores de futebol que conjunto à carreira esportiva mantiveram a escolaridade e alcançaram uma situação de prestígio pela combinação do estudo com a carreira, representou um recurso utilizado pelo pai, para manter o controle da escolaridade do filho. Para a Família Raul, cujo filho mais velho já frequenta a universidade, o exemplo funciona como uma prática muito próxima à realidade dos outros irmãos. No caso da Família Plínio, o efeito negativo da comparação entre os filhos seria a justificativa atribuída pelos pais para o desempenho escolar da filha Luciana, incompatível com suas expectativas de escolaridade.

Mas, como explicar então as diferenças de desempenho escolar existentes entre irmãos que estão submetidos à mesma história do ponto de vista familiar e aos mesmos processos socializadores geridos pela família? Rochex (apud Viana, 1998), ressalta através de seus estudos que "(...) um mesmo meio familiar, pode mobilizar forças subjetivas diferentes" (Ibid, 1998, p. 54).

Essa idéia, já debatida anteriormente, orienta a análise para a perspectiva dos diferentes momentos familiares como forma de compreender as relações estabelecidas com os filhos. A família, por mais organizada que esteja pela ordem moral doméstica em uma mesma direção (a do controle e acompanhamento da vida escolar dos filhos), fracassa em alguns casos na tentativa de obter com todos os filhos, resultados escolares semelhantes. Esse fenômeno foi observado em todas as famílias entrevistadas, pois em cada uma verificou-se diferenças no desempenho escolar dos filhos, apesar dessas diferenças apresentarem-se como pouco significativas.

A esse respeito, Lahire (1997), destaca em sua pesquisa que a influência familiar no sucesso ou fracasso dos filhos deve ser pensada em termos de perfis de *configurações familiares*, e não em uma relação de causa e efeito, tomando os fatores isoladamente. Essa configuração mais global, obtida através do olhar da interdependência, permite contextualizar as condições de existência familiar. A contextualização de traços familiares "positivos" e "negativos" que podem influenciar

¹⁰ Em relato citado anteriormente.

o desempenho escolar dos filhos se faz necessária, pois, segundo o autor, alguns desses traços podem apresentar duplo efeito, como por exemplo, o filho apresentar fracasso escolar apesar do forte investimento dos pais em sua escolarização. Assim, defende a idéia de que a mobilização escolar depende da configuração familiar, ressaltando que alguns investimentos familiares (super-investimento escolar familiar) podem provocar efeitos negativos, gerando conflitos familiares e sofrimentos pessoais do aluno-filho.

Essa contribuição de Lahire – a respeito da contextualização da intensa mobilização familiar (em termos de investimento), para que a mesma não seja compreendida como uma mobilização sempre rentável – encontra-se respaldada em sua investigação junto à famílias cujo controle e apoio dos pais em relação à vida escolar dos filhos assume o caráter de imposições e sanções exteriores, pois esses pais desenvolvem uma relação ambivalente e confusa entre os próprios hábitos de gerência doméstica e o anseio de um belo futuro escolar para os filhos, investindo pesadamente na escolarização.

Não se poderia afirmar que nos casos das famílias entrevistadas para a pesquisa aqui apresentada, os desempenhos escolares desfavoráveis estariam relacionados somente ao investimento familiar de efeito duplo. Do mesmo modo, considera-se que alguns investimentos “funcionam” para alguns filhos e para outros não, levando os pais conseqüentemente a desenvolverem práticas educativas diferenciadas para os filhos. A idéia de Fortes (apud Viana, 1998) – sobre a compreensão de que cada momento do ciclo de vida familiar afeta de forma significativa “(...) os sentidos que a escola assume para a família e o aluno-filho e/ou os modelos socializadores da família” (Ibid, 1998, p. 66) – é aqui compartilhada, para que seja possível a compreensão da dinâmica das famílias entrevistadas. As alterações emocionais, financeiras, as mudanças de cidade, as trajetórias escolares e profissionais da família, a renda mensal, o número de filhos em cada família, o capital cultural e simbólico, as diferenças individuais de cada filho poderiam servir como referência para explicar os diferentes desempenhos escolares e as diferentes práticas educativas.

Para os pais – cujos filhos apresentam resultados escolares compatíveis com suas expectativas de escolarização – as práticas educativas encontram-se voltadas a fornecer apoio e reforço verbal em função do bom desempenho. Os filhos foram considerados “excelentes”; “esforçados” e “dedicados” como alunos, colocando os pais numa posição de “não precisarem preocupar-se”, pois os filhos cumprem o que é esperado para eles. Já nos casos dos filhos cujo desempenho é desfavorável, o conceito dos pais em relação aos mesmos concentra-se na utilização de termos como: “atrasados”; “preguiçosos”; “lentos” e “desinteressados,” evidenciando-se uma “preocupação maior” com o controle e investimento de práticas que objetivem a mudança dos resultados escolares e a permanência na escola, configurados basicamente por castigos físicos, proibições e aumento do tempo de estudo.

Porém, torna-se fundamental ressaltar que as diferenças (pouco significativas) no desempenho escolar, não forneceram subsídios suficientes para servir como indicativo de alterações nos projetos de escolaridade prolongada para os filhos e na superação das condições social, econômica e profissional dos pais.

As práticas educativas das famílias estudadas, sejam elas da ordem dos esforços, da moral doméstica ou de outra forma de investimento escolar familiar, mostram-se mais utilizadas pelas mães. Porém, os pais não manifestaram desacordo a essa prevalência materna e tampouco isenção ou descomprometimento com a sua tarefa educativa. Nesse sentido, essa população reflete um comportamento observado como típico das camadas médias (Romanelli, 2000; Nogueira, 1995), na qual a mãe incumbe-se das atividades do controle e acompanhamento da escolaridade dos filhos, mas não exclui a participação dos pais.

Os discursos das famílias possibilitaram verificar que existe uma concordância quase que total entre o pai e a mãe sobre os projetos de futuro. Essa constatação permite concluir também que a organização e gerência dos assuntos domésticos; a estabilidade da união conjugal; as práticas educativas; o capital cultural familiar e a “autorização” por parte dos pais, para que os filhos superem suas condições sociais e econômicas, movidos pela lógica da renovação e transformação, podem contribuir para a construção de projetos compartilhados por ambos os pais.

CONCLUSÕES

Este estudo objetivou descrever e analisar a natureza dos projetos de futuro pessoal, escolar e profissional e das práticas educativas familiares que visam a concretização de expectativas de pais de alunos das 8^{as} séries do ensino fundamental de uma escola pública.

Para viabilizar esse estudo, procedeu-se à aplicação de um questionário junto aos alunos. Esse, possibilitou conhecer a população que se distribui nessas séries, através dos dados sobre a composição de suas famílias, renda mensal, relação com a escola e com os estudos; as expectativas dos alunos sobre o futuro, assim como a de seus pais

A suposição inicial, era a de que os alunos que freqüentam escolas públicas, seriam provenientes de famílias menos favorecidas economicamente. Porém, a caracterização demonstrou, que essa população, a despeito de estudar em escola pública, não se configura como pertencente às camadas mais empobrecidas da sociedade.

Os dados, levaram a concluir que o indicador econômico, aproxima essa população das 8^{as} séries, das camadas médias, porém, as ocupações exercidas pelos pais, é semelhante às encontradas em famílias oriundas de meios populares. Isso, devido aos critérios de classificação dos segmentos sociais empregados nessa pesquisa, representados pelos indicadores de renda mensal e ocupação profissional.

A ordenação e análise dos dados, proporcionou caracterizar esses alunos que *chegam* até as 8^{as} séries como representantes de uma minoria, pois grande parte deles apresenta adequação idade/série; menos da metade dos alunos passaram por reprovações; a renda mensal familiar da maior parte deles, caracteriza-se como

superior à seis salários mínimos; poucos são os alunos que necessitam trabalhar para auxiliar suas famílias, sendo que a maioria deles apresenta pretensões de alcançar o ensino superior. O predomínio de meninas nessa população, reflete uma questão de gênero muito relevante, pois a inserção feminina nas escolas tem se mostrado, muitas vezes superior à masculina. Dessa forma, tal população poderia ser concebida como os “sobreviventes” do ensino público, que chegam ao final do ensino fundamental, desafiando as estatísticas presentes na maioria das escolas públicas.

Como objetivou-se ouvir os pais desses alunos a respeito dos projetos de futuro para seus filhos, foram utilizados critérios para selecionar as famílias que seriam entrevistadas, representadas por um conjunto de seis unidades familiares.

As informações obtidas nas entrevistas, possibilitaram conhecer as trajetórias escolares e profissionais das famílias, o que reafirmou a caracterização das mesmas num segmento sócio-econômico *intermediário* das camadas médias e populares (utilizando os indicadores: renda mensal, ocupação e capital cultural familiar).

As seis entrevistas realizadas com os casais, somadas às informações que caracterizam os alunos das 8^{as} séries, constituem o material empírico analisado. Além disso, foram utilizados vários estudos sobre a noção de projeto e a sua relação com a unidade familiar, que forneceram os subsídios teóricos para a análise.

A seleção dos discursos, baseada no método de análise de conteúdo, visou compreender e interpretar a partir da fala dos entrevistados, suas percepções sobre a construção de projetos de futuro para os filhos e a utilização de práticas educativas; atribuindo à essa pesquisa, um caráter predominantemente fenomenológico.

Os depoimentos das seis famílias, revelam a existência de projetos de futuro, centralizados em torno da escolaridade prolongada e de escolhas profissionais que permitam aos filhos, superar a condição social, econômica e cultural dos pais. Isso aponta para uma ideologia familiar, fundamentada nas trajetórias familiares, de que a universidade capacita os indivíduos a desempenharem profissões melhores remuneradas e mais reconhecidas socialmente.

Essa ideologia, captada nos discursos dos pais, foi encontrada também nos questionários dos alunos das 8^{as} séries, o que reforça a idéia de que os valores presentes no capital simbólico da família, são repassados aos filhos, que reproduzem, neste aspecto, o mesmo discurso dos pais.

A presença de projetos escolares se fez constante nos depoimentos de todas as famílias, representando expectativas que são almejadas para todos os filhos, sem distinção de gênero. Essa questão de gênero, pareceu ser mais evidente nos discursos de algumas mães, que desejam para as filhas, profissões que permitam independência financeira, sem que para isso seja necessário interromper a escolaridade em decorrência do casamento ou de uma gravidez indesejada. Essas manifestações, demonstram claramente os padrões simbólicos de diferenciação sexual, presentes no discurso materno, que conferem a necessidade e a importância da autonomia e da independência feminina serem repassadas às filhas; sem com isso evidenciar a presença de desacordos paternos.

A possibilidade de realizar projetos que eram dos genitores e que representam a superação das condições sociais, econômicas e culturais dos mesmos, através dos filhos, caracterizou os projetos de futuro, a partir da lógica da renovação dos valores familiares, sem com isso desfigurar a história vivida pela família.

Os pais, demonstram o forte desejo de que seus filhos não repitam as suas trajetórias escolares e profissionais, assim, os "autorizam" a ultrapassar suas condições sócio-econômicas através da expansão do capital cultural. Para tanto, lançam mão de práticas educativas com os filhos, a fim de assegurarem os projetos idealizados.

Essas práticas, configuradas a partir da ordem dos esforços, da moral doméstica e do investimento escolar familiar, representam as estratégias utilizadas por essas famílias para garantir a concretização das expectativas de escolaridade prolongada e da escolha de profissões que proporcionem maior rentabilidade econômica e social. Nesse sentido, a presença materna mostra-se mais evidente, porém, a participação paterna não pareceu ser excluída. Esse fenômeno, representa também, um comportamento fortemente observado por outros pesquisadores, em estudos com famílias de camadas médias.

Parece haver um constante acordo entre os casais sobre a construção dos projetos e o uso de práticas educativas com os filhos, talvez justificado pela longevidade da união conjugal nessas famílias, que confere uma forte cumplicidade na relação desses casais.

Daí, a inclinação para que essas famílias, com uma média de três filhos, tenham optado, em comum acordo, por uma escola bem conceituada no rol das escolas públicas; mantenham os filhos afastados do trabalho para dedicarem-se aos estudos (no caso das famílias em que os filhos mais velhos trabalham, os pais afirmam que a escolaridade continua a ser a principal obrigação); e, acompanhem de forma muito presente a vida escolar dos filhos, para que esses não se afastem dos objetivos familiares.

A preocupação dos pais com os estudos dos filhos, mostra-se mais intensa nos casos em que os resultados escolares não correspondem às expectativas dos genitores. Embora, uma das questões iniciais e que representou um dos critérios de seleção da população dessa pesquisa tenha sido a do desempenho escolar diferenciado entre os filhos, os dados obtidos junto aos pais, revelam que houve pouca variação desses desempenhos, pois o número de reprovações dos filhos das seis famílias foi muito pequeno, não justificando a confirmação dessa hipótese. Talvez, devido a essa pouca variação, não evidenciou-se alterações na natureza dos projetos dos pais para os filhos cujos desempenhos escolares não correspondem aos desejados por eles. Nesses casos, os pais demonstram uma variação na utilização das práticas educativas, fazendo uso de algumas, de forma mais presente, com os filhos que apresentam mais dificuldades escolares; e, não com aqueles cuja performance escolar está de acordo com as expectativas.

Realizar um estudo como esse, permitiu, adentrar para além dos domínios puramente psicológicos que permeavam a experiência vivenciada até a presente pesquisa. Assim, ao entrar em contato com o referencial teórico dos autores consultados e com a população estudada, ampliou-se ainda mais as possibilidades de relacionar Psicologia e Sociedade.

Torna-se importante ressaltar, que a análise desenvolvida nesse estudo, não pretende esgotar todas as questões significativas presentes nas informações dos

AP/

entrevistados, pois algumas lacunas e questionamentos nem sempre são passíveis de serem respondidos.

Um desses questionamentos a serem apontados, é o fato das entrevistas terem sido realizadas com os casais, pois pretendia-se apreender a natureza dos projetos maternos e paternos para os filhos. Talvez a concordância tão intensa entre os projetos das mães e dos pais, tenha ocorrido por um viés devido à presença de ambos nas entrevistas. Se os pais fossem entrevistados separadamente, a discordância talvez, pudesse se fazer presente.

Dessa forma, e como sugestão à futuras pesquisas, indica-se a realização das entrevistas em dois momentos: primeiro, com cada um dos pais individualmente e, posteriormente, com o casal reunido (incluindo a possibilidade de entrevistar famílias que não se configuram apenas no modelo de família nuclear). Também sugere-se, entrevistar os filhos, para que as informações sobre os próprios projetos de futuro, sejam analisadas conjuntamente aos projetos manifestados pelos pais.

Portanto, a continuidade de estudos sobre as expectativas de futuro que os pais possuem para os filhos, permitirá, cada vez mais a compreensão da relação familiar, em seus diferentes segmentos sociais, com a construção de projetos permeados pelo capital cultural, econômico, enfim, simbólico, presentes nos diferentes arranjos familiares.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARIÈS, Philippe. **História Social da Criança e da Família**. Rio de Janeiro: 2. ed. LTC-Livros Técnicos e Científicos, 1981.

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1991.

BETTELHEIM, Bruno. **Uma vida para seu filho – pais bons o bastante**. Rio de Janeiro: Campus, 1989.

BOURDIEU, Pierre. **O Poder Simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.

_____. **A Economia das Trocas Simbólicas**. São Paulo: 3.ed. Perspectiva, 1992.

_____. **Escritos de Educação**. Rio de Janeiro: Vozes, 1998.

BOWLBY, John. **Uma base segura – aplicações clínicas da teoria do apego**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.

BRUSCHINI, Cristina. **Mulher, Casa e Família: cotidiano nas camadas médias paulistas**. São Paulo: Fundação Carlos Chagas, Vértice, 1990.

CAPALPO, Creusa. **Metodologia das Ciências Sociais – A Fenomenologia de Alfred Schutz**. Rio de Janeiro: Antares, 1979.

CONNELL, R.W.; ASHENDEN, D.J.; KESSLER, S. & DOWSETT, G.W.
Estabelecendo a Diferença: Escolas, Famílias e Divisão Social. Porto Alegre:
7. ed. Artes Médicas, 1995.

COSTA, Jurandir Freire. **Ordem médica e norma familiar.** Rio de Janeiro: Graal,
1983.

D'ÁVILA, José Luis Piôto. Trajetória escolar: investimento familiar e determinação de
classe. **Educação & Sociedade**, ano XIX, n. 62, abr. 1998.

GIL, A.C. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social.** São Paulo: Atlas, 1987.

GOMES, S. R. De que famílias vêm nossos alunos? **A escola e seus alunos –
estudos sobre a diversidade cultural.** Cad. Pesq. N.102, nov. 1998.

KUDE, V.M.M. O Método Fenomenológico na Pesquisa em Ciências Humanas.
Revista Educação. Porto Alegre, ano XXI, n.37, mar. 1999.

LAHIRE, Bernard. **Sucesso Escolar nos Meios Populares – As razões do
improvável.** São Paulo: Ática, 1997.

LOVISOLO, Hugo. Escola e Família – constelação imperfeita. **Ciência Hoje.** vol. 06,
n.31, maio, 1987.

MACHADO, Nilson José. **Ensaio Transversais: Cidadania e Educação.** São
Paulo: Escrituras, 1997.

MARTINS, G. A. **Metodologia da Pesquisa em administração**. Anais da XVII Reunião da ANDAP. Salvador, 1993.

MARZOLA, N. Escola e Classes Populares. **Série Alfabetização**. Porto Alegre: Kuarup, 1994.

MORAES, R. Análise de Conteúdo. In: **Revista Educação**. Porto Alegre, ano XXII, n.37, mar. 1999.

NOGUEIRA, Maria Alice. Famílias de Camadas Médias e a Escola: bases preliminares para um objeto em construção. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, 20 (1): 9-25, jan./jun. 1995.

_____. Relação Família-Escola: Novo Objeto na Sociologia da Educação. **Paidéia – Cadernos de Psicologia e Educação**, FFCLRP – USP, Ribeirão Preto, v. 8, n. 14/15, fev./ago. 1998.

POSTER, M. Modelos de estrutura da família. In: **Teoria crítica da família**. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

REIS, José Roberto T. Família, emoção e ideologia. **Psicologia Social – O Homem em Movimento**. São Paulo: Brasiliense, 1987.

ROMANELLI, Geraldo. **Famílias de Camadas Médias: A Trajetória da Modernidade**. Universidade de São Paulo. (Tese de Doutorado em Ciências Sociais) São Paulo, 1986.

_____. O significado da escolarização superior para duas gerações de famílias de camadas médias. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, v. 76, n. 184, set.-dez., p. 445-548.

_____. Famílias de camadas médias e escolarização superior dos filhos – O estudante-trabalhador. *In.*: **Família & Escola: trajetórias de escolarização em camadas médias e populares**. Petrópolis: Vozes, 2000.

RUBIN, H.J. & RUBIN, I.S. **Qualitative interviewing: the art of hearing data**. Thousand Oaks: Sage, 1995.

SACRISTÁN, J. Gimeno, **Poderes Instáveis em Educação**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1999.

SARTI, A. C. **A família como espelho – um estudo sobre a moral dos pobres**. Campinas: Autores Associados, 1995.

SCHUTZ, Alfred. **Fenomenologia e Relações Sociais**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1979.

SOARES-LUCCHIARI, Dulce Helena. Os desejos familiares e a escolha profissional dos filhos. **Revista de Ciências Humanas**. Florianópolis, v.14, n.20, 1996.

_____. O projeto profissional do jovem e a influência da família. **I Simpósio Brasileiro de Orientação Vocacional Operacional**. Porto Alegre, p.24-27, 12 novembro 1993.

_____. **Uma abordagem genealógica da escolha profissional.** Texto elaborado para alunos do curso de Psicologia da UFSC, Florianópolis, 1996.

VELHO, Gilberto. **Projeto e Metamorfose – Antropologia das Sociedades Complexas.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

_____. **Individualismo e Cultura – Notas para uma Antropologia da Sociedade Contemporânea.** Rio de Janeiro: 4. ed. Jorge Zahar Editor, 1997.

VIANA, Maria José Braga. **Longevidade Escolar Em Famílias De Camadas Populares: Algumas Condições De Possibilidade.** Universidade Federal de Minas Gerais. (Tese de Doutorado em Educação) Belo Horizonte, 1998.

ZAGO, Nadir. Relação escola-família nas classes populares: um panorama das pesquisas. *In.*: **Leituras e imagens.** Florianópolis: UDESC – FAED, 1995.

_____. Processos de escolarização nos meios populares – As contradições da obrigatoriedade escolar. *In.*: **Família & Escola: Trejetórias de escolarização em camadas médias e populares.** Petrópolis: Vozes, 2000.

ANEXOS

ANEXO 1

CARTA ENVIADA AOS PAIS DOS ALUNOS DAS 8^{as} SÉRIES.

Florianópolis, 01 de setembro de 1999.

Senhores Pais;

Venho por meio desta informar que estou realizando uma pesquisa com alunos e pais de alunos das oitavas séries nesta escola.

Sou professora universitária e faço mestrado na Universidade Federal – UFSC.

Gostaria de entrar em contato com vocês para conversarmos e para isso pediria que vocês fizessem a escolha do horário mais adequado para que eu os procure.

Atenciosamente,

Prof. Marina Menezes.

Por favor, assinalem o horário da sua preferência e enviem de volta à escola:

Manhã:.....

Tarde:.....

Noite:.....

Ass:.....

ANEXO 2**QUESTIONÁRIO APLICADO COM OS ALUNOS****FICHA DE ATUALIZAÇÃO DO ALUNO:**

Série em que estuda:.....

Nome:.....

Data de Nascimento:.....

Idade:.....

Endereço:.....

.....Bairro:.....Telefone:.....

Nome do pai:.....

Nome da mãe:.....

Você tem irmãos? Quantos?.....

Qual a posição dos filhos na sua família ? (Idade e sexo).....

Com quem você mora atualmente?.....

Profissão do pai:.....

Profissão da Mãe:.....

Você trabalha ou trabalhou ? Com que idade começou ? Em que atividade ?.....

.....
.....

Seu trabalho interfere nos estudos?.....

.....

Você sabe qual é a renda mensal de sua família ?

- () menos de 1 salário mínimo
- () 1 salário mínimo
- () entre 1 e 2 salários mínimos
- () entre 2 e 3 salários mínimos
- () entre 3 e 4 salários mínimos
- () entre 4 e 5 salários mínimos
- () entre 5 e 6 salários mínimos
- () entre 6 e 7 salários mínimos
- () acima de 8 salários mínimos

Por que você estuda nesta escola?.....

.....
.....
.....

O que é estudar para você ?.....

.....
.....

Você reprovou alguma vez ? Em que série ?.....

.....

Por que você reprovou?.....

.....

.....

Você já teve que interromper seus estudos ? Quanto tempo e por quê ?.....

.....

.....

Quais as suas matérias preferidas ? Por quê?.....

.....

.....

.....

Como você se considera como aluno ?.....

.....

.....

.....

.....

Você estuda em sua casa ? De que maneira ?.....

.....

.....

.....

Alguém costuma ajudar você nos estudos ? Quem e de que forma ?.....

.....

.....

.....

.....

Você pretende continuar estudando ? Até quando ?.....

.....

.....

.....

Que profissão você gostaria de seguir ? Por quê ?.....

.....

.....

.....

O que você acha que seus pais pensam para o seu futuro ?.....

.....

.....

.....

ANEXO 3**ROTEIRO DE ENTREVISTA COM AS FAMÍLIAS****ROTEIRO DE ENTREVISTA****Pai:**.....

Idade:.....

Profissão:.....

Renda mensal:.....

Escolaridade:.....

Religião:.....

Procedência da família paterna:.....

Escolaridade avô paterno:.....

avó paterna:.....

Profissão avô paterno:.....

avó paterna:.....

Número de irmãos:.....

Profissão dos irmãos:.....

Escolaridade dos irmãos:.....

Mãe:.....

Idade:.....

Profissão:.....

Renda mensal:.....

Escolaridade:.....

Religião:.....

Procedência da família materna:.....

Escolaridade avô materno:.....

avó materna:.....

Profissão avô materno:.....

avó materna:.....

Número de irmãos:.....

Profissão dos irmãos:.....

Escolaridade dos irmãos:.....

Número de filhos:.....

Filho (a):.....

Idade:.....

Escolaridade:.....

Filho (a):.....

Idade:.....

Escolaridade:.....

Filho (a):.....

Idade:.....

Escolaridade:.....

Endereço atual:.....

Casa própria:.....

Filhos trabalhando:.....

Filhos estudando:.....

Renda familiar:.....

Pessoas que residem na casa:.....

.....

Trajetória escolar e profissional do pai:.....

.....

.....

Trajetória escolar e profissional da mãe:.....

.....

.....

Descrição da rotina diária da família:.....

.....

.....

.....

1- Houve planejamento familiar (filhos) ?

2- Em virtude do nascimento do (s) filho(s), os pais tiveram que alterar o ritmo de trabalho ou estudos ?

3- Antes do casamento, os pais tinham projetos de futuro para si ?

- 4- Após o casamento, foram modificados estes projetos?
- 5- Os pais têm aspirações de futuro para o(s) seu(s) filho(s) ?
- 6- Qual a opinião dos pais sobre o desempenho escolar do(s) filho(s) ? E o comportamento destes em relação à sua vida escolar ?
- 7- Os pais mantêm contato com a escola do(s) filho(s) ? De que forma ?
- 8- Por que o(s) filho(s) estuda(m) nesta escola ?
- 9- O(s) filho(s) possuem hábitos de estudo ? Quais ?
- 10- Alguém auxilia a(s) criança(s) nas atividades escolares ? De que forma ?
- 11- Como os pais projetam o futuro escolar e profissional do(s) filho(s) ?
- 12- Os pais utilizam alguma(s) prática(s) educativa(s) para que o(s) filho(s) possa(m) alcançar as aspirações que planejam para eles ?
- 13- Em virtude do desempenho escolar do(s) filho(s), os pais modificaram algo na rotina doméstica?
- 14- Os pais consideram que o(s) filho(s) terão condições de alcançar as aspirações que os pais têm para eles?
- 15- Até que série o(s) filho(s) terão condições de estudar ?
- 16- O(s) filho(s) costuma(m) expor para os pais sua(s) própria(s) aspirações sobre o futuro?
- 17- Os projetos dos pais estão de acordo com o que o(s) filho(s) verbalizam sobre seu próprio futuro ?

18- Os pais costumam conversar com o(s) filho(s) sobre seu futuro ?

19- O(s) filho(s) opinam sobre o planejamento de seu futuro ?

ANEXO 4

Tabela 1: Sexo

<i>SEXO</i>	<i>%</i>
MASCULINO	38,30
FEMININO	61,70

Tabela 2: Idade

<i>IDADE</i>	<i>%</i>
13 ANOS	8,51
14 ANOS	51,06
15 ANOS	23,41
16 ANOS	8,51
17 ANOS	8,51

Tabela 3: Com quem moram

<i>COM QUEM MORAM</i>	<i>%</i>
MORAM COM OS PAIS	68,08
MORAM COM A MÃE	25,55
MORAM COM O PAI	4,25
MORAM COM PARENTES	2,12

Tabela 4: Número de irmãos

<i>NÚMERO DE IRMÃOS</i>	<i>%</i>
FILHO ÚNICO	8,51
1 IRMÃO	31,91
2 IRMÃOS	36,17
3 IRMÃOS	12,78
4 IRMÃOS	6,38
MAIS DE 4 IRMÃOS	4,25

Tabela 5: Posição dos filhos na família

<i>POSIÇÃO DOS FILHOS NA FAMÍLIA</i>	<i>%</i>
PRIMOGÊNITO	42,55
FILHO DO MEIO	19,14
PENÚLTIMO FILHO	6,38
ÚLTIMO FILHO	25,55
DESCONHECEM A POSIÇÃO QUE OCUPAM	6,38

ANEXO 5

Tabela 6: Ocupação do pai *

<i>OCUPAÇÃO DO PAI</i>	<i>%</i>
AUTÔNOMO	8,51
BARBEIRO	2,12
APOSENTADO	2,12
PEDREIRO	6,38
LETRISTA	2,12
POLICIAL MILITAR	6,38
GERENTE COMERCIAL	4,25
CONSTRUTOR	4,25
ENGENHEIRO ELETRÔNICO	2,12
COMERCIANTE	6,38
MECÂNICO	2,12
ADVOGADO	2,12
ARTISTA PLÁSTICO	2,12
ZELADOR	8,51
MONITOR ESCOLAR	2,12
FUNCIONÁRIO PÚBLICO	6,38
ELETRICISTA	2,12
VIGILANTE	6,38
CONSULTOR TÉCNICO	2,12
MILITAR	4,25
AUXILIAR ADMINISTRATIVO	2,12
SERRALHEIRO	2,12
VENDEDOR	2,12
FOTOLITÓGRAFO	2,12
PINTOR	2,12
NÃO SABEM	6,40

() Nomenclatura utilizada pelos alunos para classificar a ocupação profissional dos pais.*

Tabela 7: Ocupação da mãe *

OCUPAÇÃO DA MÃE	%
AUXILIAR DE DENTISTA	2,12
GERENTE DE SERVIÇOS GERAIS	2,12
COZINHEIRA	6,38
GERENTE DE MARKETING	2,12
FAXINEIRA	2,12
AUXILIAR DE JARDIM DE INFÂNCIA	2,12
COMERCIANTE	4,25
AGENTE DE VIAGENS	2,12
DO LAR	25,53
SUPERVISORA COMERCIAL	2,12
COSTUREIRA	2,12
EMPREGADA DOMÉSTICA	10,70
PROMOTORA DE VENDAS	2,12
COPEIRA	4,25
CONTADORA	2,12
ESTILISTA	2,12
VENDEDORA	4,25
FUNCIÓNÁRIA PÚBLICA	4,25
TELEFONISTA	2,12
BABÁ	2,12
BANCÁRIA	2,12
TÉCNICA DE LABORATÓRIO	2,12
ESTETICISTA	2,12
AUTÔNOMA	2,12
PAISAGISTA	2,12
NÃO SABEM	2,12

(*) *Nomenclatura utilizada pelos alunos para classificar a ocupação profissional das mães.*

ANEXO 6

Tabela 8: Alunos que trabalham

<i>ALUNOS QUE TRABALHAM</i>	<i>%</i>
NUNCA TRABALHOU	72,35
TRABALHOU	12,76
ESTÃO TRABALHANDO	14,89

Tabela 9: Idade em que começaram a trabalhar

<i>IDADE EM QUE COMEÇARAM A TRABALHAR</i>	<i>%</i>
10 ANOS	7,69
12 ANOS	23,07
13 ANOS	15,38
14 ANOS	15,38
15 ANOS	15,38
16 ANOS	7,69
17 ANOS	15,38

Tabela 10: Atividades em que trabalham ou trabalharam

<i>ATIVIDADES EM TRABALHAM OU TRABALHARAM</i>	<i>%</i>
AULAS PARTICULARES	7,69
CAIXA DE RESTAURANTE	7,69
COMERCIAIS DE TV	7,69
BABÁ	7,69
AUXILIAR DE ESCRITÓRIO	15,38
AUXILIAR DE LANCHONETE	15,38
AUXILIAR DE DESENHO	7,69
VENDEDOR	7,69
RECEPCIONISTA	7,69
SERRALHEIRO	7,69
AUXILIAR DE ZELADOR	7,69

ANEXO 7

Tabela 11: Renda mensal familiar

<i>RENDA MENSAL FAMILIAR (salário mínimo)</i>	<i>%</i>
MENOS DE 01 S.M.	0
01 S.M.	0
ENTRE 01 E 02 S.M.	4,25
ENTRE 02 E 03 S.M.	8,51
ENTRE 03 E 04 S.M.	12,76
ENTRE 04 E 05 S.M.	6,38
ENTRE 05 E 06 S.M.	8,51
ENTRE 06 E 07 S.M.	12,76
ACIMA DE 08 S.M.	25,53
NÃO SABEM	21,27

ANEXO 8

Tabela 12: Alunos repetentes

<i>ALUNOS REPETENTES</i>	<i>%</i>
ALUNOS REPETENTES	40,42
ALUNOS NÃO REPETENTES	59,58

Tabela 13: Número de reprovações e motivos atribuídos pelos alunos

<i>NÚMERO DE REPROVAÇÕES</i>	<i>%</i>	<i>MOTIVOS DAS REPROVAÇÕES</i>	<i>%</i>
1 VEZ	68,42	NÃO ESTUDAVAM	15,88
		NÃO CONSEGUIRAM RECUPERAR	5,26
		FALTA DE INTERESSE	10,52
		BAIXA FREQUÊNCIA ESCOLAR	5,26
		FALTA DE VERGONHA	5,26
		A PEDIDO DA MÃE	5,26
		MAU COMPORTAMENTO	10,52
		MUDANÇA DE COLÉGIO	5,26
2 VEZES	15,78	NÃO LEMBRAM	5,26
		DIFICULDADE EM MATEMÁTICA	10,52
		PROBLEMAS DE SAÚDE	5,26
3 VEZES	15,78	BAIXA FREQUÊNCIA ESCOLAR	5,26
		NÃO GOSTAVAM DO COLÉGIO	5,26
		AMIZADES	5,26

Tabela 14: Série em que os alunos reprovaram

<i>SÉRIE EM QUE OS ALUNOS REPROVARAM</i>	<i>%</i>
1ª SÉRIE	10,52
2ª SÉRIE	26,31
3ª SÉRIE	5,26
4ª SÉRIE	21,05
5ª SÉRIE	31,57
6ª SÉRIE	42,10
7ª SÉRIE	10,52

ANEXO 9

Tabela 15: Por que estudam nesta escola

<i>POR QUE ESTUDAM NESTA ESCOLA</i>	<i>%</i>
PRÓXIMA À RESIDÊNCIA	12,76
CONSIDERAM BOA ESCOLA	27,65
GOSTAM DA ESCOLA	12,76
TÊM PARENTES ESTUDANDO	6,38
POR MOTIVO DE REPROVAÇÃO	2,12
ENSINO GRATUITO	14,89
PRÓXIMA AO TRABALHO DOS PAIS	6,38
POR CAUSA DOS AMIGOS	2,12
VAGA DISPONÍVEL	10,73
NÃO SABEM	4,25

ANEXO 10

Tabela 16: O que significa estudar

<i>O QUE SIGNIFICA ESTUDAR</i>	<i>%</i>
GARANTIR O FUTURO	36,17
APRIMORAR CONHECIMENTOS PESSOAIS	12,76
APRENDER COISAS QUE NÃO SABEM	10,63
SER ALGUÉM	14,99
APRENDER A CONVIVER COM PESSOAS	4,25
IMPOSIÇÃO DA SOCIEDADE	2,12
ALGO NECESSÁRIO	6,38
ALCANÇAR OBJETIVOS	4,20
MELHOR COISA A SER FEITA	2,12
NÃO SABEM	6,38

Tabela 17: Como se consideram como alunos

<i>COMO SE CONSIDERAM COMO ALUNOS</i>	<i>%</i>
BOM ALUNO	51,16
REGULAR	6,38
ESFORÇADO	6,38
MALANDRO	2,12
RESPONSÁVEL	4,25
MEDIANO	4,25
NADA EXEMPLAR	2,12
MAIS OU MENOS	2,12
DEDICADO	8,51
NÃO MUITO DEDICADO	6,38
NÃO SABEM	6,38

Tabela 18: Hábitos de estudo em casa

<i>HÁBITOS DE ESTUDO EM CASA</i>	<i>%</i>
NA VÉSPERA DAS PROVAS	12,76
1 HORA POR DIA	2,12
LENDO E EXERCITANDO A MATÉRIA	38,29
2 HORAS POR DIA	2,12
AS VEZES	6,38
1 VEZ POR SEMANA	2,12
FAZENDO AS TAREFAS	2,12
SOZINHOS NO QUARTO	10,73
NÃO ESTUDAM	12,76
NÃO SABEM EXPLICAR	8,51
NÃO RESPONDERAM	2,12

Tabela 19: De quem recebem auxílio para estudar

<i>DE QUEM RECEBEM AUXÍLIO PARA ESTUDAR</i>	<i>%</i>
PAIS	6,38
SOMENTE DO PAI	8,51
SOMENTE DA MÃE	10,73
IRMÃO (A)	6,38
PRIMO (A)	4,25
NAMORADO (A)	2,12
COLEGAS	2,12
NÃO RECEBEM AJUDA	59,57

ANEXO 11

Tabela 20: Até quando pretendem estudar

<i>ATÉ QUANDO PRETENDEM ESTUDAR</i>	<i>%</i>
ATÉ CONCLUÍREM A FACULDADE	53,20
ATÉ DESCOBRIREM A PRÓPRIA PROFISSÃO	8,51
ATÉ ESTABELEECEREM-SE SOCIALMENTE	2,12
ATÉ ALCANÇAREM OS PRÓPRIOS OBJETIVOS	4,25
ATÉ COMPLETAREM O 2º GRAU	8,51
ATÉ QUANDO DEUS QUISER	2,12
ATÉ QUANDO TIVEREM INTERESSE	5,38
POR MUITO TEMPO	4,25
ATÉ QUANDO FOR PRECISO	2,12
ATÉ QUANDO PUDEREM	2,12
ATÉ O DOUTORADO	2,12
NÃO SABEM	2,12

Tabela 21: Profissão que gostariam de seguir

<i>PROFISSÃO QUE GOSTARIAM DE SEGUIR</i>	<i>%</i>
PROFESSOR	2,12
JOGADOR DE FUTEBOL	4,25
PILOTO	2,12
POLICIAL MILITAR	2,12
ADVOGADO	12,76
ENGENHEIRO CIVIL, ELETRÔNICO, QUÍMICO, NAVAL	12,76
VETERINÁRIO	2,12
ODONTÓLOGO	2,12
MÉDICO	6,51
PSICÓLOGO	8,51
ESTILISTA	2,12
DEPUTADO	2,12
JORNALISTA	4,25
PUBLICITÁRIO	2,12
CONTADOR	2,12
ARQUITETO	6,38
MÚSICO	2,12
HOTELEIRO	2,12
BIOLÓGO	2,12
NÃO SABEM	19,14

ANEXO 12

Tabela 22: O que seus pais pensam para o futuro de vocês

<i>O QUE SEUS PAIS PENSAM PARA O FUTURO DE VOCÊS</i>	<i>%</i>
FELICIDADE E REALIZAÇÃO	21,27
QUE NÃO HAJA DESEMPREGO	2,12
PODER SEGUIR A PRÓPRIA ESCOLHA	8,60
NÃO TER ENVOLVIMENTO COM DROGAS OU DOENÇAS	2,12
UM FUTURO BOM SEM MUITO TRABALHO	2,12
COMPLETAR O 2º GRAU	2,12
PROFISSÃO BOA E TRABALHO	10,63
TERMINAR OS ESTUDOS	2,12
TER O QUE ELES NÃO TIVERAM	8,51
UMA VIDA SEM VIOLÊNCIA E FELIZ	2,12
NADA	2,12
OBEDIÊNCIA ENQUANTO FILHO	2,12
O MELHOR PARA SEU FILHO	14,89
FAZER O QUE SE GOSTA	2,12
NÃO SABEM	17,02